



EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

**ALEGRIA
DECERER
VIVER**

Conferências do Padre François Varillon



1.ª EDIÇÃO - SETEMBRO 2003





ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
1. ^a Reunião - A questão do sentido	5
2. ^a Reunião - Cristo revela quem é o homem e quem é Deus	15
3. ^a Reunião - As Bem-Aventuranças	29
4. ^a Reunião - O Mistério da Redenção	45
5. ^a Reunião - A Ressurreição de Cristo: Um facto histórico ...	57
6. ^a Reunião - A Igreja, visibilidade do dom de Deus	71
7. ^a Reunião - Viver o Evangelho na sua integridade	83
8. ^a Reunião - A Eucaristia	103
Epílogo	119



INTRODUÇÃO

Com a intenção de alargar o leque das ofertas, no âmbito do estudo do tema, em contacto com a Supra Região de França, conseguiu-se obter este tema, baseado no livro de François Varillon, que depois de traduzido está à disposição de todas as equipas

O livro “*Alegria de Crer e Alegria de Viver*” é uma compilação de diferentes conferências que o Padre Varillon fez nas dioceses do Sul de França no decorrer dos anos 70. Uma forma em tudo coerente com a doutrina Cristã proposta à nossa reflexão.

Numerosas questões são aqui abordadas numa linguagem clara e acessível a todos. Não podemos, no entanto, ter a pretensão de estudar em oito reuniões todos os assuntos abordados no livro. Tivemos, por isso, que escolher aqueles que nos pareceram mais urgentes nos tempos de turbulência em que vivemos, e ao mesmo tempo, dar ao leitor o desejo de ir mais longe no seu conhecimento da Fé.

Cada uma das reuniões é composta por:

- I. Tema de estudo.
- II. Pistas de reflexão para ajudar ao debate na reunião de equipa.
- III. Texto de meditação para a oração em equipa.
- IV. Sugestões para o Dever de se Sentar.

É importante frisar que o pensamento do Padre Varillon em “*Alegria de Crer, Alegria de Viver*” se dirige ao grande público, embora comporte alguns temas mais teológicos e filosóficos que podem desencorajar alguns leitores mais inexperientes e menos conhecedores destes assuntos. Desta forma, este documento também não será aconselhável a todos, principalmente às equipas mais jovens que entraram recentemente para o Movimento.

Enfim, ficaremos muito reconhecidos a todos os que queiram estudar este tema, pedindo que nos façam chegar as vossas reações, críticas e sugestões no fim do ano para que se possa proceder às eventuais correcções ou alterações numa futura edição.

Antecipadamente gratos.

A Equipa Supra Regional

Setembro de 2003



1.ª REUNIÃO

ALEGRIA DE CRER **A QUESTÃO DO SENTIDO** ALEGRIA DE VIVER

I. TEMA DE ESTUDO

Uma situação de crise, como a que actualmente atravessamos, resulta benéfica. Sei que uma crise pode ser mortal, mas também se dão crises de crescimento.

Péguy distinguia, nas nossas existências individuais tal como na história das civilizações, os períodos e as épocas. Um período é um espaço de tempo durante o qual não acontece nada importante: os indivíduos e as colectividades vivem ao seu ritmo, sem se verem constringidos a tomar decisões importantes. A época é um tempo em que acontece qualquer coisa. Em que a liberdade, que é o essencial do homem, se sente interpelada, torna-se-lhe impossível dormir. Uma época é verdadeiramente um momento crucial da história, em que é preciso, a todo o custo, sair do letargo. Não serão os dorminhocos a entrar no Reino de Deus.

Estamos a viver uma época, não há dúvida. Temos decisões importantes a tomar e não podemos iludi-las. Decisão é uma palavra que me ouvirão dizer com bastante frequência: nós valemos o que valem as nossas decisões; pequenas ou grandes, é pelas nossas decisões que nós somos autenticamente homens.

Uma época de crise, como a nossa, deve ser ao mesmo tempo de vigilância (há crises mortais) e optimismo. Tanto mais que nós sabemos de sobra, e não vou insistir nisto, que a presente crise não é só eclesial: é uma crise de civilização, da qual a Igreja, como é normal, sofre o contragolpe.

Em duas palavras: o que caracteriza a crise da civilização actual é a existência de um desnível entre o domínio crescente do homem sobre o conjunto dos meios de que dispõe (técnicos, económicos, políticos, etc.) e a ausência, cada vez mais sentida, de objectivos comuns. Existe hoje em dia um conhecimento, um progresso crescente ao nível dos meios e uma absurdidade no plano dos objectivos. Vai-se à Lua, como dizia André Malraux: se é para nela se suicidarem, isso não adianta nada. Tem-se em vista o bem estar, mas com que motivo? Para fazer (ou para ser) o quê?

A vida tem sentido? ¹

A interrogação que assalta todo o homem é a do sentido da existência. É Paul Ricoeur quem escreve: “*É muito verdade que os homens sentem a ausência de justiça e de amor, mas talvez sintam ainda mais a ausência de significados*”. Afinal, o que é que tudo isto quer dizer?

A questão mais fundamental da filosofia é a seguinte: porque é que existe alguma coisa e não o nada? Na prática esta questão vem a ser: Por que motivo é preciso que exista um crescimento, um poder, um ser mais? A que é que isso leva? E é esta toda a questão do sentido e do sem-sentido da vida.

Sentido, segundo a dupla acepção da palavra: sentido como direcção, por exemplo, o sentido de um rio ou o sentido único duma rua; e sentido como significado, por exemplo, o sentido duma frase. Qual a direcção da nossa existência, para onde vamos? E qual o seu significado, o que é que isso quer dizer?

Muitas coisas têm sentido, felizmente! A amizade tem um sentido, o amor tem um sentido, a cultura tem um sentido, o progresso económico e social, o progresso da justiça no mundo, tudo isso tem um sentido. Em todo o lado se encontra sentido.

Mas existe também o sem-sentido. Aquela rapariga de vinte anos que fui ver ao hospital faz-me saber que foi informada do seu estado: é vítima de um cancro e vai morrer dentro de alguns meses, se bem que seja muito bonita, cheia de talento e com um futuro magnífico em perspectiva. Para ela e para os seus, o facto de ser ceifada aos vinte anos é absurdo, não tem sentido. Diz-me: “*Estou revoltada*”. Bem longe de me escandalizar com a sua revolta, respondo-lhe: “*Eu também estou revoltado*”. Fica espantada, pois pensava que eu iria dizer-lhe que a revolta era um pecado. Perante o sem-sentido, perante o absurdo, a revolta é uma atitude sã.

Esse pai de família com quatro filhos, que morre de repente por causa de um gesto em falso com o travão numa estrada molhada, é absurdo. Um marremoto e eis reduzido à fome milhares e milhares de paquistaneses, é um absurdo, não tem sentido.

Como é que querem evitar que se levante o problema de saber o que irá finalmente prevalecer, o sentido ou o sem-sentido? Sairá vencedor o sem-sentido? Será a morte o fim de tudo. Será a morte uma barreira onde vai embater tudo que já tem sentido, e vamos nós ser constrangidos a dizer com

¹ Como ele escreve em *L'humilité de Dieu*, p. 34, o Padre VARILLON inspira-se aqui num artigo do Padre E. POUSSET aparecido em *Études* (Setembro de 1967).

Paul Valéry: “*Tudo caminha para debaixo da terra e entra no jogo*”²? O jogo da natureza: os nossos cadáveres servirão de estrume para os legumes dos nossos netos!

Em termos um pouco mais filosóficos, a nossa liberdade, essa magnífica liberdade que nos permite sobressair entre os seres da natureza, será finalmente vencida pela natureza? Eu penso que não se pode iludir a questão do sentido.

É possível não se prestar atenção a isto, certamente, e estamos rodeados de pessoas que se enredam nos sentidos parciais da existência: o amor, a amizade, a cultura, o progresso económico e político. Pascal diria: divertem-se. Por outras palavras, vivem de maneira superficial. É possível não se prestar atenção à questão fundamental, mas ela apresenta-se iniludivelmente, desde que se lhe preste atenção.

O cristianismo aparece como resposta a esta interrogação que nos define como ser humano. Ser cristão é acreditar na resposta que Deus dá em Jesus Cristo a esta interrogação humana. A fé cristã faz de nós adversários do absurdo ou do sem-sentido, e converte-nos em profetas do sentido. Ou, se preferem, testemunhas do sentido.

Ser cristão é poder dar um segundo sentido, muito mais profundo, ao que já tem sentido (como a amizade, o amor, a cultura, a música, até a simples camaradagem) e é poder dar um sentido ao que não o tem. Era o que eu dizia àquela rapariga do hospital, num segundo momento, depois de ter experimentado com ela a revolta contra o sem-sentido da sua morte prematura: “*Vamos ficar por aqui? Acreditas que podes dar tu própria um sentido a este acontecimento da morte que, de facto, é absurdo e sem sentido? Não está precisamente a grandeza da nossa liberdade em que o sentido não esteja nas coisas mas que corresponda a cada um de nós dar sentido ao que não o tem?*”

Distinguir entre indiferença e dúvida

Gostaria, agora, fazendo um parêntesis, de deixar bem clara a distinção necessária entre indiferença e dúvida. Temos de compreender aqueles a quem eu chamo duvidadores sinceros, digamos, os que andam “*em busca*”. O que tem dúvidas não rejeita Cristo, desconhece, hesita.

A indiferença é uma coisa diferente. Não querer saber onde se situa o nível mais alto da existência, “*divertir-se*” para fugir à questão do sentido da vida, para abafar a voz da consciência, que não pode deixar de se ouvir,

² Paul VALÉRY, *Le Cimetière marin*.

por muito pouco atento que se esteja, é isto a indiferença. Não julgemos ninguém, porque não podemos saber se alguém é verdadeira e totalmente indiferente. Digamos somente que, se o indiferente total existe (só Deus o sabe), é inumano ou desumanizado.

No que respeita à dúvida, devemos ser muito prudentes. Como afirma Jean Lacroix, *“se muitos dos nossos contemporâneos mantêm em relação aos dogmas (“verdades” de fé) uma incerteza parcial ou mesmo total, é muitas vezes porque não podem, em consciência, agir de outro modo”*. Todo o acto humano, para que seja humano, deve ser justificado, inclusive e sobretudo o acto de crer. Todos os teólogos têm afirmado que é normal que tenhamos a compreensão da nossa fé, que procuremos entender aquilo em que acreditamos. A nossa razão tem o seu papel, e um papel importante, no acto de acreditar. Nós não somos fideístas, sendo o fideísmo uma atitude segundo a qual a razão não tem lugar no acto de fé.

Como escreve ainda Jean Lacroix: *“Não há nada pior que uma intelectualidade, sem espiritualidade, a não ser uma espiritualidade sem intelectualidade (não se trata de uma intelectualidade superior reservada a espíritos particularmente inteligentes, mas da intelectualidade muito simples daquele que procura fundamentar a sua fé, dar razão dela). Por reacção contra um intelectualismo dessecado (que foi o estilo duma determinada catequese durante longos anos), muitos gabam-se, hoje em dia, de voltarem a uma fé pura que não necessitaria de nenhuma espécie de explicação... É esquecer (e isto é fundamental) que os fideísmos destroem a fé tão certamente como os tradicionalismos acabam com a Tradição. Negam qualquer diálogo e depressa caem na violência e na irracionalidade (ou na ninharia)”*³.

Aquele que no estado actual das suas certezas, pôs toda a sua honestidade na reflexão religiosa e não encontra decididamente motivos para acreditar, não só não devemos atirar-lhe pedras como temos de lhe dizer: tem razão. Ninguém tem o direito de confessar o que a Igreja confessa senão vir que, em consciência, tem o dever de confessá-lo.

S. Tomás de Aquino (ele é, apesar de tudo, uma referência importante em matéria de tradição teológica da Igreja) não tinha medo de dizer: *“Acreditar em Cristo é, em si, uma coisa boa, mas constitui uma falta moral crer em Cristo se a razão considera que esse acto é mau. Cada um deve obedecer à sua consciência mesmo que seja errónea”*⁴. Bem entendido – isto é evidente, mas vale mais dizê-lo –, o erro não deve ser voluntário, a não ser que o seja indirectamente, por negligência.

³ Jean LACROIX, *Le personnalisme comme anti-idéologie*.

⁴ S. TOMÁS DE AQUINO, *la Ilae q. 19 art. 5*.

Falo daqueles que duvidam porque desejam, antes de mais, ser honestos, com a coragem que exige a honestidade. Eles são talvez as testemunhas dolorosas da mediocridade dos cristãos: mediocridade intelectual, se não trabalharmos em purificar as nossas crenças dos aspectos míticos que elas arrastam inevitavelmente (quantos, por exemplo, ostentam uma adoração a Deus que, na realidade, não é mais do que uma adoração camuflada da autoridade ou do poder!); mediocridade moral, se interpretarmos o Evangelho no sentido da facilidade (quantos, por exemplo, confundem caridade e esmola ou ainda amor e sentimento, e se tornam, por isso, incapazes de compreender o sentido real da palavra de S. João: *“Deus é Amor”!*).

Aqueles que duvidam por honestidade de consciência, recusam aderir às verdades da fé enquanto não vêem claro. Recusam contentar-se com uma fé ingénuo e, de certo modo, pré-crítica. O mais importante é que eles não passam junto do Himalaia declarando que não há nada a assinalar. Porque não se pode deixar de reconhecer que o grande movimento judaico — cristão, desde Abraão, encerra riquezas consideráveis. É preciso pedir-lhes que, ao menos, sejam capazes de admirar, mas ao mesmo tempo deve-se compreender que eles podem muito bem admirar sem estar convencidos e que as suas reticências não são por isso susceptíveis de suspeita.

O duvidador sincero não é o céptico que coloca a desconfiança como princípio, o que equivale a uma doença da inteligência. Também não é o homem que tem medo a comprometer-se e que, por causa desse medo, se refugia na dúvida teórica: nesse caso, trata-se de uma doença da vontade. Duvidas porque tens medo do compromisso? A fé é um compromisso, não unicamente uma opinião: não se crê que Deus existe como se acredita que existem discos voadores ou que os não há. Se Deus existe, é absolutamente essencial comprometer-se com Ele, comprometer-Lhe o íntimo do ser.

É evidente que existem hoje em dia muitas doenças do espírito e muitas doenças da vontade. O grande mal está em não se lhes prestar atenção, em não deixar que saia de si mesmo a interrogação fundamental sobre o sentido último da existência humana ou, o que vem a ser o mesmo, em não procurar discernir o essencial da fé.

O essencial do essencial

Porque existe um essencial. Não sou eu que o digo, é o último Concílio Vaticano II: *“... existe uma ordem ou “hierarquia” das verdades da doutrina católica, já que o nexa delas com o fundamento da fé cristã é diferente”*⁵.

⁵ VATICANO II, *Decreto sobre o Ecumenismo*, n.º 11.

Dito por outras palavras, não se trata de colocar tudo no mesmo nível. Gostaria muito de lhes fazer uma conferência sobre os anjos mas tenho de lhes dizer, antes de mais, que a questão dos anjos é muito menos essencial do que o mistério da Trindade. Mesmo os dogmas que concernem a Virgem Maria são muito mais importantes do que os anjos, mas são igualmente menos importantes que a Trindade e a Encarnação. Ou antes, se a Virgem Maria é importante, é-o em função da Trindade e da Encarnação, porque Ela é a Mãe de Jesus Cristo.

Eu não digo que exista o essencial e o acessório, porque penso que, quando se compreendem as coisas, deixa de haver o acessório. Mas o que eu digo é que existe, mesmo assim, o essencial e o que é menos essencial, o que está ligado ao essencial de modo mais ou menos directo. Ora, o que falta na hora actual é a capacidade de discernir o essencial da fé, ou melhor, o essencial do essencial.

O que eu gostava é que os cristãos fossem capazes de responder em duas linhas à pergunta: afinal, em que acreditam? E, da mesma maneira, gostaria que o não-crente pudesse também responder em duas linhas à pergunta: o que é que tu não crês?; em que é que, exactamente, recusas acreditar?

Aquilo em que nós acreditamos é a resposta que Deus dá à interrogação iniludível sobre o sentido da existência! Esta resposta está toda ela contida numa máxima tradicional na Igreja desde os primeiros séculos; parece que o primeiro a utilizá-la foi Santo Ireneu, bispo de Lyon, morto cerca do ano 200; e nunca deixou de ser repetida e comentada pelos Padres da Igreja, tanto no Oriente como no Ocidente.

Vou citá-la em latim, para que conserve a marca da sua autenticidade: *“Deus homo factus est ut homo fieret Deus”*, quer dizer: *“Deus fez-Se homem para que o homem se torne Deus”*.

É mesmo isto o essencial da vossa fé? Se, ao ouvirem esta pequena frase, acharem que há nela um exagero, essa reacção significa que ainda não captaram o essencial da fé. Acontece com frequência fazer-se esta pergunta: *“Não consiste precisamente o pecado original em querer tornar-se Deus?”*. Há nisto um equívoco terrível: sim, o pecado original é pretender por suas próprias forças tornar-se o que Deus é. Mas o que não é o pecado original e constitui o essencial da fé, é que nós devemos acolher este dom absolutamente inaudito da nossa divinização.

Já reflectiram suficientemente de modo a compreender que, se não fosse assim, a Encarnação de Deus não passaria de uma visita de Deus à terra, como se vê em todas as mitologias pagãs, em que os deuses se *“passeiam”* pela terra disfarçados? Se não fosse assim, teríamos que afirmar que Deus

nos pediu emprestado o nosso traje humano para aparecer entre nós durante algum tempo, para nos pregar uma moral da qual se pode dizer, de facto, que é superior a todas as morais; depois disso, subiu ao céu, desde onde vigia o modo como procedemos cá na terra, a fim de nos recompensar, se praticarmos as virtudes cristãs, ou de nos castigar, se preferirmos viver no pecado: estamos em plena mitologia!

Não se admirem de que os nossos contemporâneos, e mais particularmente os jovens, se recusem categoricamente a entrar nisso. Se isso é a fé, o dever de um homem inteligente é sair dela o mais depressa possível. Não estou a brincar e o que digo é muito doloroso, porque tenho receio de que ainda existam homens e mulheres, mesmo entre os militantes católicos, padres e religiosas, que vivam em plena mitologia sem darem conta disso.

A máxima que lhes proponho como expressão do essencial da fé é tudo quanto há de mais tradicional na Igreja. Digo-lhes de passagem: não chame-mos tradicional àquilo que alguns de nós aprendemos no começo deste século. Há confusões que importa desfazer energicamente. Hoje em dia, há muitos que se dizem tradicionais pensando no que se lhes ensinou quando eram jovens. Mas é preciso saber que, há cinquenta anos, éramos educados numa altura em que a Igreja se encontrava bastante longe da sua própria Tradição. Isto não tem nada de escandaloso: na vida da Igreja existem momentos de baixa tensão. Um pouco como acontece na vida dum escritor: surpreendemo-nos ver, em certas passagens da sua obra, coisas que estão próximas da estupidez. Ou ainda, na obra dum grande músico há momentos em que se tem a impressão de que se esquece de quem é, tão fraco se torna! Numa obra imensa, uma descida de tensão deste género é normal; em geral, não dura: o génio refaz-se muito rapidamente.

O mesmo acontece na vida da Igreja: há momentos em que se está bastante longe do essencial da Tradição. Que os mais velhos se lembrem disto: falou-se-lhes muito de S. Paulo quando eram novos? Não muito. Tinha-se medo da liberdade! Este é um exemplo entre mil. Devemos, portanto, prestar muita atenção em não confundir a Tradição da Igreja com aquilo que nós aprendemos, e que, na maior parte dos casos – e daí a crise actual – era relativamente alheio à verdadeira Tradição da Igreja (digo relativamente, porque não é preciso exagerar nada: uma descida de tensão não é um erro).

Estas duas verdades são rigorosamente correlativas: a Encarnação de Deus e a divinização do homem. Isto é absolutamente tradicional, é o núcleo da fé, o permanente, o imutável, o que nenhum contexto cultural novo pode modificar, aquilo que a Igreja não porá nunca em questão, se bem que ponha em questão o modo como formulá-lo, porque isto é mesmo preciso!

Sempre no-lo disseram, mas talvez em termos terrivelmente gastos, como se costuma dizer de um tecido que “*deixa ver o sol à transparência*”:

Graça santificante: graça quer dizer dom; e santificante quer dizer divinizante. Santo é o nome de Deus no Antigo Testamento (cf. Santo, santo, santo é o Senhor...). Por conseguinte, o que é santificante, no sentido rigoroso da palavra, é o que é divinizante. Todos nós aprendemos que há a graça santificante; esqueceram-se talvez de explicar que se tratava da nossa divinização.

Salvação: haverá uma palavra mais estafada? Foi um intelectual marxista, Gilberty Mury, quem me ajudou, por ocasião de uma semana dos Intelectuais Católicos, em Paris, a explicitar o meu pensamento sobre a salvação. Na minha opinião, esta palavra encerra quatro questões:

Quem é salvo? Quem salva? De quê? Para chegar a quê?

Eis a resposta marxista: *Quem é salvo?* O homem. *Quem salva?* O proletariado organizado em partido. *De quê?* Da alienação (injustiças, explorações, etc.). *Para chegar a quê?* À sociedade sem classes, à cidade harmoniosa e fraterna.

Depois disto, eu dei a resposta cristã: “*Quem é salvo?* O homem. *Quem salva?* Jesus Cristo. *De quê?* Da finitude da criatura (como seres finitos!), redobrada pelo pecado, alienação muito mais profunda. *Para chegar a quê?* Não à sociedade sem classes, mas a uma vida eterna divinizada, o que não exclui, por outro lado, o objectivo humano de uma sociedade mais justa e mais fraterna (digamo-lo de passagem, não seremos divinizados, não iremos para o céu – para falar como o antigo catecismo -, se, agora, não trabalharmos tanto quanto pudermos em criar um mundo mais justo, mais fraterno, mais profundamente humano. Sempre nos falou de salvação: Talvez se tivesse omitido explicar tudo isto.

Filho de Deus: esta expressão não quer só dizer criatura, mas aquele que vive da mesma vida de Deus. Um pai não dá aos seus filhos só a vida, mas a sua própria vida. Quando afirmamos que somos filhos de Deus, estamos a dizer que Deus nos dá a sua própria Vida, isto é, que Ele nos faz participantes da sua divindade. Quer dizer que nós somos, no sentido rigoroso do termo, divinizados. Podem crer que isto é sério! Neste momento, estou a dizer coisas de grande alcance: que o baptismo nos faça filhos de Deus no sentido profundo, não é de modo algum coisa de pouca importância!

Vida sobrenatural: fazei um inquérito nos vossos ambientes – paróquias, escolas, liceus: que significa esta expressão? Para uns, uma aparição da Virgem Maria em Lourdes é um fenómeno sobrenatural. Outros dirão que o sobrenatural é o que não se pode explicar na natureza: um disco voador é um fenómeno sobrenatural. Quantos cristãos sabem hoje o que esta palavra significa, de modo mais exacto: a vocação do homem a partilhar da própria vida de Deus, a ser divinizado?

Se estas palavras estão gastas, degradadas, não deixemos perder a realidade que foi ensinada, porque se trata, de facto, do essencial.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

1. Que quer dizer para nós “*ser cristão*”: é dar sentido a quem o não tem, ou é dar sentido a quem já tem algum?

2. O essencial do essencial: “*Deus fez-se homem para que o homem seja feito Deus*”. Podemos dizer que o padre Varillon fundamentou toda a sua teologia e pedagogia sobre esta frase.

- Somos nós verdadeiramente divisíveis?
- Reflectindo sobre a existência, estaremos nós convencidos de que viemos do nada?

3. Tentar dizer, por palavras nossas, o significado das seguintes frases:

- O que é a graça santificante;
- A saudação;
- Filho de Deus;
- A vida sobrenatural.

Tantas realidades que nos devem ser familiares, uma vez que pertencemos à família de Deus.

O Ministério é uma palavra ambígua, mas que tem um sentido preciso em terra cristã, caso se refira a Deus e a tudo o que lhe diga respeito.

Qual o sentido que nós lhe damos?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: Ef 2,1-6

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

“Vós estáveis mortos pelos delitos e pecados em que vivestes outrora, segundo o costume deste mundo, de acordo com o Príncipe das potestades do ar, do espírito que actua nos rebeldes.

Todos nós, também, andámos outrora entre esses, com os nossos apetites carnis, satisfazendo as tendências da carne e dos nossos sentimentos; éramos por natureza filhos da Ira, como os demais. Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, estando nós mortos pelos nossos pecados, deu-nos a vida juntamente com Cristo. É pela graça que fostes salvos. Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar lá nos Céus, em Cristo Jesus.”

IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

Nós somos baptizados, confirmados e consagrados por um ministério, aquele que nos faz testemunhas do amor de Deus para a humanidade.

* Que testemunho tentamos dar? Como? Junto de quem?

2.^a REUNIÃO

CRISTO REVELA QUEM É O HOMEM E QUEM É DEUS

I. TEMA DE ESTUDO

O sentido último da existência humana é estarmos chamados a tornar-nos Deus. Eu gostaria de ver novamente usada na Igreja a palavra divinização ou deificação. Também quanto a isso haveria uma pergunta a fazer: pode a palavra ser acolhida? São certamente necessárias algumas explicações: nós não seremos eternamente Deus como Deus é Deus, não seremos infinitos, absolutos como Ele, mas viveremos da mesma Vida que Ele. Daí a necessidade de saber em que consiste essa Vida. Diz-nos respeito: não serve de nada repetir que havemos de viver eternamente da mesma vida de Deus se não soubermos em que consiste essa vida. Deus não pode revelar-nos que a nossa vocação é tornarmo-nos o que Ele é sem nos dizer Quem Ele é; de contrário, estaria a rir-Se de nós.

O que é um mistério?

A palavra mistério pede para ser bem compreendida. Quando eu era pequeno, imaginem que me diziam que o mistério é aquilo que não se pode compreender. Ah! Nessa altura eu não era lá muito astucioso! Se eu tivesse tido um pouco de esperteza, teria retorquido: isso não deixa de ser curioso! Se Deus me fala é porque quer que eu perceba; é curioso afirmar, por um lado, que Deus me revela, por amor, a sua vida e que, por outro, não se pode compreende-l'O.

É exactamente como se eu dissesse a um de vós: sinto muita amizade e simpatia por si. Conceda-me um pouco de tempo e contar-lhe-ei toda a minha vida, aquilo de que gosto, o que faço, onde estão os meus amigos, etc. Dir-me-ia: isso é de facto muito gentil, é uma grande prova de amizade para comigo. Mas se eu me pusesse a falar chinês, que diria? Ele está completamente louco: por um lado, diz-me que, por amor, vai fazer-me entrar no segredo da sua vida e, por outro, fala-me em chinês!

Ora, é exactamente isto o que se diz quando se afirma que o mistério é aquilo que não se pode compreender. Acabam de constatar, com um exemplo preciso, o que pode ser um determinado ensino num tempo em que a Igreja

esquecera parcialmente a sua própria Tradição. Porque Santo Agostinho nunca definiu o mistério como aquilo que não se pode compreender, mas sim como aquilo que nunca se acaba de compreender, o que é muito diferente.

Um homem casado, muito feliz no seu lar, vem dizer-me ao fim de vinte anos de casamento: “*Sabe, padre, a minha mulher ainda continua a ser um mistério para mim*”. Respondo-lhe: “*Isso não quer dizer que ela seja um enigma: quer dizer que vinte anos de vida em comum não foram suficientes para conseguir penetrar até ao fundo do seu íntimo. Isso é bom, porque vai descobrir ainda, na sua mulher, profundidades impensáveis*”.

Acontece o mesmo com um trecho de Bach. Pergunto-lhes à saída de um concerto: gostaram deste concerto ou desta Fuga? Respondem-me: vamos devagarinho, trata-se de uma coisa profunda, preciso de voltar a ouvir esta peça duas, três vezes... Então, pode ser que à décima segunda vez (porque Bach não é Deus), deixe de haver mistério, mas é preciso tempo!

Deus faz-nos penetrar no seu mistério. Diz-nos respeito: não é um assunto de curiosidade intelectual, não se trata de responder a uma questão filosófica: Quem é Deus? Trata-se de saber qual é a nossa vocação: tornarmo-nos o que Ele é. Temos, portanto, de saber quem Ele é.

Por outras palavras, o sentido da vida é a nossa relação com Deus, uma relação tal que nos levará a viver eternamente da sua vida. O cristianismo é essencialmente a verdade duma relação. Temos de compreender que o contrário da verdade não é somente o erro (dois e dois são quatro: é uma verdade; dois e dois são cinco: é um erro), mas também a mentira. Há relações verdadeiras e há-as mentirosas. Se um homem diz a uma mulher que a ama e tem com ela gestos de amor, pensando noutra mulher, a relação desse homem com essa mulher é uma relação mentirosa, não é verdadeira.

Tudo, no cristianismo, existe para que a nossa relação com Deus seja uma relação verdadeira. Tudo, no cristianismo (dogma, moral, sacramentos...), tem como único objectivo garantir ou justificar a verdade da nossa relação com Deus. É evidente que, para que a nossa relação com Deus seja uma relação autêntica, precisamos de saber quem é o homem e quem é Deus, conhecer a verdade sobre o homem e a verdade sobre Deus. Apesar de tudo, não se tem uma relação verdadeira com alguém que não se conhece. É Cristo, Aquele que Se fez homem para que o homem se faça Deus, quem nos revela quem é o homem e quem é Deus.

Quem é o homem?

Se me perguntarem quem é o homem, respondo-lhes isto: o homem é um ser divinizável. É a resposta mais profunda, para além de todas as coisas tão

interessantes que nos possam dizer as ciências humanas. Sabemos bem que os estudantes se apinham às portas das faculdades de ciências humanas: psicologia, sociologia, psico-sociologia, psicanálise, etc. Tudo isso é apaixonante mas não toca na profundidade última do homem, não nos informa sobre o que é o mistério do homem, porque o homem é um mistério.

Porque é que o homem é divinizável? Muito simplesmente, porque existe um homem que é Deus. Um homem plenamente homem: o Evangelho e S. Paulo repetem-nos que Cristo é plenamente homem, excepto no pecado – é preciso acrescentar. Mas é precisamente porque não é pecador que Cristo é plenamente homem. O que nos impede de ser perfeitamente homens é o sermos pecadores.

Se existe verdadeiramente um membro do género humano, da espécie humana, que é Deus, é porque há em todos os homens uma capacidade de tornar-se o que Deus é. Se um homem é Deus, então todos podem vir a sê-lo. O mistério de todo o homem, o sentido do homem, o significado da vida humana, é a capacidade essencial do homem de se tornar o que Deus é.

Se não fosse assim, teríamos que dizer que Cristo não é um homem, que é um parêntesis na história da humanidade, um aerólito, um fenómeno caído do céu. Mas a Igreja lutou durante séculos por defender a todo o custo, contra tudo e contra todos, a humanidade de Jesus Cristo. Cristo não é, em absoluto, um parêntesis, É, pelo contrário, o Homem em plenitude. Há certamente o homem estilo Sócrates, o homem estilo Nehru, etc. Mas nós, os cristãos, acreditamos que só Cristo nos diz o que é o verdadeiro homem. Só Cristo realiza em perfeição a própria definição do homem: Ele é o Homem, e esse homem é Deus. Quer dizer, portanto, que nós não seremos perfeitamente homens senão quando formos divinizados.

Costumo tropeçar com objecções como esta: isso de que serei divinizado não me interessa nada, peço simplesmente para ser humanizado; ser Deus não me diz nada; ser autenticamente um homem, sim. É aí que se torna necessário tentar compreender que, num mesmo movimento, Cristo humaniza-nos e diviniza-nos. Não temos que escolher entre tornar-nos plenamente homens e tornar-nos o que Deus é. Quiseram encerrar-nos num dilema: ou o homem ou Deus. Se eu tivesse que escolher entre o homem e Deus, de tal maneira que um dos dois tivesse que ser excluído, eu escolheria o homem. Isso seria conforme à minha dignidade: sou um homem e tenho de tornar-me tal. Não poderia acreditar num Deus que me obrigasse a fazer esta escolha, porque esse Deus não seria mais do que um ídolo. Tornar-se o que Deus é, não significa que deixemos de ser homens.

Que diferenças existem entre Cristo e nós? Duas. A primeira é que aquilo que Ele é nós estamos destinados a sê-lo; o facto de não sermos como Ele desde a nossa concepção, mas de ter que vir a sê-l'O ao longo de toda a nossa vida, basta para estabelecer entre Ele e nós uma diferença infinita que permanecerá por toda a eternidade. A segunda é que é por Ele, e por Ele só, que viremos a sê-IO. O homem que temos de chegar a ser é Cristo, norma absoluta, tipo da humanização acabada. Não nos tornamos homens senão por Ele.

Estas duas diferenças bastam para manter uma distinção eternamente irreductível entre Cristo e nós. Jesus é o único Homem-Deus, mas todos os homens são divinizáveis; havemos de ser, verdadeiramente, aquilo que Ele é. Jesus revela-mo pelo facto único da sua existência de Homem-Deus. Antes mesmo de escutar as suas palavras, a partir do momento em que eu creio que existe um Homem-Deus, eu acredito que a minha vocação é tornar-me, também eu, divino, tornar-me o que Deus é. Como escreve G. Morel, *“tornamo-nos por participação o que Deus é por natureza”*.

Quem é Deus?

Jesus revela-nos quem é Deus: Deus é Amor. Sabemo-lo, sim; mas tomamos a sério esta afirmação? Não há dúvida de que, se existe um homem que é Deus, é porque Deus é Amor. Mal se pode imaginar a Encarnação se Deus não é Amor. De facto, a tendência profunda, o movimento profundo do amor é converter-se no ser amado, não só estar unido a ele, mas ser um com ele. É um movimento que existe já no amor humano, mas que não é plenamente realizável.

Penso que não há alegria comparável à alegria de amar. A sua medida nada tem em comum com a alegria da arte ou da investigação científica. A alegria de amar é absolutamente única, mas não existe sem sofrimento. Entrar no amor é entrar na alegria, mas é também entrar na dor, não só porque existe sempre o risco da traição, da rotina, dum esmorecimento progressivo do sentimento recíproco, mas muito mais profundamente porque o desejo profundo do amor não pode realizar-se aqui na terra: não é só tu e eu sermos um, mas que tu e eu não sejamos senão um, um só.

É isto que Deus realiza na Encarnação: torna-Se um só comigo; em Jesus Cristo, Deus não só Se une ao homem, mas é um só com ele. É o amor que se realiza em plenitude. Portanto, quando a Igreja me diz que Cristo é, ao mesmo tempo, Deus e Homem, uma só pessoa, sei então que Deus é Amor. E toda a Bíblia desenvolve este ponto.

Do poder ao amor

Toda a história da revelação é a conversão progressiva de um Deus considerado como poder a um Deus adorado como amor. É nesta perspectiva que deveríamos reler toda a Bíblia e estudar a história das religiões. É normal que o homem considere a Deus, em primeiro lugar, como o Todo-poderoso. Ponham-se no lugar dos primitivos que dão conta de que foram lançados num mundo cheio de perigos, de que a sua existência é frágil, precária, de que estão submetidos a todos os perigos das feras, das tempestades, dos sismos, das epidemias; procuram espontaneamente um poder que os proteja. Os pagãos sacralizaram tudo o que dá a impressão de poder: o raio, o Sol, as árvores, a Lua, etc. Mas a ideia de poder é muito ambígua; um poder pode fazer muito bem, mas também muito mal: há poderes que esmagam, que dominam, que nos anulam. Hitler foi, durante um certo tempo, muito poderoso; Estaline também. Vamo-nos entregar atados de pés e mãos a esse género de poder? Diante desse poder ambíguo, os pagãos tratam de o tornar favorável, de reconciliá-lo com eles, oferecendo-lhe sacrifícios, orações.

Pouco a pouco – é toda a história do Antigo Testamento – deu-se uma conversão de um Deus-poder a um Deus-amor. No seio desta evolução, os profetas revelam que Deus é vontade de justiça: vós procurais – dizem eles – atrair a onnipotência, procurais que vos seja favorável e, para isso, queimais incenso, ofereceis touros, novilhos, multiplicais festas e cerimónias, celebrais as luas novas; dizeis a vós mesmos que não tendes outro meio de atrair a vós a onnipotência senão o de praticar a justiça entre vós, porque Deus é vontade de justiça. É a grande etapa dos profetas em pleno coração do Antigo Testamento.

Finalmente, Jesus revela que Deus é amor. Esta história duma conversão progressiva de um Deus puramente onnipotência num Deus Amor, não será, no fundo, a história de cada um de nós? Não temos nós que nos converter incessantemente a um Deus que não é senão Amor? Porque dizer que Deus é Amor é afirmar que Deus não é senão Amor.

Deus não é senão Amor

Tudo se encerra no “NÃO É SENÃO”. Convido-os a passar pelo fogo da negação, porque não é senão para além dela que a verdade se revela verdadeiramente. Deus será Todo-poderoso? Não, Deus não é senão Amor, não me venham dizer que Ele é Todo-poderoso. Será Deus infinito? Não, Deus não é senão Amor, não me falem noutra coisa. Deus será Sábio? Não. Aqui têm o que eu chamo a travessia do fogo da negação: é preciso absolutamente passar por ela. A todas as perguntas que me fizerem, responderei: Não e não, Deus não é senão Amor.

Dizer que Deus é Todo-poderoso é colocar como pano de fundo um poder que pode exercer-se pelo domínio, a destruição. Há seres que são poderosos para destruir (perguntem-no a Hitler: destruiu seis milhões de judeus!). Muitos cristãos colocam a onnipotência como cenário, e mais tarde acrescentam: Deus é amor, Deus ama-nos. É falso! A onnipotência de Deus é a onnipotência do amor, o amor é que é todo-poderoso!

Por vezes, diz-se: Deus pode tudo! Não, Deus não pode tudo, Deus não pode senão o que pode o Amor. Porque Ele não é senão Amor. E sempre que nós saímos da esfera do amor, enganamo-nos sobre Deus e estamos a ponto de fabricar um qualquer Júpiter.

Espero que compreendam a diferença fundamental que existe entre um todo-poderoso que nos amasse e um amor todo-poderoso.

Um amor todo-poderoso não só não é capaz de destruir o que quer que seja, mas também é capaz de ir até à morte. Eu amo um determinado número de pessoas, mas o meu amor não é todo-poderoso: sei muito bem que não sou capaz de dar tudo por aqueles que amo, quer dizer, morrer por eles.

Em Deus não há outro poder que o do amor e Jesus diz-nos (é Ele quem nos revela quem é Deus): *“Não há maior amor do que morrer pelos amigos”* (Jo 15,13). Ele revela-nos a onnipotência do amor ao consentir morrer por nós. Quando Jesus é preso pelos soldados, manietado, amarrado, no Jardim das Oliveiras, Ele próprio nos diz que teria podido chamar uma legião de anjos para O arrancarem das mãos dos soldados. Absteve-Se, contudo, de fazê-lo, porque ter-nos-ia, então, revelado um falso Deus: ter-nos-ia revelado um Deus todo-poderoso em vez de nos revelar o verdadeiro, Aquele que chega a morrer por aqueles que ama. A morte de Cristo revela-nos o que é a onnipotência de Deus; que não é um poderio esmagador, dominador, um poderio arbitrário que nos levaria a dizer: mas o que é que Ele andará a tramar lá no alto, na sua eternidade? Não, Ele não é senão amor, mas esse amor é onnipotente.

Eu reintegro os atributos de Deus (omnipotência, sabedoria, beleza...), mas como atributos do amor. Daí que lhes proponha esta fórmula: ***“O amor não é um atributo de Deus entre outros atributos, mas os atributos de Deus são os atributos do amor”***.

O amor é:

- Onnipotente;
- Sábio;
- Belo;
- Infinito.

Que é um amor todo-poderoso? É um amor que vai até ao extremo do amor. A onnipotência do amor é a morte: ir até ao extremo do amor é morrer pelos que amamos. E é também perdoar-lhes. Se algum de nós tem a tão dolorosa experiência da discórdia no seio da família ou no círculo de amigos, saberá até que ponto é difícil perdoar verdadeiramente. É preciso que o amor seja violentamente poderoso para perdoar, realmente. Precisa-se da força poderosa do amor!

Que é um amor infinito? É um amor que não tem limites. Quanto a mim, esbarro com alguns limites no meu amor humano, nas minhas amizades humanas, mas o amor de Deus, esse, é infinito, portanto capaz de Se tornar homem permanecendo Deus. Realiza o que nós não conseguimos realizar, mesmo nos casais mais profundamente unidos (recebo bastantes confidências para saber que, na vida conjugal, se dão “flashes”, isto é, momentos rápidos, fugazes, em que marido e mulher têm a sensação de não ser mais que um, mas esse instante não dura muito: separam-se e voltam a sentir-se dois). É por isso que eu dizia que é impossível entrar no amor sem entrar na dor, se realmente se ama e se vive o que é amar, desejar ser um com o outro. O infinito de Deus não é um infinito no espaço, um oceano sem fundo e sem margens: é um amor que não tem limites!

As características do amor

A pergunta surge novamente: o que é o amor? Não se trata de ser sentimental: é preciso declarar guerra ao sentimentalismo como ao racionalismo. Um dos benefícios do canto gregoriano, de que sou devoto, é que sempre me arrancou quer ao racionalismo seco, quer ao sentimentalismo parvo. Repetir continuamente a palavra amar acaba por ser um pouco “estúpido”.

Amor = acolhimento e dom

Dêem-lhe a volta como quiserem: o amor é dom e acolhimento. O beijo é um símbolo muito belo do amor, é o sinal, ao mesmo tempo, do dom e do acolhimento. Um beijo só é dado verdadeiramente se for acolhido. Lábios de mármore, uma estátua, não acolhem um beijo: é preciso que sejam lábios vivos. Ora, lábios vivos são os que acolhem e dão ao mesmo tempo. Um beijo é um gesto admirável e é precisamente por essa razão que é preciso não prostituí-lo, brincar com ele, mas deve reservar-se como sinal de qualquer coisa extremamente profunda (estamos no centro de tudo o que a Igreja pensa em matéria sexual). O beijo é a troca de respirações, que significa a

troca das nossas profundidades: respiro-me em ti, expiro-me em ti e aspirote em mim de tal maneira que esteja em ti e tu estejas em mim.

Quer dizer, saio de mim mesmo para já não ser eu o meu próprio centro para que, doravante, o meu centro sejas tu. É a ti que eu amo, és tu o meu centro, vivo para ti e por ti; sei que tu também saís de ti, que já não és tu o teu próprio centro, estás centrado em mim. Eu estou centrado em ti, vivo para ti. Tu estás centrado em mim, vives para mim e ambos vivemos um pelo outro. Amar é viver para o outro (é o dom) e viver pelo outro (é o acolhimento).

Amar é renunciar a viver em si, para si e por si.

É todo o mistério da Trindade. Se o amor é dom e acolhimento, exige mesmo que haja várias pessoas em Deus. Ninguém se dá a si mesmo, ninguém se acolhe a si próprio. A vida de Deus é essa vida de acolhimento e de dom. O Pai não é senão movimento para o Filho, não é senão pelo Filho. Minhas senhoras, são de facto os vossos filhos que vos concedem ser mães; sem os vossos filhos, não seríeis mães. Pois bem, o Pai não é senão paternidade; portanto, Ele não é senão pelo Filho e para o Filho. O Filho não é senão Filho; portanto, Ele não é senão para o Pai e pelo Pai. E o Espírito Santo é o beijo comum.

Sendo a vida de Deus vida de acolhimento e dom, e já que eu devo tornar-me o que Deus é, não posso querer ser um homem solitário, porque assim não me assemelho a Deus. E se não me assemelho a Deus, já não é possível para mim partilhar a sua vida eternamente. É o que se chama o pecado: não se assemelhar a Deus, não se esforçar em tornar-se o que Ele é, dom e acolhimento.

Se Deus não é senão amor, não pode deixar de ser pobre, dependente, humilde. À primeira vista isto pareceria impossível, e, no entanto, há uma frase de Cristo que domina tudo: trata-se de tomá-la a sério! Quando vejo Jesus ajoelhado aos pés dos Apóstolos, cingido com uma toalha e ocupado em lhes lavar os pés, é então que eu O oiço dizer-me: *“Quem me vê, vê o Pai”*, quer dizer: *“Quem me vê, vê a Deus”* (Jo 14, 9). Certamente o paradoxo é muito forte e talvez sintamos a nossa razão vacilar e hesitar, mas quanto a isso eu nada posso fazer. Deus não se nos revela como o Ser Infinito. O Deus em quem acreditamos não é o Deus dos filósofos, de Aristóteles ou Platão: é o Deus revelado por Jesus Cristo.

Aprofundemos esta meditação a partir da nossa experiência humana. Porque, se não tivermos nenhuma experiência do amor, não sabemos o que estamos a dizer quando afirmamos que Deus não é senão amor. É necessário falar por experiência, caso contrário, o nosso discurso é abstracto, *“caído*

das nuvens”; e os jovens sentem horror ao que é ensinado, de algum modo, por autoridade, sem que haja qualquer ponto de ligação com a experiência.

Pobreza de Deus

Na minha experiência de homem, vejo que não há amor sem pobreza. Vamos tentar, durante alguns minutos, imaginar um olhar de amor em que não houvesse senão amor? É muito difícil, porque, em todo o olhar humano, há sempre qualquer coisa diferente do amor. Mesmo no olhar mais amoroso há sempre um olhar sobre si. Sou pecador, isto quer dizer que, no momento exacto em que digo: amo-te, deveria acrescentar, se eu fosse verdadeiramente sincero: há, no entanto, alguém a quem eu prefiro a ti e esse alguém sou eu. É isto o pecado, qualquer que seja a forma que ele revista. O pecado original é a minha incapacidade de amar puramente; é o que faz que o outro não seja tudo para mim (tudo, rigorosamente falando); é o que faz com que eu não seja puro movimento para o outro (puro, no seu sentido estrito), como na Trindade o Pai é puro movimento para o Filho, o Filho puro movimento para o Pai, sendo o Espírito Santo a reciprocidade e o próprio dinamismo desse movimento.

Existe, no entanto, um modo de imaginar um olhar de amor onde não haja senão amor, porque penso que, na experiência do amor humano (mesmo que se trate do amor conjugal, da simpatia fraterna, do amor paterno ou materno, da caridade e da dedicação aos outros, etc.), existe suficiente amor, embora misturado com muito egoísmo, para que compreendamos o que é o amor quando vivido em Deus, em toda a pureza e em toda a plenitude.

Quando o marido olha a sua mulher com um olhar de amor em que não há senão amor, que lhe pode dizer? Qual é a frase que ele pode pronunciar para traduzir esse olhar de amor? Não vejo senão uma: *“Tu és tudo para mim, és toda a minha alegria”*. É uma expressão de pobreza: se tu és tudo, eu não sou nada. Fora de ti eu sou pobre. A minha riqueza não está em mim, mas em ti. A minha riqueza és tu, eu sou pobre.

Se isto é já verdade para o amor humano, com quanto mais forte razão quando se trata de Deus! Deus é a Pobreza Absoluta, n’Ele não existe qualquer indício de ter, de possessão. O Pai diz eternamente ao Filho: Tu és tudo para Mim. O Filho responde ao Pai: Tu és tudo para Mim. E o Espírito Santo é o próprio dinamismo desta pobreza. Deus é o mais pobre de todos os seres. Se a nossa razão vacila perante uma tal perspectiva, digamos então: Deus é rico, mas acrescentemos imediatamente: rico em amor e não em haver. Porque ser rico em amor e ser pobre, é exactamente a mesma coisa. Deus é um infinito de pobreza. A propriedade é mesmo o contrário de Deus.

— | |
—

Não há dúvida de que, na complexidade das coisas humanas, é necessária uma certa propriedade o vagabundo é aquele que nada tem. A desgraça é que, ao não ter nada, terá muita dificuldade em ser, o que significa que, neste mundo, o ser sem o ter é impossível. É por isso que a Igreja defende o direito de propriedade: para que o ser humano seja, é necessário um certo haver. Mas, em Deus, absolutamente nada. E nós não entraremos em Deus senão quando estivermos despojados de todo o haver. A pobreza material de Belém e de Nazaré não é mais do que o sinal duma pobreza muito mais profunda. Pobreza imensa de Deus, infinita, absoluta, sem a qual não podemos dizer que Deus é amor.

Como estamos longe de certas imagens de Deus! Sejam sérios: trata-se do núcleo da nossa fé, não é brincadeira. Há ateus que não são sérios, mas também há cristãos que o não são. Se nos queremos situar onde devemos, é preciso confrontar o cristão sério com o ateu sério. E o cristão sério é aquele que confessa a pobreza de Deus.

Dependência de Deus

Tentemos, agora, imaginar o olhar de amor de uma mulher para o seu marido, em que não houvesse senão amor, e procedamos pelo absurdo. Poderá essa mulher dizer ao seu marido. Eu amo-te, mas fique claro que, se a tua situação te chamar para Madagáscar, eu ficarei na França? Dito de outra maneira, ao mesmo tempo que te exprimo o meu amor, confesso—te a minha independência em relação a ti. Evidentemente que uma tal atitude é impossível, impensável. Amar é querer depender: amo-te, seguir-te-ei até ao fim do mundo, quero depender de ti.

Por outro lado, em toda a comunidade humana há esta frase implícita: quero depender de vocês. Porque é que, hoje em dia, tantas comunidades nascem e morrem tão depressa? Porque não existe nelas esta dependência recíproca.

Se, no amor humano, amar é querer depender, com quanto mais forte razão é isto verdade em Deus, em quem o amor se vive em plenitude. Somente não esqueçamos o “*não é senão*”, não abandonemos a esfera do amor. Se Deus não é senão amor, torna-Se o mais dependente dos seres, um infinito de dependência. O pai do pródigo depende do seu filho, se o filho não voltar, chorará; se o filho voltar, sentirá alegria (Lc 15).

Prestemos atenção a uma ambiguidade que é preciso superar, porque existem duas espécies de dependência: é o bebé que depende da mãe ou a mãe que depende do bebé? No plano do ser e da vida, é o bebé que depende da mãe, mas no plano do amor, não é a mãe que depende do filho? A dependên-

cia do filho em relação à mãe é alheia ao amor, à liberdade. Se a mãe não está ali para lhe dar o peito, terá fome, sem dúvida. Mas, no amor, é a mãe que depende do filho, é nesse momento que ela lhe diz: tu és toda a minha alegria. E se o filho respira mal, se está doente, se o médico se preocupa, a mãe já não vive, de tal modo ela depende do seu filho. Deus é o mais dependente de todos os seres: dependência no Amor, não no Ser.

Humildade de Deus

Deus é humilde e o mais humilde de todos os seres. Não só Jesus, a quem dizemos: “Jesus, manso e humilde de coração, fizeti o meu coração semelhante ao Vosso”, mas Deus na sua profundidade. Advirto certamente contra alguma indignação. Deus não é humilde no sentido de que seria deficiente ou débil. Nós sim, somos humildes quando reconhecemos que somos uns pobres homens. Não é, de modo algum, nesse sentido que Deus é humilde, mas no sentido de que o amor não pode olhar de cima para baixo.

Também nisso vamos partir da experiência do amor humano. Acham que é possível que um marido, no próprio acto de amar, diga à mulher: *“Amo-te, mas não te esqueças de que sou superior a ti, professor efectivo de filosofia e ciências, e tu não passas de uma costureirinha diplomada”* Acham que ainda se pode falar de amor? Um olhar que mede distâncias ou que olha do alto poderá ser um olhar de amor? Certamente que não. Convém reflectir nisto, é preciso tempo, toda uma vida para compreender um pouco o que é o amor; é isso precisamente a vida cristã.

Quando Jesus lava os pés dos Apóstolos na tarde de Quinta-Feira Santa, Ele olha-os de baixo para cima e é nesse momento que Ele nos diz quem é Deus. Não procuremos Deus na Lua quando Ele nos está a lavar os pés. O lava-pés é uma lição de amor fraterno, claro está, mas, mais profundamente ainda, uma revelação, um desvelar-nos o que é Deus. Deus não se situa senão em baixo. É impossível: sem isto não podemos dizer que Deus é amor. Dêem-lhe a volta que quiserem: voltarão ao mesmo. A humildade de Deus é a própria profundidade de Deus.

Dir-me-ão. Mas, afinal, Deus é maior do que nós! Sem dúvida, maior no amor, visto que Ele não é senão amor. Por isso, em humildade, Deus é maior do que nós, porque nós nunca seremos humildes como Deus é humilde. O Deus em que nós cremos é infinitamente humilde. Ou por outra, despojado de todo o prestígio. O prestígio é sempre não essencial. Existe em nós uma certa necessidade de prestígio, de auréola, de brilho falso, que não existe em Deus. Deus é a plenitude da humildade.

Eu compreendo todos esses jovens que têm muita dificuldade em suportar as palavras da liturgia: “*Vosso é o Reino de Deus, o Poder e a Glória*”. Compreendo-os muito bem. Não digo que se tenham de suprimir essas palavras, porque são tradicionais e exprimem alguma coisa. Mas é preciso compreender que o fundamento da glória, é a humildade, sem a qual o amor não é verdadeiramente amor. O amor que não é senão amor não mede nunca as distâncias. Não existe um olhar de amor que olhe de cima para baixo. Inclinar-se sobre o povo não é amar o povo. Inclinar-se sobre uma criança não é amar uma criança. Deus não Se inclina.

O que existe no coração de Deus é um poder de apagamento de Si mesmo. Que acham: será preciso mais força para se colocar à frente ou para se apagar? A minha experiência pessoal diz-me que é preciso mais força para se apagar. Ora, se Deus é todo-poderoso, e se eu não posso compreender alguma coisa desse poder senão a partir da minha experiência, chego à conclusão de que Deus é um Poder Infinito de apagamento de Si.

Agora compreendemos o que vem a ser a adoração! Deixo-os com este quadro: pensem numa rapariguinha muito simples, uma camponesa de quinze anos. Imaginem um “Dom Juan” que a descobre, a acha bonita e quer seduzi-la. Vem a saber que se chama Maria e que habita em Nazaré. Quanto mais se aproxima dela, mais verifica que dela emana uma tal majestade que todas as tentativas de sedução vão falhar. É uma majestade perante a qual não pode deixar de se inclinar. E o sedutor cai de joelhos diante da humildade majestosa dessa rapariguinha de lenço de lã. Para saber quem é Deus, continuo no mesmo sentido e, nesse momento, dou com Deus: estamos longe de Júpiter, do paternalismo e do triunfalismo! É esse Deus que Jesus Cristo nos revela.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

Ter consciência da nossa vocação e da nossa dignidade permite-nos compreender de que amor somos amados e de que maneira devemos responder.

1. Quem é o homem?

“*Pertence ao divino*” diz o Padre Varillon.

Para a sua ressurreição e ascensão, Cristo abriu uma brecha para além da morte, pela qual a humanidade inteira se vai poder encontrar.

Porque é que Cristo ocupa um lugar central no coração da história universal?

2. Quem é Deus?

“Deus é amor” diz o Padre Varillon.

As armas de Deus não são senão armas de amor.

Como conciliar “O Pai todo poderoso” e todos os atributos que o Padre Varillon dá a Deus: “pobreza”, “humildade”, “dependência”?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: 1 Jo 4, 14, 20

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

E vimos e testificamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo.

Todo aquele que confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus. E nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele. Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque tal como Ele é, também, nós somos neste mundo.

No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor pressupõe o castigo e o que teme não é perfeito no amor. Nós amamo-Lo, porque Ele nos amou primeiro.

Se alguém disser: “Eu amo a Deus”; mas odiar a seu irmão, é mentiroso pois quem não ama a seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?



IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

Nós somos casados por amor sem medida, um amor semelhante ao amor trinitário:

- * Podemos, com facilidade, exprimir um ao outro tudo o que nós amamos? Tudo aquilo que admiramos no outro? E também tudo aquilo que dificilmente aceitamos no outro?

- * Expressimos um perdão recíproco pela nossa recusa em amar?

3.^a REUNIÃO

ALEGRIA DE CER **AS BEM-AVENTURANÇAS** ALEGRIA DE VIVER

I. TEMA DE ESTUDO

O Discurso da Montanha ¹

Compreender o que diz Jesus neste grande texto, é tocar verdadeiramente o núcleo do cristianismo. É um dos textos mais importantes do Evangelho. Deveríamos deixar de lhe chamar “*sermão*”, porque este termo foi muito mal escolhido. Deste Discurso da Montanha, que se encontra em S. Mateus (caps. 5 a 7) e em S. Lucas (cap. 6, 12-49), destaca-se incontestavelmente uma unidade. Unidade de tom e unidade lógica. *O pensamento de Cristo segue uma lógica interior que é a mesma* do cristianismo. Lógica do estilo de vida, da qualidade de existência que Jesus vem instaurar. Numa palavra, **a mesma lógica do amor.**

Ser cristão é partilhar a experiência do Filho

O Discurso aparece, em S. Lucas, precedido por duas notas importantes: Jesus passou toda a noite em oração na montanha (6, 12) e, pela manhã, escolheu doze discípulos a quem deu o nome de Apóstolos (6, 13-14):

- **Oração de Jesus:** encontramos-nos perante um grande mistério, o mistério da Trindade. Jesus dirige-se ao Pai e ao Espírito que são distintos d’Ele, mas não diferentes (não há senão um só Deus). Ele encarnou: submeteu-se à lei da criatura, que é, primeiramente, acolher antes de dar e para dar: “*Eu não faço nada por Mim*”, dirá Ele em S. João (5, 30). O Discurso vai ser um apelo à vida filial: falará por experiência, porque não é possível imaginar Jesus a dizer coisas de que não tem

¹ Manuscrito: “O Discurso da Montanha”. O Padre Varillon indica que se refere a J. GUILLET, *Jésus devant sa vie et sa mort*, Aubier, 1971, caps. 7 e 8 ; *Éléments de doctrine chrétienne* ; William-David DAVIES, *Pour comprendre le sermon sur la montagne*, Seuil, 1970 (mais técnico).

experiência, que Ele não vive. Vai convidar a partilhar duma experiência, a sua, a de *ser filho*, do filho que não é senão filho. Isto é muito importante, se queremos sair das noções abstractas e se queremos compreender duma vez para sempre que tudo é uma questão de experiência.

- **A escolha dos Apóstolos:** visto que o ensinamento de Jesus vai ser um convite a partilhar da sua experiência de ser *filho*, o amor vivido, primeiramente, como acolhimento (o Filho recebe do Pai), é preciso que os homens que hão-de proclamar a Boa Nova de que Deus é Pai, partilhem da experiência do seu Mestre. Doravante, os Doze seguirão Jesus para onde quer que vá. Marcos anota com grande cuidado: “*Ele escolheu Doze para tê-los com Ele e enviá-los a pregar*” (3, 14). A doutrina de Jesus não é uma filosofia, mas uma experiência de vida: os apóstolos de Jesus não podem, portanto, ser propagandistas duma filosofia, dum sistema de pensamento. Não poderão repetir a sua palavra a não ser pelo testemunho duma experiência, a experiência de uma determinada relação com Deus. Durante a vida de Jesus, testemunhá-la-ão muito imperfeitamente: “*Vão ser lentos em crer, prontos a deformar, vagarosos em levar*”². Mas, depois do Pentecostes, o Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus, quer dizer, Aquele que inspira desde dentro e anima a actividade de Jesus, conceder-lhes-á reproduzir a maneira de viver e de actuar de Jesus, o estilo de vida, a qualidade de existência de Jesus, a vida vivida em plenitude segundo a lógica do amor. Faltando isto, o cristianismo seria um sistema, isto é, uma coisa completamente diferente; mas enquanto se trata de experiência, então vale a pena!

O Evangelho é para todos

Para Lucas como para Mateus, o Discurso da Montanha é dirigido aos discípulos, mas, em ambos os evangelhos, é-nos indicado que uma multidão incontável se encontra ali, vinda de longe, não só de Jerusalém mas de toda a região costeira de Tiro e de Sidónia (Sour e Saída do actual Líbano). É que, se a mensagem que Jesus vai entregar não é teórica (é uma experiência vivida), também não é esotérica (é para todos e não reservada a alguns). Jesus dirá: “*Tudo quanto vos é dito ao ouvido, proclamai-o nos telhados*” (Mt 10, 27). O Vaticano II dirá como eco: “*A Igreja é para o mundo*”. É para a multidão incontável que os discípulos se encontram ao lado de Jesus na

² J. GUILLET, *op. cit.*

qualidade de discípulos; e o que Jesus lhes vai dizer interessa a todos os homens. Se há discípulos, é para testemunharem, aos olhos da multidão, que a experiência de vida proposta a todos os homens pode ser tentada, visto que alguns a tentaram já, ao aceitarem seguir a Jesus.

O quadro que se nos apresenta é muito claro. É o que pede Santo Inácio de Loiola nos seus *Exercícios Espirituais*. Antes de escutarmos, vejamos: ali está Jesus, os discípulos agrupados à volta d'Ele e a multidão que se apinha a meio da encosta sobre a planície (a indicação é de Lucas). Vejamos:

Jesus	Os discípulos	A multidão
O Santo	Os já santificados	Os santificáveis
Deus feito homem	Os divinizados	Os divinizáveis
O homem livre	Os já libertados	Todos os “ <i>chamados à liberdade</i> ” (Ga 5, 13)
O Filho perfeitamente Filho	Os que já fizeram a experiência de <i>ser filhos</i>	A multidão daqueles que são convidados a fazer esta experiência

Que vê a multidão? Vê Jesus e os seus discípulos junto d'Ele. Os discípulos, isto é, pessoas que, há pouco tempo, faziam parte da multidão, viviam como toda a gente, tinham o estilo de vida de toda a gente. Agora, esses homens pertencem inteiramente a Jesus, vivem com Ele, como Ele, seguem-n' O aonde quer que vá. A multidão vê, portanto que, a esses homens, aconteceu-lhes qualquer coisa que não aconteceu aos outros. Está claro, é evidente, está de certo modo inscrito no ambiente.

Que vêem os discípulos? Vêem a multidão da qual saíram e para a qual vão ser enviados.

Que vê Jesus? Vê junto de Si o núcleo da sua Igreja; e, mais além, a grande Igreja cujos limites Ele deseja que sejam os limites mesmo do universo: todos aqueles que Ele chama, por meio dos discípulos, a partilhar da sua experiência de Filho de Deus. Ele é o Enviado do Pai, os discípulos serão os enviados de Jesus (é esse o sentido da palavra “**apóstolo**”). E sabe que eles serão rejeitados pelo mundo, como Ele próprio vai sê-lo. O mistério da Cruz, que se encontra no próprio Acto criador (quando Deus cria, arrisca a Cruz do Filho), será vivido tanto por eles como por Ele.

Evitar o contra-senso das Bem Aventuranças

Então, Jesus “*abriu a boca*”. Esta expressão tradicional, empregada por Mateus, demonstra a importância do que vai seguir-se. É um pouco como uma recomendação a fazer silêncio: calem-se, não se pode perder uma palavra. E as primeiras palavras de Jesus, como sabemos, são as Bem-Aventuranças. Criou-se o hábito deplorável de separar as Bem-Aventuranças do que se lhes segue, como se as Bem-Aventuranças fossem um todo que se bastasse as si mesmo e tendo valor em si e por si. Acontece também que, na mente de alguns cristãos, Bem-Aventuranças e Discurso da Montanha são sinónimos, como se o Discurso fosse as Bem-Aventuranças. Na realidade, elas apenas ocupam umas dez linhas, enquanto aquele se estende por três longos capítulos do Evangelho segundo S. Mateus.

Este costume de separar as Bem-Aventuranças de tudo o que se lhes segue é lamentável, porque conduz fatalmente a um contra-senso radical sobre o pensamento de Jesus. Como se a mensagem evangélica consistisse em afirmar que o que era preto se torna branco de repente! Como se a desgraça (miséria, lágrimas, fome) devesse desde então chamar-se felicidade! Em última análise, chega-se a sacralizar, em nome de Cristo, o mal e o sofrimento e, ao mesmo tempo, a desencorajar todo o esforço humano por superá-los: não façam ricas as pessoas, porque Jesus disse: os pobres é que são felizes! Chegou-se a permanecer passivo e resignado perante a desgraça dos homens, porque Jesus teria dito que a desgraça é, segundo Ele, a felicidade.

O contra-senso estabeleceu-se e nós estamos a pagar as faltas que se cometeram porque se interpretaram as coisas desse modo. Péguy tem sobre isso páginas duma violência inaudita no seu livro intitulado *Jean Coste*. Nada de sacralizar a miséria, nada de dizer aos pobres que não têm com que fechar as contas no fim do mês: Não se atormentem, Jesus diz que vocês são felizes porque são desgraçados! Se as Bem-Aventuranças nos propusessem uma consolação vulgar, o cristianismo seria uma religião doentia e choramingas. A verdade é que nós sonhamos com uma felicidade de saldo, feita de alegrias fáceis. É este sonho que Jesus vem condenar, e o que Ele propõe (é esta a palavra essencial) é que o nosso apetite de felicidade seja ele próprio transformado. Felizes, bem-aventurados aqueles cuja alma é suficientemente elevada para que o seu desejo essencial seja o de viver como filhos do Pai que está nos céus!

A pobreza, as lágrimas, a fome, a perseguição não são, pois, as condições para ser-se feliz com a felicidade que Jesus traz. A desgraça não é uma espécie de preliminar, como se fosse necessário chorar e ter fome para conhecer a verdadeira Bem-aventurança. O Padre Guillet escreveu estas fra-

ses, na minha opinião, decisivas: “a miséria, o cativo, a fome, as lágrimas continuam a ser, para Jesus, os diversos aspectos da infelicidade do homem; se Ele proclama bem-aventurados os que são maltratados, é porque Ele vem livrá-los disso... A originalidade do Evangelho não consiste em afirmar que o que era preto se tornou branco de repente, mas em oferecer aos que se encontram na infelicidade uma saída nova e bem-aventurada”.

As Bem-Aventuranças comprometem o homem num processo de transformação da existência. São um comentário antecipado do mistério pascal, passagem da natureza à história ou à liberdade, mistério do desprendimento em relação a um eu pré-fabricado, em vista da criação de si por si. Trata-se de passar à liberdade a partir desse eu pré-fabricado pela nossa hereditariedade, pelo nosso ambiente, pela educação recebida. O nosso desejo espontâneo e instintivo de felicidade é conforme à natureza; deve ser transformado para chegar à verdadeira liberdade.

As Bem-Aventuranças são, portanto, um apelo. Não enunciam uma verdade de ordem geral (os desgraçados são felizes), mas *comprometem numa atitude, convidam a partilhar da mesma experiência de Jesus.*

Ora, é a continuação do Discurso da Montanha que vai dizer em que consiste esse novo estilo de existência que responde à verdadeira grandeza do homem e cuja consequência será a felicidade: não já uma felicidade em saldo, feita de alegrias fáceis, mas a felicidade digna do homem, a felicidade à altura da grandeza dos filhos de Deus, a felicidade de amar e não a de ser cumulado. Que felicidade desejamos? Uma felicidade de que género e situada a que nível? Aqui está tudo. Porque existem níveis de felicidade, tal como no plano da cultura existem músicas dignas do que há de mais profundo no homem, e outras que se dirigem ao que o homem tem de mais epidérmico ou mais superficial.

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus

Não se trata evidentemente de traduzir “os pobres de espírito”. “Em espírito” quer dizer: na própria raiz, no íntimo do ser. A pobreza do espírito é interior ao amor. O amor sem pobreza não é amor (isto não se compreende se não se faz a experiência!) É por isso que Deus mesmo é pobre: é alheio ao ter (Deus não tem nada), porque o seu modo de existir é amar.

Ter alma de pobre (no sentido em que se diz a alma dum violão: é sem dúvida, a melhor tradução de “pobre de espírito”), é estar despossuído de si, portanto, deixar-se pôr em questão pelo Outro. Isto, por um lado; e, por

outro, confiar n'Ele para seu bem pessoal. As duas frases que definem o pobre são estas: “*Dou-te crédito*” (Credo) – **é a fé** – e “*encarrego-te da minha felicidade*” – **é a esperança**. Apoiado na fé e na esperança, o pobre vive na **caridade**: pode servir-se, colocar-se ao serviço do outro e dos outros, porque está *desimpedido*.

Duma ponta à outra da Bíblia, *o pobre de Javé* é o servo de Javé: encontra-se, portanto, no Reino – felizes os que possuem uma alma de pobre, porque deles é o Reino dos céus. Já entrámos nesta experiência, neste estilo, neste tipo de existência? Se sim, o Reino é nosso. Quanto aos restantes, Jesus convida-os: se disserem sim, o Reino será seu, isto é, a relação de intimidade com Deus. A bem-aventurança da pobreza domina todo o Evangelho. Seria impensável se o próprio Deus não fosse pobre, quer dizer, absolutamente alheio ao ter: Deus não tem nada, Ele é tudo. Quem é tudo nada tem. E tudo o que Ele é, é um tudo oferecido. **Ele não é senão Amor**.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra

A mansidão está muito perto da pobreza, até ao ponto de se ter perguntado se a bem-aventurança dos mansos não seria um duplicado da dos pobres. A palavra hebraica *anav* exprime, de facto, ao mesmo tempo, mansidão e pobreza. É a renúncia a todo o direito próprio quando se é o único em causa, e não se trata, portanto, senão de uma questão de amor-próprio (mas na sociedade precisa-se de uma ordem jurídica, como se precisa de uma autoridade que a proteja).

A mansidão está unida à calma e à força de alma. Trata-se da caridade, não só do temperamento mas da inteligência. É ela que leva a escutar os outros e a compreendê-los, mesmo quando o pensamento deles é diferente do nosso ou oposto ao nosso (é o que faz com que um católico da direita leia *Témoignage chrétien* e um católico de esquerda *La France catholique*, para saber o que pensa “o outro” e tentar compreendê-lo). A mansidão evita as atitudes cortantes perante os imprevistos da história. Permite inventar, dia-a-dia, a resposta aos apelos dos acontecimentos, na maioria dos casos, imprevisíveis.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados

O melhor comentário, pelo menos nos tempos que correm, da bem-aventurança dos afligidos é, sem dúvida, o grande texto de Péguy, *Nous sommes des vaincus* (escrito em 1909): “*Um secreto instinto, um aviso secreto, um secreto remorso nos adverte que há sempre qualquer coisa de*

*impureza no êxito, uma vilania na vitória, uma certa impureza, pelo menos metafísica, um resto, um resíduo de impureza, uma impureza residual na fortuna; e é, portanto, com razão, que as grandes honras secretas da glória, as honras supremas foram sempre historicamente ao infortúnio*³.

Péguy fala aqui como um profeta; o seu texto deve ser esclarecido pelo dum filósofo (profeta e filósofo, falando do mesmo e dizendo a mesma coisa que o Evangelho: é prodigioso!). Vamos pedi-lo a Jean Lacroix: *“Em si mesmo, o sucesso é bom, porque é o próprio sentido do esforço (esforçamos por ter êxito). É pelo sucesso, isto é, pela vitória sobre o obstáculo, que nós tomamos cada vez mais consciência de nós mesmos e que nós nos criamos cada vez mais. Mas o sucesso não é bom (paradoxalmente) senão na medida em que ele é o maior revelador do fracasso... No caso em que o sucesso chegasse a fazer esquecer o fracasso, seria o pior dos divertimentos. Os homens a quem tudo sai bem, como se costuma dizer, e que não têm outro ideal senão o de triunfar, são precisamente esses seres superficiais que nunca têm acesso a essa existência autêntica que, no entanto, é pressentida pelos evadidos, os alheados, os desencorajados, os falhados de toda a espécie e que constitui o seu tormento. Mais vale ser o sobrinho de Rameau (é mesmo o tipo de falhado, no romance de Diderot) ou o vagabundo da esquina, que M. Homais ou o novo-rico (é ignóbil que o génio de Flaubert tenha imortalizado M. Homais, como dizia François Mauriac). E a grandeza de Don Juan não está em ser um homem de sucesso, mas em continuar insatisfeito com todos os seus sucessos, perseguindo em cada mulher um ideal que ele nunca podia atingir*”⁴.

Entende-se, portanto, em que sentido Jesus declara felizes os que choram ao anunciar que serão consolados. Como diz Bonhoeffer, teólogo protestante enforcado pelos nazis, *“os discípulos dão conta de que o barco em que ressoa a alegria da festa já mete água”*. *“Na música de Schubert, diz Juliem Green, a morte já está na dança”*. No entanto, o homem não é feito para a morte, mas para a vida. É por isso que a verdadeira festa humana, a única afinal, é saber-se filho de Deus. Jesus trá-la aos homens, é preciso acolhê-la, isto é, fazer a experiência da filiação divina: viver, e não só pensar, como filhos que têm um Pai.

Recordo aquele padre a quem eu costumava dizer espontaneamente, cada vez que o encontrava: como está? Ele respondia-me invariavelmente: não posso andar mal, porque o Pai cuida de mim! Isto não se vê muito, é preciso crê-lo! É uma questão de experiência! Em definitivo, não pode ser senão a

³ Ch. PÉGUY, *Oeuvres en prose*, Pléiade, II.

⁴ J. LACROIX, *L'échec*.

experiência mesma de Jesus; porque, no rigor do termo, Ele é o único a ter a experiência da Paternidade de Deus, e é pela sua Palavra que nós acreditamos que o Pai se ocupa de nós. Caso contrário, como o saberíamos nós? Não se vê facilmente que Deus se ocupe das pessoas que estão a morrer de cancro no leito dum hospital!

Existe, em *O sapatinho de cetim* de Claudel, uma prodigiosa aproximação da bem-aventurança dos afligidos. Prouhèze diz, ao pensar em Rogrigue, de quem está separada: “*Já que não lhe posso dar o céu, pelo menos posso arrancá-lo à terra. Só eu posso fornecer-lhe uma insuficiência à medida do seu desejo*”⁵. Desgraçados todos aqueles a quem a sua insuficiência nunca lhes foi revelada! Por outras palavras, ai dos suficientes!

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados

Ter fome e sede de justiça é a única maneira de ser justos. Não se trata aqui, senão de modo secundário, de justiça social. Trata-se, sobretudo, de fidelidade. A fidelidade a si mesmo é nunca deixar de procurar sê-lo. Procurar é uma das palavras-chave da Bíblia. Jesus dirá nalguma passagem: “*Procurai e encontrareis*”, “*Procurai, primeiro, O Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo*”. Mas estar satisfeito com o mundo e consigo mesmo é negar que somos um infinito. Num certo sentido, a Igreja existe para contestar todas as sociedades, sejam elas quais forem, e todas as políticas, mesmo as melhores. Com sabedoria e discernimento, certamente, mas nunca o homem pode estar plenamente satisfeito neste mundo. Pode dizer-se que o homem é um infinito vazio, que não pode ser cumulado senão pelo Infinito vivo que Se dá.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia

O misericordioso, segundo a etimologia do vocábulo, é o coração afligido. Aquele que sofre com o sofrimento dos outros. Quem não sabe “*sofrer com*” não pode acolher o dom de Deus, porque Deus é, Ele próprio, o Primeiro que sofre com o homem. O sofrimento de Cristo, a sua paixão e morte na cruz, são o sinal sensível duma profundidade de amor em Deus, que nos é permitido, sem dúvida, chamar sofrimento, qualquer coisa de muito misterioso, sem a qual o amor não seria amor, e a única que nos pode revelar o sofrimento de Cristo.

⁵ P. CLAUDEL, *Le soulier de satin*, Pléiade.

A misericórdia implica uma preferência pelos pequeninos, os fracos, os miseráveis, os doentes, os solitários (um dos maiores sofrimentos humanos!), pelos que são humilhados, sobre quem se exerce violência, os que são vítimas da injustiça, que se afligem, que estão inquietos. É o mesmo tipo de vida que o de Jesus: trabalhar por libertar aqueles que são escravos seja lá do que for; dar testemunho de que não se é um homem livre senão trabalhando por libertar os seus irmãos, já que não se pode passar à liberdade sem passar pelo amor. Não existe liberdade fora do amor. Ser livre e amar é exactamente a mesma coisa.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus

“Quem tem o coração puro?, pergunta Bonhoeffer. Aquele que não mancha o seu coração nem com o mal que comete nem com o bem que faz”. Não manchar o coração com o bem que se faz, é algo divino que não pode ser dado senão por Deus. Não ser proprietário do bem que se faz, isso é ser puro, isto é, simples, sem duplicidade. Ser puro é a atitude de quem não se volta para si mesmo, não apregoa as suas boas obras. Recordo o salvamento duma menina que estava a ponto de ser esmagada por um comboio. O homem foi heróico, arriscou a vida. Quando lhe falavam nisso, dizia: “Isso é mesmo assim! Mas o quê? Não tem importância, esteja calado, eu não tenho nenhum mérito!”.

A simplicidade, no sentido rigoroso da palavra, é o contrário da duplicidade: não se olhar a si mesmo quando se faz o bem, não se ver ao espelho, não se sentir a crescer em caridade, como uma menina vaidosa diante do espelho se sente ficar bonita com tudo o que o artifício acrescenta ao seu encanto natural. *A existência dupla é a existência mascarada: a máscara duplica o rosto* (diz-se de algumas pessoas que têm várias caras). Marcel Proust mostrou-nos até que ponto a máscara, a caracterização, o disfarce – a máscara que adere à pele – é o próprio da vida mundana. Ele analisou os inumeráveis rostos da inexistência ou da existência mascarada. Nada mais multiforme do que o que não existe, o que não tem sentido, significado: o insignificante. Deus ama o nosso rosto único, não mascarado, que é um rosto de pobre. O meu verdadeiro rosto é esse rosto que verá a Deus, que estará face a face com Ele eternamente.

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus

É preciso estar em paz consigo mesmo para trabalhar pela paz entre os homens. Estar em paz consigo mesmo é estar interiormente unificado. O

que não contradiz a insatisfação profunda de tudo o que não é humano. A insatisfação de si mesmo seria um falso princípio de unidade.

Estar em paz consigo mesmo é situar-se para além de todas as oposições secundárias de superfície, é já conciliar, até certo ponto, o que parece inconciliável para os espíritos superficiais e que gera, como se diz em termos modernos, progressistas e tradicionalistas, nacionalistas e internacionalistas, extrema esquerda e extrema direita, os místicos e polemistas, em suma, tudo o que é “sectário” porque unilateral, tudo o que cristaliza as dualidades em dualismos. No tempo de Jesus, as querelas das seitas religiosas eram bem conhecidas. Para ser “chamados filhos de Deus”, isto é, para ser chamados filhos pelo próprio Pai, é preciso trabalhar para que os homens sejam irmãos. Se o filho não é verdadeiramente filho, os homens não serão para ele irmãos. Isso não é possível se não estivermos nós mesmos em paz, interiormente unificados, a trabalhar pela paz universal.

Bem-aventurados os perseguidos por causa de Cristo

Jesus conclui: se entrardes nesta experiência, sereis perseguidos. É inevitável. Se a palavra “perseguido” produz medo, pode traduzir-se por “acossado”. Jesus aqui não diz, mas talvez o pense (e di-lo-á mais tarde): como eu serei perseguido, acossado. *Porque um cristianismo que não incomoda tem poucas probabilidades de ser autêntico.* Baudelaire dizia, a nível estético, que o belo é sempre estranho. Seria bom que tomássemos consciência de que o verdadeiro é também estranho. Ora, os homens não gostam do que é estranho. A moda é a rejeição do estranho. Existe uma estranheza do verdadeiro tal como há uma estranheza do belo.

Emmanuel Levinas escreveu sobre isso frases decisivas: “*A ideia duma verdade que se manifesta na sua humildade, a ideia duma verdade perseguida é a única modalidade possível da transcendência (o que quer dizer que um Jesus que não tivesse sido perseguido não seria a Testemunha do Deus transcendente; não é possível)... Manifestar-se como humilde, como aliado do vencido, do pobre, do perseguido, é precisamente não entrar na ordem... A humildade incomoda por completo: não é deste mundo... A perseguição e a humilhação a que ela expõe são modalidades do verdadeiro*”⁶. Se não formos perseguidos de alguma maneira, desconfiemos muito: corremos o risco de ser plenamente artificiais, ou de viver superficialmente. Milhares de pessoas tentam tocar dois teclados ao mesmo tempo: o teclado da sabedoria de Cristo e o da sabedoria do mundo. Isso não é possível. Se escolhermos

⁶ E. LEVINAS, *Recherches et Débats*, n.º 62 : « Qui est Jésus Christ? », Desclée de Brouwer.

o teclado da sabedoria de Cristo, seremos perseguidos, porque impedimos as pessoas de andarem à deriva.

No fundo, se bem que haja quatro bem-aventuranças em Lucas e oito em Mateus, não há mais do que uma: bem-aventurados os que fazem a experiência da existência verdadeira. Fazer esta experiência é, ao mesmo tempo e indivisivelmente, a felicidade e a cruz, as duas juntas. Porque o cristianismo é a ligação estreita entre a felicidade e a cruz. De facto, para chegar à felicidade mais alta, é preciso renunciar à felicidade demasiado fácil, leviana. Aquilo a que chamamos a felicidade do céu, é a felicidade de amar, isto é, de sair de si mesmo, de já não pensar em si, de já não se debruçar sobre si. Como é que querem que neste mundo a aprendizagem desta felicidade se faça sem sacrifício? Porque, espontaneamente, nós só pensamos em nós próprios; porque, espontaneamente, mesmo no amor humano, o outro é sempre um meio privilegiado para o amor que temos a nós mesmos. A cruz é ir mais além das felicidades baratas e aceder a essa grande felicidade, a única digna dos filhos de Deus, a felicidade de amar. O acesso a esta felicidade passa pelo sacrifício, o que todos nós experimentamos mais ou menos na vida de cada dia.

A nova lei: dar como Deus se dá

Depois das Bem-aventuranças, seguem-se os mandamentos da nova lei. Resume-se nisto: tendo recebido, é preciso dar. O acolhimento é em vista do dom. Acolher para dar. Mas acolher o quê? O que é que Deus dá? Ele não dá nada acabado mas tarefas a realizar.

“O Padre Guillet diz que dar, constitui um dos grandes refrões do Discurso da Montanha: *“Não recuses... não reclames... empresta sem nada esperar... dá e ser-te-á dado”*. Mas é preciso acautelar-se: dar pode ser ainda um meio de conquistar e de se dar importância (damo-nos muita importância quando somos generosos). A pura alegria de dar, a alegria de se unir àquele que recebe, só o pobre está em condições de a conhecer, quer dizer, aquele que fez experiência das Bem-aventuranças e descobriu como Deus dá”⁷.

Dar como Deus dá (Deus não apregoa as suas dádivas), isso é ser sal da terra e luz do mundo. O Evangelho é sabor e luz, porque é Presença e Poder transformantes de Deus percebidos através das vidas humanas. Quando o sal perde o sabor, isto é, quando o padre não é verdadeiramente padre, quando o religioso não é verdadeiramente religioso, quando o cristão não é verdadeiramente evangélico, o discípulo deixa de ser o que há de melhor para se

⁷ J. GUILLET, *op. cit.*

tornar o que há de pior: sal insípido que só serve para ser pisado. Não oferece o mínimo interesse, porque, evidentemente, não é nada. É uma hesitação constante a ser qualquer coisa, ou antes, alguém.

A nova lei: apelo à liberdade

O que caracteriza a nova Lei é, ao mesmo tempo, o radicalismo das suas exigências e o apelo à liberdade no que se refere à letra. Liberdade em relação à letra da Lei, não quer dizer alforria ou emancipação: *Jesus esclarece que Ele não veio “abolir” a lei, mas “dar-lhe cumprimento”*: não acrescentar novos preceitos, propor aditamentos à lei, mas revelar o verdadeiro alcance da lei, demonstrar que ela contém o princípio da sua própria superação.

Porque o mandamento de amar, que é o primeiro mandamento do Decálogo, o próprio núcleo da lei, é por si mesmo ilimitado. Não existem limites para o amor. É porque o amor é um absoluto que as suas exigências são radicais, ao mesmo tempo que só a liberdade pode determinar como, na prática e segundo as circunstâncias, o amor deve ser vivido. Consideremos o Discurso da Montanha; primeiro ponto: a exigência é radical; segundo ponto: sois livres quanto à maneira de viver este radicalismo da exigência. É esta a razão pela qual muitos homens têm medo da liberdade e reclamam instruções formais que Jesus não dá e se recusa a dar. Jesus mostra simplesmente a profundidade da liberdade do homem.

É por isso que Ele marca vigorosamente a oposição entre: *“Foi-vos dito...”* e *“Eu digo-vos...”* O que vos disseram, e, Eu, que vos digo?

- Foi-vos dito: **“Não matarás”**. Eu, porém, digo-vos: *“Aquele que olhar encolerizado para o meu irmão é já um assassino”*. Porque amar é querer que o outro seja, que ele seja o mais possível, que ele vive o mais intensamente possível. O olhar irado, a palavra enraivecida é dirigida contra a vida do meu irmão, contra a sua própria existência. Olhar alguém “de esguelha” (como se diz), é no fundo, querer que ele não seja, é procurar, por pouco que seja, o seu aniquilamento. É anulá-lo em pensamento e, ao mesmo tempo, colocarmo-nos acima dele, considerar a nossa vida com mais valor que a sua.
- Foi-vos dito: **“Não cometerás adultério”**. Eu, porém, digo-vos: *“Todo aquele que olha para uma mulher com desejo de possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração”*. De facto, tal como há olhares que matam e anulam o outro, também os há que possuem, que transformam o outro em qualquer coisa que se considera como sendo própria. É considerar a mulher como um objecto de que se é proprietário...

- Foi-vos dito: *“Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo”*. Eu, porém, digo-vos: *“Amai os vossos inimigos”*. Porque o amor não será ainda o verdadeiro amor se estiver condicionado por uma exigência de reciprocidade. Eu não te amo, porque tu me amas; eu não te amo com a condição de que tu me ames; eu não te amo para que tu me ames. Amo-te mesmo assim. O meu amor é mais forte do que a tua indiferença e até do que a tua hostilidade. O meu amor não oscilará ao ritmo das oscilações da tua resposta. Trata-se de exigências sem limites, de uma ascensão sem tecto. O único tecto, que precisamente não é tal, é a perfeição do Pai: *“Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”*. Não há mais do que um meio para atingir a perfeição do Pai: é nunca deixar de tender para ela.

Dir-se-á: não estaremos nós em plena utopia? É possível praticar tudo isso? Somos tentados a responder: sim, é utopia, é impraticável. Aparentemente, teremos razão. Porque dar o manto a quem só nos pede a nossa túnica, estender a face esquerda a quem nos bate na direita, arrancar o olho e cortar a mão, privar-se do necessário por quem pede o supérfluo, é não se pertencer a si mesmo, é deixar-se devorar vivo.

Então, que fazer? Será que vamos *mitigar* estes preceitos, tomar nós mesmos a iniciativa de atenuá-los, pretendendo ainda ser discípulos de Jesus? Certamente não. Antes de mais, nada de hipocrisia, nada de mentira, nada de duplicidade: não se pode acusar Jesus de sonhador e declarar-se “cristão”, porque seria indigno do homem ser discípulo dum sonhador. Por outro lado, todo o contexto da vida e do ensinamento de Jesus manifesta claramente que Ele é todo o contrário de um sonhador.

Não é necessário, portanto, mitigar nada: Jesus sabe o que diz. Mas é preciso não esquecer que Ele apela à nossa liberdade. Poderíamos dizer que não é Ele, Jesus, quem é exigente: somos nós quem o somos sem o sabermos. Somos nós que dissimulamos a nós mesmos as nossas próprias exigências, porque temos medo delas e tememos ter de ser homens. Jesus não faz mais do que nos revelar a nós mesmos... Ele descobre-nos a grandeza da nossa liberdade, arranca as máscaras que nós fabricámos com as nossas mãos, por medo e por egoísmo. Ele diz-nos: tu vales mais do que pensas, a tua grandeza ultrapassa a consciência que tens dela. Vive de acordo com essa grandeza; quanta mais experiência fizeres dessa vida, mais darás conta de que és grande e de que essa grandeza é uma exigência. Descobrirás até onde pode conduzir-te a tua liberdade se recusares as máscaras.

A Lei nova, o cristianismo, não pode ser uma lista de instruções. Trata-se, com a ajuda de exemplos típicos, da revelação dos horizontes sem limi-

tes da grandeza humana. Não temos mais do que escutar a nossa consciência desde o momento em que compreendermos o que valemos e o que realmente queremos, desde o momento em que descobriremos que essas exigências não vêm de um outro mas são as nossas próprias exigências.

É uma grandeza sem limites vivida na existência mais humilde e mais cotidiana. Horizonte sem limites no coração *dos horizontes mais familiares: o lar, a vizinhança, o bairro, a profissão...* Jesus diz-nos tudo de que o homem é capaz na vida mais simples, com a condição de que seja o filho dum Deus que é Pai.

É por isso que precisamos muito de não apresentar a Deus uma espécie de demissão que confundiríamos com obediência. O que precisamos de oferecer a Deus é a construção, dia após dia, da nossa liberdade, para que ela seja, verdadeiramente, não a liberdade dos escravos, mas a dos filhos.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

O discurso sobre a montanha é o coração do ensinamento de Cristo. As Bem-Aventuranças são consideradas como o código da verdadeira felicidade (bem aventurados sois vós...) é muitas vezes percebido como irrealizável.

Esquecemo-nos que Jesus não deixou de as pôr em prática na terra e que são por isso realistas.

Depois de ter meditado sobre cada uma das Bem-Aventuranças:

1. Em que é que elas são uma revelação feliz para nós, cristãos de hoje?
2. A que revolução interior (conversão) nos convidam?
3. Que dificuldades ou que reticências encontramos para as pôr em prática?
4. A que Bem-Aventurança, em particular, sentimos maior chamamento?
5. Qual delas oferece maior dificuldade ao casal?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: Lc 6, 20-23

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

Erguendo os olhos para os discípulos, pôs-Se a dizer:

“Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.

Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados.

Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir.

Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos expulsarem, vos insultarem e rejeitarem o vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem.

Alegrai-vos e exultai, nesse dia, pois a vossa recompensa será grande no Céu. Era precisamente assim que os pais deles tratavam os profetas.”

IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

- * Indicar a Bem-Aventura em particular, com a qual nos identificamos mais.
- * Que esperamos do nosso conjúge para que ele nos ajude a praticá-la?



4.^a REUNIÃO

ALEGRIA DE CER **O MISTÉRIO DA REDENÇÃO** ALEGRIA DE VIVER

I. TEMA DE ESTUDO

Todas as espiritualidades se encontram ao pé da Cruz de Cristo. Múltiplos caminhos se abriram ao longo dos séculos para levar o homem à união, tão íntima quanto possível, com o seu Deus. Uns seguem o itinerário traçado por S. João da Cruz e Santa Teresa; outros preferem seguir S. Domingos, outros S. Francisco de Assis, outros Santo Inácio de Loiola, outros S. Francisco de Sales, outros o Padre de Foucauld. Mas também há caminhos que não levam a nenhum lado e se perdem nas areias da ilusão. Há o autêntico e há o aberrante. Pode dizer-se, creio eu, que o critério seguro, o único critério da autenticidade espiritual é a Cruz. Tudo o que leva à Cruz é realmente cristão. Tudo o que elimina a Cruz ou a contorna, pertence à ordem do pseudo ou do sucedâneo.

É preciso, no entanto, compreender bem o sentido da Cruz. A morte de Cristo, quando Ele tinha mais ou menos trinta anos, é um acontecimento histórico e datado. Que significa esse acontecimento? Em si mesmo, não passa de “um fracasso bastante *banal* dum *pregador ambulante*” pretensamente profeta e Messias de Israel. Sofreu sob Pôncio Pilatos, morreu e foi sepultado. Porque isso aconteceu como resultado dum processo que fez algum ruído na província romana da Judeia, a tradição judaica fez-se eco dele, e até o historiador latino Tácito a mencionou nos seus *Annales*. Para nós, cristãos, este acontecimento é o centro da história. O que quer dizer que nós confessamos este acontecimento particular (como todos os acontecimentos) como tendo um significado universal. Que significado? Seria preciso ser-se muito superficial para não se interrogar sobre isso.

Apresentação rudimentar do mistério da Redenção

Hoje, esta questão coloca-se tanto mais profundamente quanto se faz sentir bastante que a crise da Igreja exige, para além dos múltiplos problemas inerentes a si mesma, uma re-centração rigorosa, quero dizer, uma re-descoberta do Centro. Ora, o Centro não pode estar senão nela. O que impressio-

na, antes de mais, nos muitos ensaios teológicos que se têm multiplicado actualmente, sobretudo na Alemanha e na França, é que rejeitam todos uma determinada apresentação do mistério da Cruz que marcou os nossos antecessores e também a nós, e que evidentemente deformou as coisas.

Vejamos como se exprime a este respeito o cardeal Ratzinger, arcebispo de Munique: *“A consciência cristã tem sido, neste ponto, muito amplamente marcada por uma apresentação extremamente rudimentar da teologia da satisfação de Anselmo de Cantorbery (1033-1109)”*. Peço atenção para as expressões que emprega Ratzinger: trata-se dum teólogo que domina o que escreve. Não põe em causa o conceito propriamente dito de Anselmo, mas acrescenta:

“Para um número muito grande de cristãos, e sobretudo para aqueles que não conhecem a fé senão de longe, a cruz situar-se-ia no interior dum mecanismo de direito lesado e restabelecido. Seria o modo como a justiça de Deus infinitamente ofendida teria sido novamente reconciliada através duma satisfação infinita... Alguns textos de devoção parecem sugerir que a fé cristã na Cruz pensa num Deus cuja justiça inexorável reclamou um sacrifício humano, o sacrifício do seu próprio Filho. Esta imagem foi tão divulgada quanto é falsa. A Bíblia não apresenta a Cruz como parte dum mecanismo de direito lesado”. Fiz questão em citar alguém que é toda uma autoridade em teologia.

Será que a justiça de Deus exige a morte de Cristo?

A ideia está clara: Cristo teria substituído a humanidade pecadora, teria tomado sobre Si o castigo destinado a essa humanidade, teria feito da sua vida um sacrifício de expiação. Sublinhemos bem todas estas palavras que corremos o risco de utilizar sem as destrinçar.

A humanidade pecadora deve ser castigada: encontramos-nos perante um Deus que castiga. Se Deus castiga, não é certamente por prazer pessoal; também não pode ser, da parte d’Ele, uma medida arbitrária, porque as medidas arbitrárias são próprias dos tiranos e Deus não é um tirano. Se Ele castiga é porque *“deve”* castigar, é porque a justiça o exige. Ora, Cristo substitui a humanidade para sofrer o castigo. Toma sobre si o castigo. Se Ele morre, não é pois, por causa das suas faltas (Ele é inocente), mas das nossas. Expia em nosso lugar.

Empregam-se também muito as palavras ***“reparação”*** e ***“compensação”***. Diz-se: a ofensa feita a Deus deve ser reparada. A homenagem que os homens recusaram a Deus pelos seus pecados, Cristo – que não tem pecado – oferece-a em compensação. Tais são as principais palavras dum vocabulário

outrora corrente nos catecismos e livros de devoção. Resumo: justiça, castigo, substituição, expiação, reparação, compensação.

Para justificar todas estas palavras, vejam como se costuma raciocinar: o castigo deve ser à medida da falta. De facto, Deus não pode aplacar a sua cólera a não ser que se cumpra o castigo requerido pela transgressão. Mas, dado que é o próprio Deus O ofendido, o homem é incapaz de oferecer uma reparação suficiente. Porque Deus é o Infinito e o homem é finito. Portanto, é impossível que a justiça de Deus seja satisfeita. É por isso que Cristo – que é homem, mas também Deus – substitui os homens para oferecer a Deus uma expiação digna d’Ele, isto é, com um valor infinito. O amor de Deus pelos homens manifesta-se, portanto, na substituição imaginada para satisfazer a sua justiça.

Por isso, o essencial é reparação. Não pode haver reparação senão por uma compensação oferecida à justiça de Deus. Esta compensação toma a forma duma pena aceite pela própria vítima e, por isso, aparece designada em termos de satisfação ou de expiação. Compreendemos bem quanta razão tem o cardeal Ratzinger ao dizer que uma tal apresentação do sentido da morte de Cristo é “*extremamente rudimentar*”. É dizer demasiado pouco. Por isso, ele acrescenta: “*É de fugir horrorizados de uma justiça divina cuja cólera sombria rouba toda a credibilidade à mensagem do amor*”.

Reflectamos, pois: diz-se que Deus não podia perdoar ao homem sem que antes a sua justiça fosse satisfeita. É preciso, portanto, concluir que Deus não é um Infinito de gratuidade. Introduce-se, numa fase de certo modo intercalar do processo de perdão, uma “justiça” que aparece inevitavelmente como um limite do amor. Atribui-se a Deus um amor limitado pela justiça. Se a justiça de Deus exige uma compensação pelo pecado, pode-se ainda, no rigor da palavra, falar-se de perdão? Isso seria dizer que Deus não pode dar curso livre à sua misericórdia se antes não for “vingado”. Atribui-se a Deus uma espécie de conflito entre uma justiça vindicativa e o seu amor paternal; e o amor paternal é limitado pela exigência da justiça vindicativa. O sangue de Jesus derramado no Calvário é, então, o preço duma dívida exigida por Deus em compensação da ofensa infligida à sua honra pelo pecado dos homens ¹.

E, no entanto, os textos do Novo Testamento...

Não podemos deixar de ser sensíveis a tudo quanto há de inaceitável em tudo isso. Mas é preciso reconhecer que os Evangelhos e S. Paulo parecem

¹ Cf. *Éléments de doctrine chrétienne*, II.

autorizar o emprego de todas estas palavras: expiação, satisfação, compensação, substituição. Lemos, de facto, em S. Marcos: “*O Filho do Homem veio para dar a sua vida como resgate em favor de muitos*” (10, 45). Resgate? Procuo o sentido exacto da palavra num bom dicionário do Novo Testamento, e encontro o seguinte: quantidade de dinheiro dada pela libertação dum prisioneiro de guerra ou pelo resgate dum escravo (daí a palavra redenção, que quer dizer resgate: Cristo resgatou-nos, quer dizer, comprou-nos de novo)². Que significa esta expressão? Não podemos, em todo o caso, passar uma esponja sobre este texto de S. Marcos, cuja autenticidade não é duvidosa.

Tanto mais que, vinte anos antes de S. Marcos, S. Paulo tinha traduzido a mesma ideia quase nos mesmos termos: “*Deus apresentou Jesus Cristo como vítima de propiciação, pelo seu próprio sangue, mediante a fé. Ele queria manifestar assim a sua justiça, pelo facto de ter deixado sem castigo os pecados de outrora, nos tempos da paciência de Deus; Ele queria manifestar a sua justiça no tempo presente para mostrar-Se justo e para justificar aquele que tem fé em Jesus*” (Rom 3, 25). Aqui temos um texto que reintroduz com profusão tudo quanto quereríamos pôr de lado: sangue, vítima, justiça, castigo, tudo aparece nele. Ora bem: “*Cristo entregou-Se por nós a Deus como oferta e sacrificio de suave odor*” (Ef 5, 2). E temos sobretudo a epístola aos Hebreus, na qual o autor, para dar sentido da morte de Cristo, se refere continuamente aos sacrificios sangrentos do Antigo Testamento. Nada de tudo isso pode ser apagado.

Então? Damos volta à roca, como dizia Montaigne? Estamos condenados ou a rejeitar as palavras de S. Marcos e de S. Paulo, ou a afirmar, como dado de fé, o que não pode deixar de revoltar os nossos contemporâneos? Porque, como muito bem diz o Padre Duquoq, *quando Bossuet grita “que Deus Pai satisfazia a sua vingança em Jesus”, nós ficamos, segundo o humor, ou revoltados ou divertidos. Revoltados, porque, com que direito se atribuem a Deus sentimentos que O desonram, e se julgam necessários à nossa salvação? Divertidos, já que essa substituição de Cristo aos pobres homens incapazes de reparar o seu pecado parece qualquer coisa absolutamente gratuita e abstracta.*³

A verdade é que, no começo, a cruz de Jesus parecera aos apóstolos um fracasso desprezível. Seguiram Jesus acreditando que tinham encontrado n’Ele o rei do qual nunca ninguém poderia triunfar, e eis que, contra toda a expectativa, eles tinham-se convertido em companheiros dum homem con-

² O Padre Varillon emprega um jogo de palavras difícil de traduzir correctamente em português: “Le Christ nous a rachetés, c’est-à-dire achetés de nouveau” (N.da T.)

³ C. DUQUOQ, *Lumière et Vie*, n.º 101.

denado e executado. Talvez me digam: apesar de tudo, a Ressurreição esclareceu-os; depois das aparições, recuperaram a antiga segurança. Estão certos, agora, de que Jesus é mesmo o Rei em quem tinham acreditado. É verdade. Mas o que é possível não ver é que os apóstolos precisaram de muito tempo para compreender o valor da Cruz. A Cruz, para quê? O Ressuscitado diz aos discípulos de Emaús: “Não era preciso que Cristo padecesse esses sofrimentos para entrar na sua glória?” (Lc 24,26). Para que “era preciso”? Não o compreenderam senão pouco a pouco.

Para explicar o acontecimento, recorreram, em primeiro lugar, ao Antigo Testamento, exactamente às categorias rituais, culturais. O culto era central na via religiosa judaica. O culto e, portanto, os rituais do culto (não existe culto sem ritos). *Os apóstolos convenceram-se, pois, após a ressurreição de Jesus, que tudo o que tinha sido dito no Antigo Testamento encontrava o seu cumprimento n’Ele, e também que era somente a partir de Jesus que se podia compreender verdadeiramente aquilo de que se tratava realmente antes d’Ele. S. Paulo e os evangelistas “explicaram”, portanto, a Cruz, deram um sentido ao acontecimento da “morte de Jesus aos trinta anos sobre uma cruz” a partir das ideias duma teologia cultural do Antigo Testamento.*

A palavra “**sacrifício**”, por exemplo, pertence a essa teologia: sabe-se que em Israel se ofereciam ritualmente animais em sacrifício. A palavra reaparece no Novo Testamento, mas como um termo de comparação. *Jesus mesmo pensou a sua própria morte valendo-se dos sacrifícios antigos: oferece o seu sangue como o do sacrifício da Aliança; diz que esse sangue será derramado por muitos (são estas as palavras da consagração eucarística), e o “memorial” que ele institui nesses dias de Páscoa inspira-se no sacrifício pascal do Cordeiro. Mas para Jesus tudo isso não passava de uma imagem: Ele sabia bem que a sua morte era completamente diferente de um rito!*⁴ O que Ele diz é o seguinte: *os sacrifícios antigos eram ineficazes; só a sua morte pode realizar o que esses sacrifícios queriam operar e significar*⁵. Pode dizer-se, portanto, que a morte de Jesus é “*sacrificial*”; é isso que diz o Evangelho.

Durante muito tempo fez-se um disparate notável ao querer interpretar a carta aos Hebreus segundo as categorias do Antigo Testamento. Duma ponta à outra, o autor desta epístola refere-se ao antigo Templo, aos sacrifícios da Lei judaica, ao sacerdócio levítico. Era tentador pensar que este autor, provavelmente um discípulo de S. Paulo, compreendia a morte de Cristo de

⁴ A. GEORGE, *Lumière et Vie*, n.º 101.

⁵ C. DUQUOQ, *ibid.*

acordo com essas categorias. Na realidade, o seu pensamento é totalmente outro: ele compara a morte de Cristo aos sacrifícios antigos para mostrar que entre essa morte e esses sacrifícios há uma diferença essencial. Serve-se de categorias bem conhecidas dos seus interlocutores (é uma carta a Hebreus, a Judeus) para lhes fazer compreender como a sua esperança tinha sido plenamente realizada para além do que podia prever-se.

Ratzinger resume admiravelmente, em poucas linhas, o pensamento do autor: *“Todo o aparato sacrificial da humanidade, todos os esforços que enchem o mundo para se reconciliar com Deus pelo culto e os ritos, estavam condenados a permanecer obra humana ineficaz e vã, porque o que Deus quer, não são novilhos nem touros nem qualquer oferenda ritual. Pode-se muito bem oferecer a Deus hecatombes de animais em toda a superfície do globo. Deus não tem nada com isso, porque, de qualquer modo, são coisas que Lhe pertencem; não se dá nada a Deus queimando tudo isso para sua glória...É o homem, só o homem que interessa a Deus. A única adoração verdadeira, é o “sim” incondicional do homem a Deus. Tudo pertence a Deus, mas Ele concedeu ao homem a liberdade de dizer “sim” ou “não”, de amar ou de recusar amar; a adesão livre do amor é a única coisa que Deus pode esperar”*⁶. Fora disso, tudo fica desprovido de sentido. Só isso é insubstituível.

Ora, todo o culto antigo *pretendia substituir o insubstituível*, substituir a oferenda do amor do homem pelas oferendas de animais. Uma tal substituição era perfeitamente vã. Jesus, sim, ofereceu-Se a Si mesmo: pronunciou o “sim” da obediência filial a Deus (notem que estou a resumir a carta aos Hebreus; neste momento não pretendo explicar porque razão a morte de Jesus é um “sim” filial de obediência a Deus, já que, de facto, nós consideramos inaceitável e escandaloso que Deus possa, em nome da sua justiça, exigir o sangue do Filho; mas voltaremos a isto).

Para o autor da carta aos Hebreus, Cristo substitui as oferendas *vãs e ineficazes* dos Antigos pela sua própria pessoa. De facto, *o texto afirma que foi pelo seu sangue que Jesus realizou a reconciliação com Deus (9, 12)*. Mas *isso não quer dizer que esse sangue derramado fosse um dom material, um meio de expiação quantitativamente apreciável*: o sangue derramado é a expressão concreta dum amor que vai até ao extremo de si mesmo. Cristo, para o autor da carta aos Hebreus, é Aquele que deu tudo, absolutamente tudo. Nisso, Ele é o Homem, o homem na plenitude da sua perfeição. *Ele é o absoluto daquele amor, que só podia oferecer Aquele em quem o próprio amor de Deus Se tornara amor humano*.

⁶ J. RATZINGER, *op. cit.*

Portanto, não é porque os Evangelhos, S. Paulo e a carta aos Hebreus explicam a morte de Jesus em termos de resgate, expiação ou substituição, que nós devemos manter-nos prisioneiros – como já aconteceu durante demasiado tempo – da teoria segundo a qual o Pai teria exigido o sangue de Cristo como satisfação à sua justiça lesada pelo pecado dos homens. Por outras palavras, não somos infiéis à Sagrada Escritura se nos apartarmos de uma tal teoria (porque não passa de uma teoria; e não é o único caso em que os teólogos uniram indevidamente o essencial da fé a uma teoria explicativa). No caso do sentido da morte de Cristo, não é só contestável a teoria que prevaleceu durante séculos nos tratados de teologia e catecismos; ela é, digamo-lo outra vez, gravemente deformante! Não temos escapatória: qual é, pois, o sentido da expressão do Credo: Cristo morreu por nós?

Proposta de reflexões teológicas

Precisamos sempre de voltar ao que Jesus diz no Evangelho de S. João: *“Quem Me vê, vê o Pai”* (14, 9) Ver Jesus é ver a Deus. Não conhecemos Deus senão por Jesus. Mas, conhecendo Jesus, conhecemos verdadeiramente Deus na medida em que nos é necessário conhece-l’O para estabelecer com Ele uma relação verdadeira. O essencial é não nos enganarmos a respeito do que Deus é.

Tudo o que Jesus diz e faz revela ou descobre a Deus. O que existe visivelmente em Jesus existe invisivelmente, misteriosamente, em Deus. Se a Encarnação é acto de humildade, é porque Deus é Ser de humildade. Se Deus é pobre, é porque Deus é pobre...Quando vejo Jesus, na tarde de Quinta-Feira Santa, lavar com humildade os pés do homem, estou a ver o próprio Deus eternamente Servo, com humildade, no mais profundo da sua Glória. A humildade de Cristo não é um avatar excepcional da glória de Deus: manifesta, no tempo da história humana, que a humildade reside eternamente no seio da Glória. Ora, não é no momento em que Jesus morre na cruz que eu vou deixar de O ouvir dizer-me: *“Quem Me vê, vê o Pai”*. Muito pelo contrário: é a morte de Jesus que me revela, me descobre, me faz ver quem é Deus.

Para Cristo, “obedecer” ao Pai, não é executar uma ordem, como vemos, neste mundo, um inferior executar a ordem do seu superior hierárquico. Não temos de imaginar Deus Pai dizendo a Deus Filho: ordeno-te que sofras e morras aos trinta anos. Se isso fosse a obediência, estaríamos de acordo com os contestatários de todo o género em recusá-la! Na verdade, Cristo “obedece” ao Pai, revelando-O tal qual Ele é e não tal como os homens quere-

riam que Ele fosse. Revelar a Deus tal como Ele é, foi, para Jesus, aceitar morrer. Se Jesus não tivesse aceitado morrer, não teria revelado a Deus tal como Ele é.

O amor morreu a si mesmo: a entrega de si

De facto, o fundo das coisas é que, eternamente em Deus, a morte está no coração da vida. Deus é Amor. Ora, amar é morrer a si mesmo, não somente preferindo os outros a si próprio, mas (quando se é Deus e se ama em plenitude, quando se realiza eternamente a perfeição do amor), renunciando a existir para si e por si a fim de existir unicamente pelos outros e para os outros. Deus é Trindade: o Pai não é senão movimento para o Filho e para o Espírito; o Filho não é senão movimento para o Pai e para o Espírito; o Espírito não é senão movimento para o Pai e para o Filho. Esse “**não é senão**”, sobre o qual insisti, porque é esse “**não é senão**” que exprime o mistério de Deus, quer dizer que o fundo de Deus é a identidade morte-vida. Sair de si é mesmo morrer em si próprio. Viver é amar, mas amar é morrer, porque é não ser senão pelos outros e para os outros.

É isto o que Jesus põe de manifesto ao morrer na cruz. S. Paulo diz-nos que Deus “*Se aniquilou a Si mesmo tomando a condição de servo e tornando-Se semelhante aos homens... e humilhou-Se ainda mais fazendo-Se obediente até à morte, e morte de cruz*” (Fl 2,8-9). Isto quer dizer que o ser de Deus está eternamente no acto de se entregar aos outros. É certo que nós não podemos compreender exactamente o que isso significa, porque o Ser eterno de Deus está para além de todas as nossas representações, mas podemos tratar de compreender que é mesmo esse o “**mistério**” do Ser de Deus. Em todo o caso, precisamos de saber em que Deus acreditamos!

Os judeus esperavam uma manifestação triunfal de Deus. Mas no Calvário Deus não intervém, esconde-Se e cala-Se. Não é o Deus Sabaoth, isto é, o Deus dos Exércitos. É o Deus “*desarmado*”: o jogo de palavras já é clássico⁷. Imaginavam-n’O rico e poderoso, e é-o certamente, porque é Infinito; mas agora compreende-se que a sua riqueza não é possuir mas dar: é a riqueza dum entrega total de Si mesmo, sem reserva nem segunda intenção. Seria desconhecer o amor supor em Deus uma segunda intenção ou uma intenção reservada. O amor não entrega nada de si mesmo se reservar o seu íntimo: é esse íntimo o que ele entrega. Reservar a seu respeito um pensamento ou uma intenção, isso significa que se sente proprietário de si mesmo.

⁷ Impossível traduzir em português: Dieu des armées (*Deus dos exércitos*) e Dieu “*désarmé*” (*Deus “desarmado”*), porque fica sem efeito a homofonia das expressões (N. da T.)

Ora, em Deus, não há nenhum vestígio de propriedade.

Muito longe de exigir, para satisfazer a sua justiça, o sacrifício do seu Filho, o Pai, ao sacrificar o Filho, sacrifica o que tem de mais querido. Quer dizer que Se sacrifica a Si mesmo. O Pai não Se poupa a Si mesmo. Visto que o ser do Pai não é senão (sempre o *“não é senão”*) para e pelo Filho, ao dar-nos o seu Filho, dá-Se a Si mesmo. O seu ser, a sua “natureza” é ser *“entrega de Si”* (a palavra “entregar-se” é uma das que aparece mais vezes nos Evangelhos).

A morte de Cristo leva-nos a pensar que o ser de Deus é muito diferente daquilo que nós imaginamos, que as perfeições de Deus são, não só infinitamente superiores ao que nós podemos ser em matéria de perfeição, mas também existem n’Ele de um modo infinitamente diferente do nosso: Deus é totalmente Outro! Quanto a nós, somos ricos ao possuir. Deus, em troca, é rico ao despojar-Se. Nós sentimo-nos fortes dominando; Deus, por sua vez, é forte fazendo-Se servo.

Cristo, tornando-Se servo, deixando-Se prender durante a Paixão e despojando-Se da própria vida, traduz a Deus em gestos e actos humanos. É, como se diz, o *“prisma de Deus”* que decompõe para os nossos olhos corporais a luz branca resplandecente da Divindade. É esse prisma desde o princípio até ao fim da sua vida, mas é-o sobretudo pela sua morte. É ao exalar o último suspiro que Ele se despoja da própria vida, portanto, de tudo; é nesse momento que Ele é humanamente o que Deus é divinamente desde toda a eternidade. É nesse momento que Ele é humanamente todo poderoso, como Deus é divinamente todo poderoso. É nesse momento que Ele participa da onnipotência de Deus, que não é poderio de domínio nem de exibição de Si, mas de apagamento de Si mesmo.

Enquanto não se compreender que a onnipotência de Deus é uma onnipotência de ocultamento de Si, enquanto não se experimentar na própria vida que é preciso mais poder de amor para se ocultar do que para se exhibir, tudo quanto acabo de dizer é literalmente ininteligível, Amar o outro é querer que ele seja e não desejar suplantá-lo para que ele seja menos: é assim o poder do amor!

A onnipotência do amor é o perdão

Quando Cristo participa na onnipotência de Deus, que é um poder de ocultamento de Si – e participa nele quando Se oculta, isto é, quando morre –, Ele participa no poder de perdão que é o íntimo de Deus. Literalmente, Ele morre por nós homens, “salva”-nos. Isto requer uma palavra de explicação

porque é muito difícil falar adequadamente do perdão e, no entanto, como dizia Mauriac, nós temos fome de perdão ainda mais do que de pão.

O perdão não é a indulgência, mas a re-criação. É a re-criação da liberdade daquele que deixou que a sua liberdade fosse destruída pelo pecado. Requer-se mais poder em Deus para perdoar do que para criar. Porque recriar é mais do que criar. O poder de re-criação encontra-se no âmago do poder criador, como um super-poder. Ao criar liberdades, Deus compromete-Se num redobrar de amor ao restituir-lhes esse poder que lhes dá de se criarem a elas próprias. Ora, o acto criador é, em Deus, acto de humildade e de renúncia: Deus, que é Tudo e renuncia a ser Tudo. Porque, quando se é Amor, não se tolera ser Tudo; não se pode ser Amor e ser Tudo. Ele abre, então, um espaço à liberdade e, como diz o poeta alemão Hölderlin, “*Deus faz o homem como o mar faz os continentes: retirando-Se*”.

Se para Deus o acto de criar é o acto de se retirar, não será o acto de recriar, ou de perdoar, de refazer uma liberdade, uma reduplicação do acto de se retirar? Perdoar não será retirar-se duas vezes? Não será isso a suprema Onnipotência? A oração da Missa do vigésimo sexto Domingo do Tempo Comum di-lo explicitamente: “*Senhor, que dais a maior prova do Vosso poder quando perdoais e Vos compadeceis, infundi sobre nós a Vossa graça...*”

É, pois, ao morrer que Cristo participa no Poder supremo, recriador, perdoador de Deus. Um homem nascido da Virgem Maria, portanto da nossa raça, tem pela sua morte o poder divino de perdoar. Um Deus que nos outorgasse o perdão não deixaria de ser-nos suspeito. Nada é mais suspeito do que uma certa maneira paternalista de dizer: perdoo-te. Mas um Deus feito Homem, que perdoa morrendo, cuja morte é exactamente perdão, e perdão universal, como poderia ser-nos suspeito?

Por isso, é bem verdade afirmar que é pelo sangue derramado de Cristo que nós somos salvos. É o que exprime a frase da consagração eucarística: Este é o sangue que será derramado pela remissão dos pecados. Estas palavras não querem dizer que o sangue é uma compensação oferecida à justiça de Deus que exigiria que o sangue de Cristo fosse derramado. O sangue derramado é o sinal dum amor que vai até ao extremo (cf. Jo 13, 1). Até ao extremo do dom, quer dizer, ao perdão ou dom perfeito.

Sublinho que o mistério da Cruz de Cristo não passa de um enigma desprovido de significado se não se converter radicalmente a ideia que espontaneamente se tem do poder de Deus. Todo o homem começa por procurar a Deus na linha do poder: Deus é o “*Grande Patrão*”. É inevitável: não é possível deixarmos de seguir, ao princípio, essa direcção que é pagã. Espontaneamente, quereríamos que Deus estivesse constantemente a intervir nos

nossos assuntos, que Deus mesmo escrevesse a nossa história em vez de nós, que Deus nos livrasse dessa terrível responsabilidade que nós temos de ser nós mesmos os autores do nosso destino.

Quando nos tornamos cristãos (porque não se é cristão, vamo-nos tornando nisso, por uma conversão de cada dia) e contemplamos a impotência absoluta do Homem-Deus cravado numa cruz, temos sempre muita dificuldade em esquecer a primeira etapa (pagã) que nos marcou profundamente. Sempre se é mal convertido. Oscilamos entre duas imagens do divino que conciliamos mais ou menos por não sabermos unificá-las: a imagem da Omnipotência pagã, dominadora, e a imagem da Omni-Impotência de Cristo cravado na cruz, que agoniza e morre. A imagem da Omnipotência pagã prevalece subjacente, imutável: e a imagem da Omni-Impotência de Cristo cravado aparece de alguma maneira em sobreposição. Esta coexistência das duas imagens é um desastre para a alma e para a mente.

É preciso, portanto, prolongar durante dias e anos uma meditação especificamente cristã, que nos persuada, em profundidade, que é a Omni-Impotência do Calvário que revela a verdadeira natureza da Omnipotência de Deus, do Ser eterno e infinito. É a morte de Cristo que revela em plenitude a Glória de Deus, essa Glória que é exactamente o Amor como Poder de aniquilamento de Si. É em Jesus crucificado que se torna manifesto o autêntico “*por ti*” ou “*por vós*” do Absoluto vivo, que é a Trindade. É um homem desfigurado, a sangrar, coberto de escarros, de suor e sangue, comparado por Isaías ao cordeiro conduzido ao matadouro, que descobre o Ser eterno sem figura. A existência humana não tem sentido senão n’Ele e por Ele: é esta a afirmação central da nossa fé.

Como se compreende a emoção de S. Paulo quando nos diz (Fl 3, 18) que “*chora*” ao pensar nesses homens “*que são inimigos da cruz de Cristo*”! Seria preciso, sem dúvida, que também nós fôssemos capazes de chorar.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

“Por nós homens e por nossa salvação (...), se fez homem. Crucificado por nós sob Pôncio Pilatos, sofreu a sua paixão e foi posto no túmulo” (Credo).

1. Como é que o Padre Varillon apresenta o mistério da cruz?
2. Que sentido dar aos seguintes vocábulos tirados da sagrada escritura: Justiça divina, pena severa, substituição, expiação, reparação, com-

pensação, durante muito tempo ensinados aos fiéis da igreja? São hoje incompreensíveis para nós?

3. Como compreender “O Santo sacrifício da missa”?
4. Que podemos nós aprender do Ministério de Deus?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: Col 2, 9-15

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

Pois n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E vós estais repletos d'Ele que é a cabeça de todo o Principado e Potestade, no Qual também fostes circuncidados, com uma circuncisão que não é feita por mão de homem, tendo-vos despojado do corpo de carne pela circuncisão de Cristo. Sepultados com Ele no baptismo, foi também com Ele que ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos. E, quando estáveis mortos pelos vossos delitos e pela incircuncisão da vossa carne, vivificou-vos com Ele, perdoadando-vos todos os vossos pecados; cancelando a acta escrita contra nós, cujas prescrições nos condenavam; aboliu-a inteiramente, cravando-a na Cruz. Despojando os Principados e Potestades, exibiu-os publicamente, triunfando deles pela Cruz.

IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

* A que é que cada um de nós tem de renunciar, para que o nosso amor cresça?

* Quais as dificuldades e as alegrias?

5.ª REUNIÃO

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO: UM FACTO HISTÓRICO ¹

Vamos abordar o problema da ressurreição de Cristo. Problema ou mistério importante entre todos, se é verdade que devemos acreditar em S. Paulo quando nos diz que “*se Cristo não ressuscitou, a nossa fé é vã ou vazia*”, quer dizer, sem fundamento (1 Cor 15, 14).

História e fé

A batalha de Austerlitz é um facto histórico, a morte do General de Gaulle também. Será preciso dizer que a ressurreição de Cristo é, do mesmo modo, um facto histórico? Sim e não. *A Ressurreição é, ao mesmo tempo, e indivisivelmente, um facto histórico e um acontecimento para a fé.* Mais exactamente, é um acontecimento para a fé, que contém um facto histórico (sem o qual não seria possível falar de acontecimento).

É histórico o testemunho dos apóstolos: homens que tinham vivido com Jesus e O consideravam como o Messias, afirmavam tê-l’O visto vivo depois de morto na cruz.

Este testemunho, que é histórico, implica algo não histórico e que não pode sê-lo: *a ressurreição, como acto de passar da morte à vida eterna, só pode ser uma realidade para a fé. Os apóstolos não foram testemunhas desse acto e não podiam sê-lo (mesmo que eles tivessem ficado dentro do sepulcro de Jesus até à manhã de Páscoa).* De facto, *em relação a este mundo em que qualquer coisa pode ser constatada, a ressurreição é pura e simplesmente um desaparecimento.* O corpo de Jesus ressuscitado deixa de pertencer ao nosso universo físico do espaço e do tempo.

Por conseguinte, torna-se impossível poder constatar a passagem – o acto de passar da morte à vida eterna. É por isso que a ressurreição de

¹ *Manuscrito:* “A ressurreição de Cristo, um facto histórico?” pertence à série redigida em 1971-1972. O Padre Varillon baseia-se num artigo do Padre POUSSET, “A ressurreição”, em *Nouvelle Revue Théologique*, de Dezembro de 1969 e no livro do Padre X. LÉON-DUFOUR, *Résurrection de Jesus et message pascal*, Seuil, 1971.

Jesus não pode ser assimilada de modo algum à reanimação dum cadáver, como no caso de Lázaro.

A ressurreição de Lázaro não é a passagem da morte à vida eterna, ao mundo de Deus, mas o regresso à vida tal como era antes da morte. Lázaro voltou à sua vida como era antes de morrer. Quando me dirijo a crianças, digo-lhes que, ao sair do sepulcro, Lázaro talvez tivesse espirrado, tossido, sentido o tempo que fazia (sol ou chuva). Em todo o caso, voltou a encontrar os seus familiares, os amigos, o mundo tal como o tinha deixado antes de morrer; retomou a sua vida e não foi dispensado de morrer segunda vez, mesmo que não tenha sido Marselha o lugar onde encontrou a morte definitiva, como reza a lenda. Portanto, nada de comum entre aquilo que chamamos a ressurreição de Lázaro (que é, antes, o milagre de um cadáver reanimado) e a ressurreição de Jesus.

O que nós podemos considerar histórico é o que constituiu para os apóstolos o objecto duma constatação sensorial ou sensível (para os sentidos). Ora, o que eles experimentaram com os seus sentidos, o que foi para eles objecto duma constatação sensorial são apenas duas coisas: o túmulo vazio; e, por outro lado, a manifestação de alguém – eu não falo da manifestação de Jesus ressuscitado – que se apresenta diante deles, sem que eles o reconheçam ainda como sendo Jesus vivo. Se eles O tivessem reconhecido imediatamente como sendo Jesus vivo, teríamos de dizer que se tratava de um cadáver reanimado.

Não gosto de brincar quando se trata de um mistério tão profundo, mas posso, mesmo assim, dizer o seguinte: ninguém imagina os apóstolos a exclamarem: - Olha! Então, tu saíste do sepulcro? Ou: - Olha! Então como é que isso aconteceu? Estavas morto e agora aqui! Isso é impossível! Os apóstolos constataram, em primeiro lugar, a presença de alguém: jardineiro, para Madalena, viajante, para os peregrinos de Emaús... e *é num acto de fé que eles reconheceram imediatamente esse alguém como sendo Aquele com quem tinham vivido* durante três anos e de quem tinham sido discípulos.

Insisto: *seria falso imaginar que os apóstolos constataram* (constatação – pelos sentidos – portanto, histórica) que esse Alguém que Se apresenta diante deles *é o Jesus que tinham conhecido antes da sua morte na cruz, e acreditaram imediatamente no Ressuscitado. Os textos evangélicos, afirmam pelo contrário:*

- Eles aperceberam-se de alguém, mas sem o reconhecerem;*
- Dessa percepção, passaram à fé através de uma reflexão sobre a sua existência anterior com Jesus, esclarecida agora pelas Escrituras que Ele lhes interpreta e pela missão que lhes confia.*

Temos, portanto:

- *Constatação da presença de alguém que se manifesta;*
- *Compreensão das palavras anteriores de Jesus, da sua conduta anterior, das profecias relativas à sua morte (é no relato dos peregrinos de Emaús onde este tempo de reflexão por meio das Escrituras aparece mais desenvolvido, mas todos os relatos de aparições notam bem que a simples manifestação de Jesus ressuscitado não basta aos apóstolos para O reconhecerem, enquanto toda a gente reconheceu Lázaro);*
- *Reconhecimento (pela fé) desse Alguém como sendo Jesus vivo, e esse mesmo Jesus os orienta imediatamente, a partir do seu passado, para o futuro, confiando-lhes uma missão, a de edificar a igreja.*

O sepulcro vazio

Quais são os sinais pelos quais Jesus ressuscitado se manifesta? O Evangelho responde: dois: um, negativo (o sepulcro vazio); o outro, positivo (Jesus aparece aos apóstolos).

Notemos bem que *a descoberta do sepulcro vazio*, tal como nos é relatada no Evangelho, *nunca desempenhou qualquer papel na gênese da fé dos apóstolos. O sepulcro vazio, de facto, não prova, só por si, a ressurreição.* Por outro lado, na expressão mais antiga do Novo Testamento (cerca do ano 50), S. Paulo afirma que *“Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos” (1 Tes 1, 9)*: não se fala de sepulcro. A descoberta do sepulcro vazio é certamente relatada nos evangelhos, mas não faz parte da mensagem apostólica fundamental (o que é muito diferente das aparições).

*“O sepulcro vazio é um facto curioso que levanta uma questão. A resposta não se impõe”*². É sempre possível interpretar o facto de outra maneira, especialmente pelo roubo do corpo. Não queremos dizer, de maneira nenhuma, que o sepulcro vazio não seja uma realidade, um facto. *Queremos dizer somente que, se isolarmos este facto do contexto*, isto é, principalmente do testemunho dos apóstolos no que diz respeito às aparições, *ele continua a ser um pormenor*, cuja solidez o historiador pode sempre contestar (como este ou aquele facto diferente relatado pelo historiador Tácito). *Considerado em si mesmo, a dois mil anos de distância, um pormenor assim, mesmo bem atestado, não tem grande valor histórico.* Não se podem declarar “históricos” *senão os acontecimentos de certa magnitude e integrados num conjunto* que é também ele considerado “histórico”.

² X. LÉON-DUFOUR, *Les évangiles et l’histoire de Jésus*, Seuil, 1963.

Não é de admirar, portanto, que o historiador moderno mantenha a maior reserva em relação à descoberta do sepulcro vazio. Não sairá da sua reserva de historiador a não ser que, por outro lado, ele reconheça o valor do testemunho dos apóstolos no que se refere às aparições.

As aparições: sua objectividade

Em relação às aparições, não se vê muito bem como é que o facto poderia ser negado. “*Sem isso, por pouco que se renuncie à hipótese insustentável duma fraude concertada, o cristianismo torna-se inexplicável!*”³. Para Edouard Le Roy, filósofo amigo de Bergson e de Teilhard de Chardin, “*o facto das aparições está por cima de qualquer contestação razoável*”⁴. Mas o problema está no significado deste facto, da sua importância. Ora, neste ponto, a reflexão tropeça muitas vezes com um a priori, segundo o qual qualquer aparição não passa de uma alucinação subjectiva e patológica, sem valor objectivo. É preciso que se diga que este postulado não é de modo algum evidente por si mesmo. Acabar assim, de antemão, com a questão, não é conforme ao verdadeiro método crítico.

Fala-se de auto-sugestão: “*Faltaria compreender como é que a fé dos apóstolos, tão fraca, tão frágil antes da grande decepção da morte de Jesus, pôde renascer tão viva e tão exaltada, depois. Pregar Jesus ressuscitado de entre os mortos resultava para eles um perigo muito maior do que reconhecer, durante o seu processo, que tinham sido seus discípulos. Ora bem, os apóstolos não tiveram a coragem, durante o processo, de O reconhecerem como seu mestre. E, no entanto, isso era menos difícil do que ter a ousadia de pregar que esse mesmo Jesus tinha ressuscitado. A dificuldade, uma vez desaparecido Ele, era muito maior do que terem posto n’Ele anteriormente uma confiança levada até à aceitação alegre do martírio*”.

Notemos, no entanto, que esta observação não é decisiva em si mesma: existe uma escapatória. Há, de facto, o caso de fenómenos colectivos de crença na sobrevivência dum herói morto na guerra. A coisa parece corroborada nas populações de psicologia primitiva. Sobrevivência não no sentido de que o herói tivesse emigrado para a região dos mortos, mas no sentido de que continuava a pertencer sempre, se bem que invisivelmente, ao nosso mundo, e a exercer ainda nele, uma acção histórica. Uma crença deste tipo pode suscitar, entre os povos primitivos, a dedicação mais exaltada, da parte dos fiéis, pela causa encarnada por esse herói. É preciso, portanto, ser prudente, tanto mais que se trata do fundamento da fé.

³ A. NIZIN, *Histoire de Jesus*, Seuil, Livre de Vie.

⁴ E. LE ROY, *Dogme et Critique*, 1907.

Diz-se: uma aparição não pode ser senão uma fabricação da mente; é qualquer coisa de subjectivo; Tem que ver com um mecanismo alucinatório. Mas as nossas percepções mais comuns (por exemplo, a percepção que eu tenho, neste momento, deste microfone, deste papel, desta mesa e de todos os aqui reunidos) contêm também elas uma parte de fabricação subjectiva. *Uma aparição pode perfeitamente implicar elementos de fabricação subjectiva e ter um valor objectivo.* Só é preciso que nos entendamos no que respeita à palavra “objectivo”. É uma palavra ambígua. Objectivo não quer dizer exterior. A nossa imaginação leva-nos a crer que tudo o que é objectivo é exterior, e tudo o que é interior é puramente subjectivo. É absolutamente verdade que todos os que estão aqui diante de mim, neste momento, são objectivos, têm uma existência objectiva (nenhum de vós se resignaria a existir só no meu pensamento, se eu lhes dissesse que só existiam no meu pensamento, ficariam furiosos e protestariam: existem objectivamente). Mas, ao mesmo tempo, são exteriores a mim (estão separados de mim uns quinze ou vinte metros e, para eu lhes tocar, para lhes apertar a mão, para os abraçar, teria que percorrer o espaço que nos separa). Mas, por si, objectivo não significa exterior: são dois conceitos absolutamente diferentes.

Quando afirmamos que a manifestação de Jesus ressuscitado aos apóstolos foi objectiva – e é isso que é essencial – não o dizemos pelo facto de ser exterior a eles (como todos vós em relação a mim e eu a vós). *Mesmo se os apóstolos, fabricando necessariamente a sua percepção (visto que toda a percepção é uma construção: é o B-A—BÁ da filosofia) e falando a linguagem corrente, se aperceberam de Jesus como exterior a eles, isso não quer dizer de maneira nenhuma que Jesus estivesse, quanto a Si mesmo, exterior a eles.*

Reconheço que este é um ponto difícil; se preferirem pensar que Jesus ressuscitado era, ao mesmo tempo, objectivo e exterior, são absolutamente livres de o fazerem. Somente é necessário prever as objecções e as dificuldades. É preciso não pôr obstáculos no caminho da fé, porque o essencial, o que compromete a fé, é que a sua presença era objectiva.

O que nós queremos dizer ao falar do “valor objectivo” das aparições é exactamente isto: as aparições não são apenas uma reconstrução dos apóstolos. Elas são reais no sentido em que os apóstolos reconheceram o Ressuscitado em virtude de uma iniciativa que não vem deles mas d’Ele. Na alucinação, a iniciativa vem do sujeito que conhece. No caso das aparições, a iniciativa não parte dos apóstolos mas de Cristo. Por outras palavras, se os apóstolos viram Jesus foi porque Jesus Se fez ver, deixou-Se ver.

Poder-se-ão comparar as aparições de Jesus ressuscitado às experiências místicas de que nos fala a história da Igreja (como as de Santa Teresa, Santa

Catarina de Sena ou Bernardette de Lourdes)? Sim e não, mas sobretudo não.

Sim, porque num e noutro caso, para os apóstolos e para Bernardette, dá-se uma *experiência do inefável*; em Jerusalém, como em Lourdes, o inefável (isto é, o que não é naturalmente objecto de experiência: o próprio Deus ou Maria) *torna-se objecto de experiência*. Leiam qualquer livro sério sobre os místicos, Baruzi ou Delacroix, e pensem que foi pelo estudo dos místicos que Bergson chegou à fé. *A experiência mística é a do divino*: é verdade para Santa Teresa ou para Santa Bernardette. É verdade para os apóstolos.

Mas eu disse: sobretudo não. Porque, na experiência dos apóstolos, no que nós chamamos as aparições de Jesus ressuscitado, há qualquer coisa que é absolutamente original, qualquer coisa da qual só eles tiveram experiência. Então, o quê? Que diferença fundamental existe entre as aparições de Jesus aos apóstolos e as de Maria a Bernardette? Esta: *a identidade d'Aquele que eles vêem agora, depois da sua morte, com Aquele que eles tinham conhecido antes da sua morte, nas condições da existência natural*. É o mesmo. Os apóstolos reconhecem Jesus como sendo mesmo Aquele com quem tinham vivido antes da sua morte. Bernardette não reconhece Maria como uma mulher com a qual ela tivesse guardado as ovelhas. Não se dá qualquer reconhecimento duma identidade. A experiência dos apóstolos é absolutamente original e única na história: *eles compreendem que existe continuidade entre a vida mortal de Jesus e a sua existência de Ressuscitado*.

A génese da fé nos apóstolos

Tentemos compreender como as coisas se passaram, se bem que estas questões, como vão ver, não sejam nada simples. É provável que, se não são simples, é porque nós as deformámos um pouco. Gostaria que fossem simples (não digo simplistas!), porque a fé é para toda a gente e não só para os eruditos e os filósofos. Na génese da fé dos apóstolos contam-se três tempos:

Primeiro tempo: os apóstolos são homens que *encontraram* Jesus, *o homem Jesus, na sua vida mortal*; seguiram-n'O, acreditaram n'Ele como sendo *o Messias, salvador do seu povo*, não digo como sendo Deus, pois nenhum apóstolo, antes do Pentecostes, acreditou que Jesus era Deus! Primeiro tempo: vida mortal, homens mortais vivendo com um homem mortal.

Segundo tempo: *esta fé, real mas frágil, sofreu a terrível prova da morte de Jesus*, não qualquer morte mas uma morte infamante. *Isto foi para eles o fim dum lindo sonho, a interrupção duma bela aventura. Deixaram de acre-*

ditar no seu Messias, condenado e crucificado. Acreditam ainda em Deus? Não temos a certeza, porque Deus deixou condenar o justo: um Deus que deixa condenar o justo poderá existir? Encontram-se na desorientação total, não esperam mais nada. No episódio admirável dos discípulos de Emaús, S. Lucas descreve esta desorientação: nós esperávamos, mas já não esperamos...e dispersam-se. Continuam, no entanto, a ser aqueles que estavam ligados a Jesus e que O seguiram durante três anos. É a partir daí que se vai gerar a sua fé pascal, por intervenção de Jesus ressuscitado.

Terceiro tempo: alguém se lhes apresenta. Dá-se um sinal: alguém que aparece de repente sem que ninguém se tenha apercebido de que se aproximava. Poderia ser o jardineiro (é o que Maria Madalena crê no princípio), poderia ser um viajante na estrada entre Jerusalém e Emaús. *Isto não esclarece os apóstolos, antes os perturba.* Que acontece? Já não têm fé nem esperança: *Como é que poderiam reconhecer, pelos sentidos naturais (pelos olhos, ouvidos, mãos) alguém que ultrapassou a existência natural e que não pode ser reconhecido só pelos sentidos naturais?* Se o reconhecessem logo, Jesus seria um cadáver reanimado, como Lázaro: teria regressado à vida mortal. Mas Jesus passou à vida eterna, a vida propriamente divina. Nesse momento, *esse alguém explica-lhes as Escrituras, aplicando-as à sua vida passada e sobretudo à sua morte. Propõe-lhes uma leitura das Escrituras que vai mais longe do que aquilo que eles tinham compreendido nelas até então. Explica-lhes o que os Profetas tinham anunciado a respeito do Messias que devia sofrer e morrer.* Para os apóstolos, é uma luz projectada sobre os sofrimentos e a morte de Jesus, que tinham sido a causa da sua desorientação, que tinham sido para eles as próprias trevas em que a sua fé mergulhara. *A fé renasce-lhes,* e chegamos ao ponto capital: *compreendem que Jesus,* precisamente porque era o Messias, *devia sofrer e morrer* (não apesar de, mas porque era o Messias). Os Profetas tinham-no dito, agora os apóstolos compreendem-no.

E, ao mesmo tempo que a sua paixão e morte, as Escrituras *tinham anunciado a exaltação do Messias. No imediato, é a Igreja que tem de crescer. Por isso, assim que os apóstolos reconheceram Jesus, logo que ficaram seguros da sua identidade, Jesus volta-os para o futuro, confiando-lhes uma missão:* edificar a Igreja, fazer crescer a Igreja. *Este ponto do envio em missão é tão importante como o regresso ao passado.*

Ouvimos com frequência a seguinte objecção: *se a ressurreição de Cristo tivesse sido atestada por outros homens que não os apóstolos, neutros, digamos, pagãos que não tivessem conhecido Jesus, ou até por adversários* (os fariseus, os príncipes dos sacerdotes), um tal testemunho não teria sido mais

comprovativo? Não haverá um motivo de dúvida no facto de que *os apóstolos estavam em situação privilegiada em relação a uma eventual ressurreição*? Seria muito menos suspeito, ouve-se vulgarmente, se Judas tivesse sido a testemunha da ressurreição...

Tomar a sério uma tal objecção, é imaginar a ressurreição como a reanimação dum cadáver, como o regresso de Jesus à vida natural. É conceber a ressurreição como um prodígio que dispensaria um acto de fé (não é preciso um acto de fé para reconhecer Lázaro saído do sepulcro!), um prodígio que poderia “*ferir de terror não importa quem e constrangê-lo de certo modo à fé*”⁵. Imaginemos Judas como testemunha da ressurreição: não teria ido enforçar-se, teria sido obrigado a crer! Mas é contraditório, porque, quando se é constrangido à fé, a fé já não é fé. Uma ressurreição que não passa dum prodígio, impressionando qualquer pessoa e constrangendo-a à fé, não seria nada sério!

A verdade é que, *se os adversários de Jesus se tivessem encontrado com os apóstolos no caminho de Emaús, teriam talvez visto um “desconhecido”, não teriam certamente reconhecido Aquele que eles tinham crucificado*. Digo talvez, porque sabemos como esta pergunta se costuma fazer! Um bom homem que tivesse estado a fumar o seu cachimbo à porta de casa, à beira da estrada de Emaús, teria visto dois ou três viajantes? Não sei. Tudo depende precisamente do que se pense: aparição exterior ou puramente interior, em todo o caso certamente objectiva. Pode ser também que tivesse visto um “desconhecido”, mas provavelmente não o teria reconhecido Aquele que ele tinha crucificado, supondo que esse bom homem fosse um dos carrascos que pregaram Jesus na cruz.

É preciso acrescentar o seguinte: as aparições são um sinal que desaparecerá. A Ascensão será a última e a festa da Ascensão a festa da última aparição. *A fé perfeita supõe, de facto, a superação de qualquer sinal particular, a liberdade em relação aos sinais. A fé perfeita é a fé segundo o Espírito. O Pentecostes é que inaugura esta fé. Para além das aparições, e muito mais do que elas, vai ser a expansão da igreja a plena manifestação de Jesus ressuscitado*.

As tentações do não-crente e do crente

O que é a ressurreição de Cristo para o não-crente? O não-crente dos nossos dias encontra-se um pouco na situação dos apóstolos antes de terem reconhecido Jesus num acto de fé. *Os sinais* (sepulcro vazio e aparições), *se*

⁵ RAMSEY, *La Resurrection du Christ*.

privados de um sentido, tendem a perder significado. Nos apóstolos, Jesus, ao manifestar-Se, provoca, em primeiro lugar, o temor. Tomam-no por um fantasma. Para o historiador, caso se mantenha fora da fé, os sinais são frágeis e até suspeitos. A fé inter-age com os sinais, revelando, esclarecendo a sua coerência e solidez. Mas o não-crente também reage aos sinais, desarticulando-os de certo modo e dissolvendo-os.

Para o historiador não-crente, existe de facto o dado literário do sepulcro vazio e das aparições: está escrito! Mas este dado literário, quando se separa do seu sentido, tende a esvaziar-se de si mesmo, de maneira que não chega sequer a constituir-se em problema: por um lado, o não-crente tende a suprimir o dado do sepulcro vazio como facto histórico (dirá que os primeiros cristãos inventaram este facto para apoiar a causa, ou então, se pelo estudo dos textos chega à conclusão do carácter verdadeiramente histórico do sepulcro vazio, encontrará uma saída para a questão levantada pelo facto histórico na lenda judaica que refere Mateus 27, 64 e 28, 13, segundo a qual “os discípulos de Jesus vieram durante a noite e roubaram o corpo, a fim de poderem dizer ao povo: Ele ressuscitou dos mortos”). E, no que respeita às aparições, o não crente terá tendência a interpretá-las como fenómenos de auto-sugestão ou de alucinação colectiva. O ponto importante é este: quando se desconhece o sentido do facto, acaba-se por dissolvê-lo; o desconhecimento do sentido tende a reflectir-se no facto, dissolvendo-o.

Mas, tenhamos cuidado, inversamente, em não exagerar o dado histórico. É a tentação do crente: acontece-nos raciocinar como se o sentido fosse imediatamente perceptível do lado histórico. Como se o sepulcro vazio fosse por si mesmo uma prova da ressurreição. Como se as aparições permitissem identificar Jesus imediatamente, sem que se tivesse que fazer um acto de fé. Como se Jesus fosse Lázaro regressado à vida. Acautelemo-nos: se fosse assim, seria preciso afirmar que a ressurreição de Jesus entra inteiramente no domínio dos sentidos e da história. Nesse caso, teríamos que concluir que o não-crente é um imbecil ou um ignorante, que não conhece os textos ou que é incapaz de lê-los correctamente ou ainda que está de má fé (Deus sabe que não estamos livres de tratar os não crentes como imbecis ou pessoas de má-fé). Mas é desonesto e não temos, em absoluto, direito a isso: não exageremos o dado histórico; a ressurreição de Jesus não é pura e simplesmente um facto histórico como a batalha de Austerlitz. A fé é livre, sem isso não seria fé!

Não um prodígio mas uma série de sinais

Grandes pintores tentaram representar Jesus a sair do sepulcro no esplendor da sua vitória, como, por exemplo, esse quadro de Perrugino em que

Cristo sai do sepulcro com uma bandeirinha! É possível que tenham criado obras-mestras, mas prestaram-nos um mau serviço. Nenhuma testemunha viu alguma vez semelhante coisa. Jesus não se mostrou ressuscitado: ensinou os seus a reconhecerem-n’O ressuscitado. Se tivesse havido uma saída espectacular do sepulcro, o mistério teria deslizado para o nível do mito; teria a ver com um facto maravilhoso puramente humano e fechado no humano.

Gostaria que reflectíssemos sobre a seguinte questão (de facto, é com questões como esta que se pode medir a qualidade da fé, porque há pessoas que se dizem crentes e que, na realidade, estão unicamente ávidas daquilo a que chamamos o maravilhoso; esse maravilhoso que permite triplicar a tiragem do *Paris-Match*, quando conta a história duma Nossa Senhora em bronze que chora ou duma hóstia que sangra!): que pensariam de uma religião fundada sobre um deus morto que se desforra deslumbrando-nos com uma vitória em força? Tal vitória seria muito semelhante a essa espécie de desforra com que nos acontece sonhar, desejando que a Igreja “se desfornasse” de todos esses “lobos maus dos comunistas e maçónicos, etc.” Todos nós sonhamos com um Cristo mais ou menos triunfal.

Imaginar Jesus saindo espectacularmente do sepulcro é deslizar para o plano das mitologias pagãs; é fazer Deus à nossa imagem; é introduzir Deus, não na nossa história verdadeira – que é a história das nossas decisões – mas no que quereríamos que fosse a nossa história, para nos evadirmos dela. Seria o triunfo do folclore, e não é oportuno provocar confusão entre a sublimidade da fé cristã e não sei que sucedâneo dos folclores pagãos!

A ressurreição não pode ser um prodígio evidente; não pode ser senão uma série de sinais que solicitam a fé. É preciso ter isto em conta: os que constataram de mais perto o prodígio recusam a fé, quero dizer, os chefes judeus que mandaram guardar o sepulcro. Recordem: eles não tinham contestado a ressurreição de Lázaro como facto, porque, dessa vez, era incontestável. Tinham sempre chegado à conclusão de que era urgente suprimir Jesus: para eles, era este o sentido do facto: já que esse homem faz tais prodígios, todos acreditarão nele e os romanos virão destruir a nossa nação. Ilustravam desse modo a resposta de Abraão ao mau rico da parábola: “*Se eles não escutam Moisés nem os Profetas, muito menos, um morto ressuscitado*” (Lc 16, 31).

De facto, em nenhuma parte do Evangelho aparecem prodígios que sejam simplesmente prodígios: Jesus recusa categoricamente. Ele não quer que acreditem por causa do prodígio: qual seria a qualidade dessa fé? No deserto, não transformou as pedras em pães; quando se Lhe pede um sinal do céu, responde que o grande sinal será a sua morte (cf. *Mt* 12, 40). A multiplicação dos pães não é um excedente de víveres que, por si só, não faria senão

aumentar o desejo dos homens de um bem-estar terrestre: um simples maravilhoso mitológico, por conseguinte! O verdadeiro sinal destina-se a orientar a esperança e a fé para as realidades definitivas, a saber, que não só de pão vive o homem. É por isso que o discurso sobre o pão da vida, a eucaristia, vai unido à multiplicação dos pães (Jo 6).

O perigo está em querer tentar reconstituir tal e qual o que se passou, desviando-nos do que os evangelistas querem dizer. Ora o que eles querem não é dizer o que se passou tal e qual, hora a hora e dia a dia, mas introduzir-nos numa experiência, a da *nova presença real de Jesus*. Esta presença nova não é registável: Ele já não pode ser reconhecido pelo testemunho dos sentidos. É todo outro. Não um outro, mas o mesmo que Se tornou totalmente outro.

Como escreve o Padre X. Léon-Dufour ⁶, nós temos duas séries de textos evangélicos:

- Uma série que insiste sobre o facto de que Jesus ressuscitado não é um fantasma, um espírito (os judeus acreditavam facilmente em fantasmas e espíritos). Ele é muito claro: “*Tocai-Me e vede: um espírito não tem carne e ossos, como podeis ver que Eu tenho*” Lc 24, 39; o que afirma que Jesus ressuscitou realmente no seu corpo.
- Uma outra série de textos para afirmar que este corpo já não é o mesmo: o Ressuscitado aparece, desaparece, atravessa as portas fechadas, o seu corpo escapa às determinações do espaço e do tempo. É o mesmo (primeira série), mas o mesmo tornado outro (segunda série). Há, portanto, duas séries de textos que nos permitem ver – a palavra é importante – o que não pode ser objecto duma representação precisa, isto é, “*um corpo espiritual*”, como diz S. Paulo.

Entre os sinais que nos são dados, só um pode ser objecto de constatação: o sepulcro vazio. Com as aparições é diferente. Podemos ter a certeza de que os discípulos de Emaús, Maria Madalena e os discípulos, isoladamente ou em grupo, foram os únicos que viram e ouviram Aquele que Se manifestava. Se eles tivessem tido máquinas fotográficas ou gravadores, não teriam podido gravar nem fotografar. O que se lhes pede é o testemunho.

Não é preciso insistir demasiado sobre esta diferença entre o testemunho e a reportagem. Muitos seriam tentados a ver na reportagem equipada com todos os meios de gravação o cúmulo da verdade histórica. Não compreendem que as câmaras e os gravadores não podem captar senão aparências exteriores. Para gravar uma experiência profunda, o único instrumento váli-

⁶ X. LÉON-DUFOUR, *Résurrection de Jésus et message pascal*, Seuil, 1971.

do é o coração no sentido bíblico da palavra, isto é, a consciência. O que leva a perguntar: porque acreditas? Qual a motivação da tua fé? Por outras palavras, qual é o sentido que a ressurreição de Jesus dá à tua vida? Não só o facto mas o sentido do facto.

Se queremos servir-nos de uma palavra usada em fotografia, eu diria que o que recebe a “impressão” da experiência de Jesus ressuscitado é o íntimo do ser, da nossa própria existência. Quando os apóstolos dizem: “*Nós somos testemunhas disso*” (Act 5, 32), isso não significa: nós vimo-l’O sair do sepulcro. Quer antes dizer: nós estamos absolutamente certos de que Jesus está vivo; Ele abriu, de uma vez para sempre, na sua pessoa, as portas da Vida verdadeira, quer dizer, Ele é, em Si mesmo, a Ressurreição. E a garantia desta certeza, que é mais do que humana, é a entrega que nós fazemos das nossas vidas até ao martírio. É isto o testemunho!

Conclusão: a ressurreição de Cristo é uma questão posta à história

Para o historiador que é só historiador, a ressurreição de Cristo coloca à história uma questão insolúvel pelos meios próprios do historiador, uma questão de que não se pode ver livre com explicações de ordem empírica. É uma questão ao mesmo tempo insolúvel e não descartável: não se pode descartar e, no plano puramente histórico, não se pode resolver.

Não se trata só de um enigma histórico, como a identidade do Máscara de Ferro ou o nascimento de Weygand. Trata-se de uma questão que ultrapassa toda a possibilidade de solução (compreende-se: no plano puramente histórico). Não só não está resolvida, como é insolúvel. A ressurreição, nesse plano histórico, não pode ser afirmado como facto histórico; mas não pode deixar de continuar a ser uma questão histórica, uma questão objectivamente enunciada. Pelo que toca ao historiador, é impossível ir mais longe.

Mas nenhum historiador é simplesmente historiador, assim como nenhum sábio é simplesmente sábio. Um sábio é um homem, o historiador é também um homem que pode estar casado, ter filhos, ser músico, ser crente... Ora, porque é um homem, o historiador não pode acantonar-se no estudo dum objecto cuidadosamente limitado e considerado com a indiferença da ciência que não passa de ciência. O historiador não pode deixar de se sentir ele mesmo comprometido com a história: é necessário que deixe falar nele o homem que se sente confrontado com o sentido dessa história.

Hoje em dia, não pode deixar de sentir a questão levantada por vinte séculos de cristianismo, não pode deixar de se interrogar sobre o possível sentido divino da história humana O facto perfeitamente original da ressurreição

reição de Cristo (digamos, para não nos adiantarmos a julgar: o facto perfeitamente original do testemunho dos apóstolos sobre a ressurreição de Cristo) não pode deixar de colocar a questão duma “*dimensão transcendente*” da história. O historiador pode, portanto, admitir razoavelmente que o “*dedo de Deus*” está lá. Pode admiti-lo, enquanto homem que se interroga sobre o sentido da existência humana.

Será preciso ir mais longe e acrescentar que essa é mesmo a única saída razoável para a questão? Só que isso exige que ele reconheça os limites radicais da razão humana, enquanto explica o encadeamento dos fenómenos. É necessário ainda, se ele quiser ser sério, aprofundar uma filosofia do corpo, para compreender que o desaparecimento do cadáver de Jesus não é a volatilização da matéria, mas uma assunção transfigurante dessa matéria em Deus.

Sempre será livre de recusar este modo de julgar as coisas, mas permanecerá encerrado na consideração dum facto desprovido de sentido. Só o acto de fé abre ao sentido. Esse sentido é que a morte está vencida ou que o amor é mais forte do que a morte. A minha exigência mais profunda é a vida: quero viver para sempre. Se me dizem que não pensam da mesma maneira, vejo-me obrigado a interromper o diálogo, não adianto nada com ele. Tudo quanto posso dizer é que sou diferente. Pois, quanto a mim, eu quero viver para sempre. A ressurreição diz-me: viverás para sempre. É esse o sentido. É por isso que eu creio.

Quando Marc Oraison era cirurgião em Bordéus, via diariamente homens a morrer, a deixar de viver. Decidiu ser sacerdote para que a missa fosse celebrada no seio da mortalidade universal, para que se tornasse presente a Ressurreição no próprio centro do mundo em que tudo é mortal. Ele refere-o longamente, por diversas vezes, nos seus livros. Com efeito, a ressurreição é, para além de toda a morte, a Vida, a brecha no círculo da mortalidade universal onde, sem ela, ficamos completamente encerrados.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

O inquérito do Padre Varillon é rigoroso e pormenorizado:

1. Temos uma adesão plena e completa ao acontecimento da Páscoa?
2. Jesus ressuscitou verdadeiramente para nós? Quais são os motivos sobre os quais se baseiam as nossas respostas?

3. “*Alguns entre os Apóstolos duvidaram*” (Mt 28, 17). Quais são as nossas dúvidas?
4. Que consequências práticas tiramos da ressurreição de Cristo na nossa vida pessoal?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: Cl 3, 1-3

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

“Se, pois, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da Terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.”

IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

Ressuscitado, Cristo está vivo hoje como ontem:

- * Que sinais reconhecemos no nosso cônjuge?

- * “*Eu estou convosco todos os dias*”: estas palavras ajudam-nos a resistir nas provações? Em que circunstâncias, mais particularmente, fomos postos à prova?

6.^a REUNIÃO

A IGREJA, VISIBILIDADE DO DOM DE DEUS E VIVER

I. TEMA DE ESTUDO

Se há tantos dos nossos contemporâneos, particularmente entre os jovens, mas também entre os mais velhos, que perguntam: “*Não seria possível aderir a Cristo sem passar pela Igreja?*”, é certamente porque a Igreja aparece como um obstáculo à fé. Gostariam de amar Cristo e o Evangelho, mas sem aquilo a que eles chamam o “sistema”. Entenda-se por isso todas as instituições pontificias, diocesanas, jurídicas, morais, sacramentais, etc., que pesam sobre os ombros de muitos como um jugo ou uma capa de chumbo.

Visibilidade do dom de Deus

Ninguém vai a Deus, é Deus que vem a nós

Será possível ir a Deus sem passar pela Igreja? Esta pergunta encerra uma armadilha. Nas religiões não cristãs trata-se, de facto, de ir a Deus: desde sempre se teve o pressentimento de que existe, para além do mundo, um ser transcendente, todo-poderoso, e as religiões procuram educar o homem de modo a que ele alcance esse (ou esses) deus(es). Na realidade, pode-se educar para Deus, um pouco como se educa para um ideal. Os artistas têm um ideal estético, os sábios um ideal científico, os homens políticos um ideal político. Da mesma maneira, existe, nessas religiões, um ideal religioso.

Mas, quando se trata da divinização da humanidade, se tal é o objectivo da nossa fé e a própria originalidade do cristianismo, a questão não é ir a Deus. Ninguém se vai divinizar a si mesmo, isso não tem sentido nenhum. É Deus quem vem. Não existe caminho que leve do homem a Deus. Onde querem ir? Onde querem subir com uma escada de cordas? Existe um caminho que vem de Deus ao homem: chama-se Igreja. A Igreja é o caminho de que Deus Se serve para vir ao nosso encontro. Ele não quer divinizar os indivíduos separadamente uns dos outros, mas toda a humanidade. Deus dá-Se: a Igreja é visibilidade desse dom de Deus na história, é a porção de humanidade que acolhe

visivelmente o dom de Deus. Notem que Maria, só Ela, é toda a Igreja quando diz “sim” a Deus. Antes de ser uma instituição, a Igreja é acolhimento de Jesus Cristo e comunhão daqueles que acolhem Jesus Cristo.

Isto é fundamental. No discurso depois da Ceia (Jo 13, 17), Jesus não diz nunca: “*Subi para Deus*” mas “*o Pai e Eu viremos e estabeceremos em vós a nossa morada*”. A morada de Deus está entre os homens. Amar a Igreja é amar o movimento de Deus para nós; é amar a pressa com a qual o Senhor corre para nós (cf. a parábola do filho pródigo) para levar-nos com Ele e fazer-nos viver da sua vida. Nós podemos, evidentemente, oferecer obstáculo a esta vinda de Deus, podemos envolver-nos nuns “*impermeáveis*” tais que Deus não poderá passar (Péguy tem páginas encantadoras sobre o que ele chama “*um banho*” da graça divina). É sempre Deus quem vem. Não é imóvel, fixo na sua eternidade: Ele está vivo. Ora, a vida é movimento; a Vida de Deus é o seu movimento em direção a nós. Nunca deveríamos representá-lo a não ser com os braços abertos para nós e correndo ao nosso encontro.

Pertença invisível à Igreja

O que é que acontece àqueles que não conhecem a Igreja? Salvam-se? A questão está em saber quais os motivos pelos quais recusam a Igreja. É muito provável que a maioria deles recusem a Igreja por razões aceitáveis: não vêem nela a manifestação visível de Jesus Cristo, mas uma organização que lhes parece decadente; têm a impressão de que a Igreja é o lugar de todas as superstições; pensam (e aliás nem sempre se enganam) que é aliada dos poderosos deste mundo, etc., numa palavra, não vêem na Igreja senão uma caricatura. Sei muito bem que muitas vezes damos ocasião à caricatura e devemos dizer o nosso *mea culpa*.

De certeza que milhões de homens que não conhecem a Igreja ou que, conhecendo-a não querem ouvir falar dela pelas razões que acabo de dizer, pertencem invisivelmente à Igreja, quer dizer, estão salvos, divinizados, terão uma eternidade como nós esperamos ter (a participação na própria vida de Deus), na medida em que eles obedecem à sua consciência. Só Deus pode saber se alguém pertence ou não invisivelmente à Igreja; quanto a mim, não sou, de modo nenhum, juiz disso. Como dizia Santo Agostinho: “*Há uns que se crêem dentro e estão fora; e há os que se crêem fora e estão dentro*”. A questão está em saber se todos esses homens a quem chamamos não-crentes, supondo que a Igreja lhes pudesse ser apresentada tal como é, sem caricatura, isto é, como o sinal histórico da sua divinização, lhe dariam ou não a sua adesão.

Mais vale, portanto, não dizer que há uma Igreja visível e uma Igreja invisível. Não há senão uma Igreja e é visível. Como querem que não seja visível, já que ela é o sinal da nossa divinização? Um sinal é visível, evidentemente. Pode dizer-se que há pessoas que pertencem visivelmente à Igreja e outras que lhe pertencem invisivelmente. Os novecentos milhões de chineses são salvos, isto é, divinizados pela Igreja que eles não conhecem, com a condição de que a sua actividade seja verdadeiramente humanizante. Por outras palavras, se não existisse Igreja, não haveria salvação.

A Igreja não é uma instituição que vai reger de fora a vida dos cristãos, como uma organização que tem as suas regras, leis, programas nos quais tivéssemos que nos inscrever antes de entrar.. É a Igreja que nos transmite a vida divina, que no-la comunica e rege. A nossa vida precisa de ser, ao mesmo tempo, estimulada, dinamizada e regulada.. Se não existem regras, o simples dinamismo corre o risco de levar às piores aberrações. Pelo contrário, onde não há mais do que regras, leis, disciplina, sem vida alguma, o que há é puro legalismo que não responde a nenhuma das nossas necessidades profundas. O essencial é a vida, a fonte.

Ora bem, a fonte é Cristo. Não comunicamos com Deus a não ser através de Cristo. E não comunicamos com Cristo senão através da Igreja. É muito interessante querer abandonar a Igreja, querer ir a Jesus Cristo sem passar pela Igreja, mas é precisamente “da Igreja, nossa mãe” que nós aprendemos quem é Jesus Cristo. Que história é essa de pôr-se sobre os ombros daquela que nos amamentou, para lhe cair em cima? Ela tem os seus defeitos e faltas que nos fazem sofrer, como se sofre com as imperfeições duma mãe. Mas, sem a Igreja, como saberíamos que Deus é amor e Se encarnou? Suprimam a Igreja: dentro de vinte anos ninguém saberá que Deus Se dá, ninguém conhecerá que o sentido da vida é partilhar eternamente a mesma vida de Deus. Há certamente na Igreja pedagogias muitas vezes ultrapassadas, estruturas a modificar, talvez até de alto a baixo ¹. A Igreja está sempre em processo de reforma, segundo um dito tradicional. Isto não impede que o ensino sobre o fundamento das coisas, isto é, que existe um homem-Deus e que n’Ele nós somos plenamente humanizados e divinizados, nos seja dado pela Igreja; e que não só o ensino mas a própria vida de Cristo pelos sacramentos.

A Igreja não é, como alguns gostariam de pensar, uma necessidade pedagógica transitória, comparável à autoridade dos pais de quem nos desprendemos à medida que avançamos na vida. Pelo contrário, quanto mais se

¹ Em *Beauté du monde et souffrance des hommes*, cap. 11 : «interrogações na Igreja» , o Padre VARILLON explica o seu pensamento sobre alguns problemas actuais da Igreja.

avança na vida, mais a Igreja está perto, porque é por ela que se avança, é ela que ajuda a avançar. Vou servir-me de uma comparação: o homem está polarizado ou magnetizado por Deus que vem e nos atrai a Si. A força de magnetização é a Igreja; deixar a Igreja é deixar o campo magnético.

Por conseguinte, a Igreja não é, de modo nenhum, como alguns a acusam, uma espécie de intermediária entre o homem e Deus, impedindo que haja um contacto directo. Não é mediadora, no sentido em que uma nação é mediadora entre outras duas cujos pontos de vista são opostos, a fim de aproximá-las e de chegarem a uma conciliação. A Igreja não se situa a meio caminho entre o homem e Deus; é ela, pelo contrário, que estabelece o contacto. Ela é, decerto modo, a luz graças à qual se dá comunicação directa entre o homem e Deus em Cristo. Para aprofundar esta compreensão da Igreja, é preciso conhecer a tríplice origem.

Tríplice origem da Igreja

A origem histórica

A Igreja nasceu na fé na ressurreição de Jesus e da fidelidade dos crentes ao dinamismo provocado por essa ressurreição. A convicção primordial de que a Igreja primitiva vive é esta: Cristo ressuscitou e vive para sempre. Progressivamente, todos os que partilham desta convicção tiram dela as seguintes consequências: em Jesus, manifestou-se a superação radical das possibilidades humanas; Ele é o Senhor universal; Ele é Aquele ao Qual se pode aplicar o que se dizia de Javé: “*o Santo*”; Ele é Aquele por quem e em quem nós temos uma relação com o Absoluto vivo. O facto histórico que ninguém pode iludir é o testemunho dos apóstolos, ligado ao nascimento da Igreja.

A Igreja é a vontade de manter este testemunho numa comunidade que se organiza. Em pleno ambiente judaico, o acontecimento cristão significa o aparecimento duma novidade absoluta. Para a mentalidade judaica, a distância entre Deus e o homem era intransponível: o judeu sentia-se como que esmagado pela transcendência de Deus. E por isso é mais fácil render culto a Jesus de Nazaré. Os que O conhecem dizem d’Ele que é “*Senhor e Messias*” (Act 2, 36; 4, 26); “*Autor da Vida*” (Act 3, 15); “*Chefe e Salvador*” (Act 5, 31); “*Senhor de todos*” (Act 10, 36); “*Juiz dos vivos e dos mortos*” (Act 10, 42); “*Luz das nações*” (Act 13, 47).

Deram conta de que certos homens, na véspera ainda incrédulos e desamparados, eram capazes de testemunhar ali mesmo, no dia seguinte ao acontecimento ou pouco depois, em favor desse homem, Jesus, que toda a gente tinha visto morto sobre o patíbulo infamante da cruz; capazes de teste-

munhar diante dos seus próprios juizes, cuja cólera era sempre de temer, capazes de afirmar que esse morto estava ainda e para sempre vivo, e que tinha ressuscitado e que é o Senhor da glória de Deus. Os apóstolos não puderam deixar de assumir este testemunho: “*Quanto a nós, não nos podemos calar sobre o que vimos e ouvimos*” (Act 4, 20). Os membros dessa comunidade descobrem (devem ler-se os Actos dos Apóstolos) que a transcendência de Deus que se manifestou em Jesus implica a universalidade absoluta da sua mensagem. Todos os homens estão, portanto, chamados a construir o Povo de Deus.

A origem da Igreja em Deus

A palavra “*começo*” tem dois sentidos: origem e aparecimento. É portanto distingui-los bem: a origem dum criança é a sua concepção; o seu aparecimento é o dia do seu nascimento. A origem é o começo primordial, original, escondido, não observável. O aparecimento é o começo observável, explícito, a manifestação visível. Acabamos de reflectir sobre o aparecimento da Igreja. Assim como cada um afirma: eu nasci em tal cidade, em tal dia, a tal hora, a Igreja diz-nos: nasci na Páscoa e no Pentecostes, mas a minha origem (a minha concepção) está em Deus, no “*mistério escondido em Deus*” (Ef 3, 9).

Deus fez-se Cristo para que Cristo Se fizesse Igreja. Por outras palavras, a Encarnação não acaba na pessoa de Cristo. Se Cristo existe é para que toda a humanidade seja cristificada. O que Deus tem em vista desde a eternidade é a união com toda a humanidade, é essa união que chamamos Igreja.

Notemos como a ordem de execução é inversa à ordem da intenção. A intenção eterna de Deus é a comunidade de todos os homens divinizados, o que Teilhard chama “o ponto omega”. Daí o aparecimento dum realização progressiva: criação da matéria, da vida (vegetal e logo animal), do homem, a vinda de Cristo, o desenvolvimento da Igreja que é a visibilidade do dom de Deus ou da vocação do homem a acolher o dom de Deus.

Tenhamos cuidado em não dizer às pessoas rectas que não são cristãs: “*Sois cristãos sem sabê-lo*”. Nada como isso para as irritar. É brincar com as palavras. Vamos explicar, portanto, que existem três sentidos na palavra “***Igreja***”:

- O que existe, primeiro, no desígnio de Deus: a reunião comunitária final (eterna) em Cristo;
- A pertença invisível à Igreja visível;
- A Igreja visível em si mesma.

Os dois primeiros sentidos não podem ser compreendidos senão pelos crentes. Falemos, portanto, nesses dois primeiros sentidos, ou antes, do Reino. O terceiro sentido é aquele que suscita acusações, incompreensões, na medida em que a Igreja aparece como cenário e não como sinal.

A origem da Igreja no homem

Há uma correspondência profunda entre o que a Igreja quer significar e o que o homem é no mais íntimo do seu ser. O que a Igreja propõe existe no coração do homem como um desejo essencial. Se a Igreja fosse, de alguma maneira, alheia ao homem, senão traduzisse o desejo mais profundo do homem, não passaria duma peça acrescentada, imprevista, sem interesse! O homem é, realmente, um ser relacionável em duas dimensões: uma horizontal e outra vertical. A relação com o mundo e com os outros é-lhe essencial; sem ela, não existiria: que pode ser uma criança sem os pais? Os outros são-me essenciais. Sem os outros não sou nada. O homem procura apaixonadamente a comunhão (camaradagem, amizade, fraternidade, amor, etc.)

Mas a relação com Deus não lhe é menos essencial. Cada um de nós, se reflectirmos, não pode deixar de estar de acordo com isto: Eu não sou fonte de mim mesmo, eu não sou o centro unificador de todas as consciências, nem o autor da comunhão universal a que todos os homens aspiram, conscientemente ou não; é preciso que a comunhão fraterna dos homens tenha fundamento, como a minha existência. Mais profundamente do que qualquer “*prova*” de Deus no plano intelectual, o homem “*experimenta*” que o sentido da vida, sendo inteiramente dele (ele é criador), pertence a um Outro, o Absoluto vivo que fundamenta a sua existência.

A Igreja (não a caricatura dela, mas tal como Cristo a quer) apresenta-se como a realização desta dupla dimensão: a união do homem com Deus, a união dos homens entre si. Ela diz-nos: és divinizável, és atraído por Deus no mais íntimo do teu ser, o teu itinerário pessoal rumo a Deus faz-se a par da tua união com os homens. O “*vertical*” não vai sem o “*horizontal*”. Este enraíza-se naquele. A Igreja é a figura histórica da própria natureza do homem.

Desfigurada por todas as infidelidades dos cristãos, provoca decepção na medida em que não é sinal de Cristo. Isto explica os caminhos transviados pelos quais tantos homens procuram Cristo noutros lugares que não a Igreja tal como eles a entendem. Porque o homem, que não pode prescindir da Igreja sem renegar o que o constitui fundamentalmente, acaba por criar sucedâneos da Igreja, fazendo do sexo, do dinheiro, da droga ou de “paraísos

artificiais” um absoluto ou um meio de reunião. Mas as reviravoltas da história, provocam na Igreja esses renascimentos de que a sua fidelidade sai renovada, oferecendo ao mundo, de modo mais autêntico, o rosto de Cristo.

Mistério de amor

Para penetrar no mistério da Igreja até à sua realidade profunda que é, portanto, Cristo ressuscitado que nos dá o seu Espírito de amor, devemos compreender que não existe diferença entre a frase fundamental de Jesus: “*Nisto conhecerão que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros*” (Jo 13, 35) e o que dizemos no Credo: “*Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica*”. Porque o amor é uma palavra muito vaga, facilmente superficial, sentimental. Sempre nos podemos enganar sobre o que é o verdadeiro amor. São as quatro notas ou características da Igreja que nos dizem como ela deve estar animada pelo amor e como deve trabalhar por reunir os homens no amor. Dizer que a Igreja é una, santa, católica e apostólica, é afirmar que ela é um mistério de amor.

Una

Só o amor une e unifica. É preciso começar sempre pela justiça, porque o amor é quimérico se não crescer sobre o fundamento da justiça. Mas a justiça pode manter-nos separados; haverá respeito mútuo mas não comunicação ou comunhão recíproca. Não existe comunidade autêntica se o alicerce não for o amor.

Quando Cristo nos diz: “*Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*”, não está a utilizar uma simples comparação: amai-vos da mesma maneira como Eu vos amei. O que Ele quer dizer é: amai-vos com o mesmo amor com que Eu vos amo. Ora, este amor não é um sentimento, mas uma pessoa viva, o Espírito Santo que, na Trindade, faz a unidade do Pai e do Filho, é o seu laço de amor. É-nos dado no baptismo e em cada uma das nossas comunhões eucarísticas para que tenhamos em nós a força ou a energia de derrubar os obstáculos que se opõem ao amor. Só que nós resistimos-Lhe, não nos deixamos arrancar facilmente ao egoísmo que separa e divide. É por isso que a unidade da Igreja é muito imperfeita.

A comunidade ideal, que seria a Igreja num mundo sem pecado, não existe, está em marcha rumo à unidade. O desígnio de Deus é que todo o mundo seja à imagem da Trindade, que os homens sejam um no amor, à imagem da unidade na Trindade. A unidade não está feita, faz-se.

Esta unidade não impede uma determinada diversidade de funções, de escolas teológicas, de espiritualidades, etc. Porque, tal como na Trindade, a verdadeira unidade não é a uniformidade. A fidelidade à unidade da moda não faz com que todas as mulheres usem um uniforme: imaginem-nas assim, não seria nada bonito! Não é por o homem ser diferente da mulher e a mulher ser diferente do homem que não existe unidade no casal; existe de facto unidade, e é fruto do amor! É por isso que se deve evitar o espírito sectário. A unidade não se rompe senão quando as diferenças se convertem em oposições, na recusa ao diálogo.

Santa

A palavra “*santo*” não significa em primeiro lugar a santidade das pessoas humanas, mas a de Cristo. A Igreja é santa porque Cristo é santo. Cristo é Aquele que traz, a um mundo de pecado, a santidade de Deus ou, o que vem a ser o mesmo, o Amor puro. No Antigo Testamento, a palavra “*santo*” aplica-se só a Deus (assim, o cântico de Isaías 6, 3: Santo, santo, santo é o Senhor; o *Magnificat* proclama: Santo é o seu nome). Deus é “*O Santo*”. Também, quando qualificaram Jesus de santo, foi grande escândalo, porque era a primeira vez em Israel que alguém ousava chamar a um homem esse nome reservado a Deus. Depois, os cristãos foram também chamados “*santos*”, e tornou-se um artigo do Credo: creio na comunhão dos santos.

É preciso compreender, no entanto, que santo não é sinónimo de perfeito, de sábio ou de herói que, graças a circunstâncias excepcionais, manifesta muita coragem. Os santos são os que vivem a vida divina. Porque este é um núcleo da nossa fé: todos os homens são chamados a partilhar eternamente da própria vida de Deus, a amar como Ele ama. Existe, pois, uma comunhão misteriosa dos santificáveis santificados ou dos divinizáveis divinizados; digo misteriosa, porque a questão fica em aberto: saber quem é divinizado e em que medida o é.

A santidade da Igreja é o poder de santificação ou de divinização que Deus exerce apesar dos pecados dos homens. Karl Rahner fala da “*santa igreja dos pecadores*”. Dizer que a Igreja é santa é afirmar que existe nela, ao mesmo tempo, a fidelidade de Deus e a infidelidade dos homens e que Deus permanece fiel apesar da nossa infidelidade. O que é inaudito, sempre que se reflecte, é que Deus escolha como receptáculo da sua presença e acção. “*mãos sujas*”, servindo-me do título da peça de Jean-Paul Sartre.

Não existe contradição entre a santidade da Igreja e a nossa mediocridade. Pelo contrário, a santidade da igreja resplandece no facto de não temer ser manchada pelo contacto dos pecadores que nós somos. Do princípio ao

fim da sua vida pública, Jesus acompanhou os “*pecadores*”, comia com eles, estava à vontade em sua companhia. Não havia n’Ele qualquer atitude rígida ou cortante: “*Eu não vim chamar os justos mas os pecadores*” (Mt 9, 13); “*vim procurar e salvar o que estava perdido*” (Lc 19, 10). Se a Igreja excluísse do seu seio os tíbios, os medíocres e os pecadores, pretendendo ser um gheto de puros, precisamente por isso não seria santa! Imaginem uma Igreja que fosse a sociedade dos perfeitos: como poderia ela ser humilde? Uma Igreja gangrenada pelo orgulho não poderia ser sinal de um Deus que é infinitamente humilde. Não há pior imperfeição do que julgar-se perfeito.

Compete-nos a nós oferecer santidade à Igreja, pois o que é a Igreja senão todos nós? Se dizemos que a Igreja não é santa, isso significa simplesmente que nós não somos santos. A não ser que ainda se confunda, como há uns anos atrás, a Igreja com a hierarquia. Esta é uma função na Igreja, os leigos representam outra: a santidade requiere-se de todos!

Católica

Esta palavra significa universal. Como poderia ser de outro modo, se é a Igreja a encarregada de tornar visível o amor de Deus? O dom de Deus não pode ser particular, é para todos os homens de todos os tempos e de todos os países. Do mesmo modo que Cristo é o sacramento de Deus, isto é, o próprio Deus tornado visível, assim a Igreja é o sacramento de Cristo para todos os homens.

Não vamos crer que a universalidade seja geográfica. A Igreja é católica no sentido muito mais profundo de ser capaz de unir em Jesus Cristo todas as nações, raças, culturas e civilizações. “*A Igreja já era católica na manhã de Pentecostes, quando todos os seus membros permaneciam numa pequena sala, era-o no tempo em que as vagas arianas pareciam submergi-la, e sê-lo-ia ainda amanhã se apostasias massivas lhe fizessem perder quase todos os seus fiéis*”².

A Igreja é católica porque só ela é capaz de revelar aos homens o sentido da sua vida. É uma capacidade, que vem do Espírito Santo, de responder às verdadeiras necessidades de todos os homens, sejam elas quais forem. Para pertencer à Igreja, uma pessoa não tem que renunciar a nada de especial, mas na prática, ai!, as coisas são muito diferentes. Andei pelos Camarões, pelo Chade, na República Centro-Africana: se soubessem como é triste ver as igrejas construídas em estilo europeu, quando há uma arte negra magnífica!

² H. De LUBAC, *Catholique*, 5.^a ed., 1952.

Conhecem a história dos Jesuítas na China, no século XVII, com o Padre Ricci: como astrónomos, compreenderam imediatamente os caracteres chineses; foram também perfeitamente acolhidos pelas camadas populares, porque falavam a língua do país. Tiveram muito cuidado em não impor aos chineses os ritos ocidentais. Desgraçadamente, semelhante maneira de actuar foi condenada por Roma por várias razões. Ora bem, se há na alma dos chineses, como na de todos os homens, um lugar que espera por Cristo, não o há de modo algum para a cultura ocidental. Porque razão querem que os chineses abandonem a sua educação delicada, a sua arte, a sua música? Levantou-se uma barreira entre um determinado estilo e o Evangelho; a mesma coisa, no século passado, em relação à cultura “burguesa”.

Para ser-se cristão não se tem que renunciar a uma riqueza humana autêntica. Muito pelo contrário! A Igreja é católica, quer dizer, capaz, apesar dos seus erros e faltas, de acolher todas as riquezas humanas, a fim de que sejam divinizadas por Cristo.

Apostólica

Quando afirmamos que a Igreja é apostólica, queremos dizer que, apesar das diferenças muitas vezes consideráveis, a nível de formas e modalidades exteriores, a Igreja de hoje é a mesma que a Igreja dos apóstolos. Permanece fiel a Cristo, que a fundou, através de todas as vicissitudes e mudanças da história. É a continuidade, desde os apóstolos até aos nossos dias, de um serviço à humanidade que é a educação para o amor. Os doze apóstolos (número simbólico correspondente às doze tribos de Israel, isto é, a todo o povo de Deus) eram já a Igreja. Depois da Ascensão, Cristo é invisível mas permanece presente e actuante. Vem a nós hoje, invisivelmente, pelo seu Espírito, e visivelmente, pelos sucessores dos apóstolos e os sacramentos.

Seria preciso que a Igreja fosse uma comunidade unicamente regida pelo amor, em que não houvesse nenhuma função de autoridade. Esse seria, de facto, o ideal e será assim a Igreja no Reino de Deus. No Céu, já não haverá hierarquia. Não haverá papa nem bispos. Mas estamos num mundo de pecado: a Igreja é, portanto, uma comunidade de amor que tem necessariamente aspectos de uma sociedade.

Existem, na realidade, três escalões de grupos humanos:

- **A multidão** ou o rebanho: o que domina é a força, a lei da selva;
- Quando a multidão se organiza, torna-se **sociedade**; o direito substitui a força; é preciso uma autoridade para fazer respeitar esse direito ou essa ordem jurídica;

- Finalmente, a **comunidade** em que reina o amor que fundamenta a comunhão fraterna.

Não esqueçamos que a força não é abolida quando se dá a passagem ao direito nem este quando se dá passagem ao amor. De contrário, isso seria imaginar que já estávamos no paraíso! Nenhuma vida é possível senão se tiver em conta essas relações de força que subsistem.

Na Igreja, tal como ela é, é inevitável que haja um direito, uma autoridade, um governo, etc., ou, então, estamos a sonhar! Mas todas as discussões actuais correm o risco de sair frustradas se se considera a Igreja unicamente como uma sociedade ou instituição qualquer. Os problemas de estruturas, que são reais e que é preciso estudar de muito perto, devem ser vistos na sua relação com o Absoluto do Amor, que a Igreja torna visível na história.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

1. O que é a Igreja para nós?
 - Instituição social que agrupa os crentes de uma mesma religião
 - Corpo místico de Deus (podemos precisar o sentido que lhe damos.)
2. A Igreja é um “mistério”. Como compreendê-lo?
3. Podemos precisar esta frase do Credo: Acredito na Igreja una, santa, católica e apostólica ?

Estas reflexões sobre a Igreja, ajudam-nos a um grande amor pela Igreja **“mater et magistra”**.

Como o pomos em prática?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: 1 Pd 2, 4-10

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

Aproximai-vos d'Ele, pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. E vós mesmos, como pedras vivas, entrai na construção dum edifício espiritual, por meio dum sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais que serão agradáveis a Deus, por Jesus Cristo. Por isso, se lê na Escritura:

“Eis que ponho em Sião uma pedra angular, electa e preciosa; e quem puser nela a sua confiança não será confundido”.

Isto é, para vós que credes. Ela será um tesouro precioso, mas para os que não crêem, a pedra que os edificadores rejeitaram, essa tornou-se a pedra angular, uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair.”

Tropeçam nela porque não crêem na Palavra; e realmente, era esse o seu destino. Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido, a fim de anunciardes as virtudes d'Aquele que vos chamou das trevas para a Sua Luz admirável, vós, que outra não éreis o Seu povo, mas que agora sois o povo de Deus; vós que antes não tínheis alcançado misericórdia e agora a alcançastes.

IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

O Casal cristão é uma pequena Igreja, célula do corpo místico de Cristo, chamado a viver a vida de Deus no seu seio, quer dizer louvar, amar e servir Deus mas também anunciá-lo:

* Nós sentimos a Igreja?

* Que responsabilidades nos confia a Igreja a tantos casais cristãos?

7.^a REUNIÃO

VIVER O EVANGELHO NA SUA INTEGRIDADE

I. TEMA DE ESTUDO

O Evangelho não é só uma mensagem. Existe, sem dúvida, uma mensagem cristã, mas o Evangelho, antes de ser mensagem, é uma pessoa, a própria pessoa de Jesus Cristo. É sabido que a palavra “evangelho” significa “Boa Nova”. Esta Boa Nova não é, em primeiro lugar, o que Cristo nos diz, mas o que Ele é. É a Boa Nova da Encarnação: Deus ama de tal modo o homem que Se faz homem. Amar é querer tornar-se aquele que se ama, ser um com ele. A motivação mais profunda da minha fé é que nada pode superar a Encarnação. Não é possível para Deus amar mais o homem do que tornando-Se Ele mesmo homem.

Hoje em dia, muitos aceitam a mensagem, mas rejeitam ou contestam uns quantos pontos no tocante ao essencial, como a própria divindade de Jesus Cristo no sentido estrito. A mensagem resulta imediatamente adulterada e, a partir daí, passa-se muito facilmente à compilação de trechos escolhidos ou antologias do Evangelho, a preferir alguns textos negligenciando outros. O Evangelho não é verdadeiramente o Evangelho se não se aceita integralmente. A frase de Pascal: “*A Sagrada Escritura é uma só peça*” é muito profunda.

Cristo revela quem é Deus

A Boa Nova é, em primeiro lugar, a revelação do Pai que nos é feita em Jesus Cristo. O Evangelho é, antes de mais, a resposta à pergunta que, desde sempre, os homens têm feito: quem é Deus? Jesus diz-nos sobretudo quem é Deus. E é em função desta revelação da identidade de Deus que é dirigida uma mensagem aos homens, dizendo-lhes: escutai o desejo de Deus, vivei em conformidade com o que, agora, conheceis de Deus.

No capítulo 16 de S. Mateus, há uma cena da maior importância: a confissão de Pedro em Cesareia de Filipe. Jesus pergunta: “*Quem dizem os homens que Eu sou?*” Pedro (isto é, os Doze – já a Igreja!) responde: “*Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo*”. É evidente que não se trata de uma afirmação

dogmática da Divindade de Cristo. Pedro não podia ainda saber que Jesus era verdadeiramente Deus, inclusive encarnado. Seja como for no tocante à Virgem Maria, sobre a qual não possuímos revelações particulares, temos de dizer que ninguém, antes do Pentecostes, pôde afirmar a Divindade de Jesus Cristo. O que Pedro confessa é que Jesus é mesmo Aquele que nos diz quem é Deus, Aquele em quem se pode ter plena confiança. *“Tu vens da parte de Deus e não nos enganas sobre a verdadeira identidade de Deus”*.

Ora, nós recebemos o espírito do Filho. Os apóstolos tiveram consciência disso no Pentecostes e podem dizer: não só aderimos à tua Palavra como possuímos em nós a tua própria Filiação. Porque o Espírito que se concedeu aos homens no Pentecostes é o teu Espírito de Filiação. Nós temos *“o poder de nos tornarmos filhos de Deus”* (Jo 1, 12).

Cada um de nós é interpelado como o foram os apóstolos. A resposta tem de ser absolutamente pessoal. Não é possível que a nossa resposta seja o eco duma outra ou esteja influenciada por pressões sociais ou seja ainda submissão a uma força sociológica ou autoritária. É necessário que a resposta seja verdadeiramente a minha palavra como expressão da raiz do meu ser. Servindo-me da linguagem da filosofia contemporânea, a minha resposta à pergunta: *“Quem se diz que Eu sou?”* tem de ser uma vitória sobre o *“se”*. O filósofo alemão Heidegger e, depois dele, Gabriel Marcel, falaram muito do que eles chamam o *“se”*: diz-*“se”* que..., o jornal que veicula a opinião do diz-*“se”* que... Se eu quiser viver verdadeiramente o Evangelho, a minha resposta tem de ser uma vitória sobre o anonimato do *“se”*.

Uma outra frase-chave do Evangelho é a seguinte: *“Quem Me vê, vê o Pai”* (Jo 14, 9). Convém nunca perdê-la de vista ao ler o Evangelho. Cristo é, em primeiro lugar, a imagem do Pai. Ele é o prisma de Deus. Tal como o prisma decompõe num determinado número de cores a luz branca do sol, assim Cristo traduz Deus, exprime Deus em gestos humanos, em palavras humanas, em atitudes humanas. Para saber quem é Deus, tenho de contemplar os gestos de Cristo, meditar nas suas atitudes profundas e escutar as suas palavras. O que se nos revela em toda a vida de Cristo, é que o poder de Deus é a recusa do poder dominador.

Podemos ler o Evangelho do Princípio ao fim e verificar que Jesus nunca usou o seu poder. Já sei que há toda a questão dos milagres e que o milagre é extremamente antipático para os nossos contemporâneos. Alguns cristãos evoluídos, inteligentes, crêem não *“por causa”* dos milagres mas *“apesar”* dos milagres do Evangelho (já Malebranche o dizia no século XVII). No entanto, a existência do milagre no Evangelho é um facto, mesmo que seja difícil determinar historicamente o que se passou num ou noutro caso. Mas

é muito conveniente compreender que o milagre está em relação com o não milagre. O que é importante no Evangelho é a ausência de milagre: a vida pública de Jesus começa pela ausência de milagre no deserto (recusa transformar as pedras em pão) e a sua vida termina no Calvário, onde o silêncio do Pai é absoluto, tão total que poder-se-ia pensar numa ausência. Os milagres do Evangelho têm por função conduzir-nos ao não milagre: um determinado poder leva à ausência total do poder ¹.

Com esta humildade, Deus pede-nos eternamente que acolhamos o Dom que Ele nos faz de Si mesmo. Que queremos dizer sempre que falamos desse Dom de Deus? Vamos por partes: Deus não pode dar—nos outra coisa senão Ele próprio. Que querem que Ele dê? Ele é tudo; e quem é tudo não tem mais nada, está claro! E este ser de Deus não é senão o Amor. Quanto a nós, damos presentes com os quais exprimimos, mais ou menos, o dom de nós mesmos, embora nunca cheguemos a dar-nos verdadeiramente. Deus dá-se a Ele mesmo e pede-nos que acolhamos o dom que nos faz para que possamos realizar em plenitude a nossa humanidade que é uma capacidade de divino-humanidade. Só se é homem quando se é mais do que homem.

Amar os homens com o mesmo amor de Deus

O Evangelho não é mais do que o enunciado das condições para o acolhimento do dom de Deus. O Evangelho diz-nos o que devemos ser para acolhermos um Deus que Se dá a Si mesmo, isto é, que nos transfigura n'Ele. Consiste em nos assemelharmos a Ele: Deus não deseja outra coisa. Trata-se, como diz S. Paulo, de imitá-l'O: "*Sede imitadores de Deus*".

É preciso sermos livres para amar como Deus ama, ser divinos como Deus é Deus, tornarmo-nos o que Ele é. É a frase mais importante do sermão de Jesus depois da Ceia: "*Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*" (Jo 13, 34).

Se reflectirmos um pouco, começaremos a compreender que, afinal, quando superamos as camadas superficiais da nossa actividade ou do nosso espírito, encontramos-nos perante três opções: temos de acreditar que o ser é matéria ou, então, que o ser é espírito, ou ainda que o ser é Amor ou Comunhão (cf. Roger Garaudy). Se acreditamos que o ser é matéria, sejamos materialistas; se acreditamos que o ser é espírito, sejamos racionalistas. Mas se acreditamos que o fundo do ser é Amor ou Comunhão, então, somos cristãos. Porque Jesus Cristo nos diz que Deus é Amor ou Comunhão.

¹ Cf. *L'humilité de Dieu*.

O amor não é sentimento (não estou com isto a minimizar o sentimento!). Os homens verdadeiros grandes são, na maioria das vezes, pessoas sensíveis. Não é essa a questão. Mas o amor, no fundo, não é sentimento, vibração da epiderme. **O amor**, diz-nos S. João, é vontade e acto. **Vontade de se dar e acto de dar-se a si mesmo**. Esta precisão é importante porque o que os nossos contemporâneos mais temem é o palavreado sobre o amor. Têm-lhe pavor. Não o querem e eu acho que eles têm muitíssima razão.

Uma das tentações do nosso tempo é pretender amar os homens sem amar a Deus. Há nisto uma reacção normal contra uma época em que se pretendia poder amar a Deus sem amar os homens, uma época que não é muito antiga. Isto deu origem à logomaquia do vertical e do horizontal, sendo o vertical o amor de Deus e o horizontal o amor dos homens. É muito verdade que não se ama a Deus se não se ama verdadeiramente os homens, em vontade e em acto. O teste do amor de Deus é o amor real e não verbal ou sentimental que temos pelos nossos irmãos, os homens. Toda a gente conhece a frase de S. João na sua primeira carta: *“Se alguém disser que ama a Deus e não ama os seus irmãos, é um mentiroso”* (4, 20). Nada mais verdadeiro.

Só que, hoje em dia, corremos o risco de esquecer que, se não amarmos a Deus, o amor pelos homens não pode ser puro. O Padre de Lubac disse um dia uma frase terrível: *“Fora do amor de Deus, o amor dos homens corre o grande risco de não ser mais do que o prolongamento do amor de si mesmo”*. É preciso ser um pouco psicólogo e dar-se conta de que nos é quase impossível amar puramente alguém, se estivermos aprisionados em nós mesmos. Só Deus ama absolutamente e nos concede amar como Ele ama. A morte do nosso egoísmo não é total senão no purgatório. É, pois, uma esperança.

Viver o Evangelho e viver da fé: os cinco passos da fé

Vou fazer uma pergunta: qual é a nossa esperança? Afinal, o que é que nós esperamos? Ser felizes? Ou amar como Deus ama por toda a eternidade? Porque a felicidade de Deus – portanto, a nossa felicidade eterna, objecto da nossa esperança – não é pura e simplesmente ser felizes. Felizes, com que felicidade? Existem níveis de felicidade.

A felicidade da Irmãzinha dos Pobres, que passa toda a sua vida a tratar dos doentes não é a felicidade de Onassis. Li a vida deste último: é pavorosa. A que felicidade se referem? O cristianismo responde: felizes com a felicidade do próprio Deus que consiste em amar e não em estar saciado. A pergunta que devemos fazer-nos constantemente, se quisermos viver o Evangelho, é a da felicidade... Todo o Evangelho está dominado pela palavra de

Jesus: Felizes... é o que chamamos as Bem-Aventuranças. Viver o Evangelho é viver da fé.

Notem que, no Evangelho, Jesus pede sempre a fé aos homens e mulheres que vai encontrando. Ele nunca diz: “*Eu salvei-te*”. Diz sempre: “*A tua fé te salvou*”. Pois bem, com frequência, trata-se de homens e mulheres sem religião, ou de religião pagã. O centurião é um romano que não sabe uma única palavra do catecismo. A cananeia que vem da Sírio-Fenícia, também não. Não nos salvamos por outro, mesmo que esse outro seja Deus. O homem é alguém. É o homem que se salva a si mesmo na fé e pela fé. Não imaginamos a que nível de profundidade Deus respeita o homem. É nisso que nós devemos ser extremamente rigorosos. Caso contrário, o nosso Deus não passará de um ídolo. E Deus não quer ser para nós um ídolo.

Primeiro passo: todo o homem está em situação de fé

O simples facto de viver – reparem que digo viver – coloca todo o homem em situação de fé. Não digo fé religiosa, mas fé no sentido mais profano da palavra. O sementeiro, seja ele crente ou não, encontra-se em situação de fé: “*trabalha para o invisível*” (de acordo com Hb 11, 27). Faz um acto de fé, pois ele não tem a certeza de que recolherá. Pode haver talvez uma seca, inundações, uma guerra, eu sei lá! Quando semeia, não tem a certeza da colheita, assim como dois e dois são quatro. Certamente que não. Tem fé.

O educador encontra-se ainda mais em situação de fé, seja ele pai, mãe, professor ou professora. Para empreender a educação de uma criança, é preciso verdadeiramente “***acreditar nisso***”, a expressão é muito eloquente. Quantas dificuldades! Não se vêem resultados imediatos. Que será deste rapaz ou desta menina dentro de dez, vinte anos? Não sabemos absolutamente nada. Acto de fé.

O “*crer*” está, pois, enraizado no “*viver*”. **Viver é crer**. É importante notar, se quisermos compreender que a fé religiosa não é algo “que vem de pára-quebras”, uma coisa que nos cai do céu: a fé encontra-se já no agir humano elementar. Só no sonhar é que não há fé nem situação de fé. De facto, a fé cristã é completamente diferente do sonho, a despeito de certas pessoas que se dizem cristãs e navegam literalmente no imaginário, na imaginação de um outro mundo onde Deus nos espera. Permita-se-me chamar a esse sonhar puro e simples a patologia da fé. Se pudéssemos ver como ela funciona em nós, garanto que seria bastante instrutivo!

Segundo passo: em toda a acção, o homem procura a felicidade

Demos mais um passo: faça o homem o que fizer, age sempre, directa ou indirectamente, tendo em vista a felicidade. Felicidade diminuta no particular da vida concreta; ou felicidade profunda no amor, na amizade ou na cultura, pouco importa! Mesmo os que se suicidam procuram a felicidade (felicidade negativa, supressão do sofrimento). Seria muito interessante estudar a canção que, nos nossos dias, é um verdadeiro género literário, e ver como uma Edith Piaff, um Brassens, um Julien Clerc, um Léo Ferré e tantos outros nos mostram como **o homem procura sempre, e na menor das suas acções, a felicidade.**

Terceiro passo: a procura da felicidade está submetida aos valores

Imediatamente dou conta de que a situação natural de fé e a procura de felicidade devem ser necessariamente superadas. Porquê? Porque o bandido e o explorador estão, também eles, em situação de fé e em procura de felicidade. O que maquina um assalto à mão armada está em situação de fé: não sabe se o seu golpe vai resultar. Anda, de facto, à procura da felicidade que o dinheiro proporciona.

Ao procurar a felicidade, eu posso ter em vista alimentar um egoísmo persistente, posso querer construir a minha felicidade em detrimento da felicidade dos outros, explorá-los, roubá-los, assassiná-los. Sem chegar a tanto, o certo é que há muita procura de si e comportamentos egoístas na busca da felicidade. Há uma frase genial na canção de Edith Piaff “*A festa continua*”: Ela dança nos braços do amante enquanto, na casa ao lado, um menino está a chorar, um velhinho abandonado morre de fome; e canta: “*Éramos demasiado felizes para ter coração*”. É, pois, necessário que o meu desejo de felicidade seja criticado e transformado. Como diz Bernanos: “*Diz-me qual a tua ideia de felicidade e eu te direi quem és*”.

Aqui intervém o que, em filosofia, chamamos os valores. Denomino “*valor*” o que “*vale*” mais do que nós ou aquilo sem o qual nós não “*valemos*”; o que merece, portanto, que se sacrifique a vida, o que constitui uma razão para viver superior à vida. Antes morrer do que cometer uma grave injustiça! A justiça é um “*valor*”. Antes sofrer que mentir! A verdade é um “*valor*”. Chamo “*valor*” ao que dita a consciência, ao que faz com que o homem seja homem.

Ter o sentido dos valores e ter consciência, é exactamente a mesma coisa. **O que define o homem é ser capaz de escolher e de viver os valores.**

O animal não ouve, no fundo do seu ser, a voz da consciência que lhe diz: tal situação é injusta, tens de te empenhar em transformá-la para que reine a justiça. O animal é o que é, nada mais. O homem escuta essa voz da consciência que lhe recorda continuamente a primazia dos valores. Se me dissem que ele não a ouve, teremos de concluir que está desumanizado.

Submeter a vida aos valores, que são os imperativos da consciência, isto é, recusar uma felicidade puramente egoísta, já é, de certo modo, conhecer a Deus. Não é reconhecê-l'O, mas **conhecê-l'O**. Milhares de não-crentes (como costumamos dizer tão incorrectamente!), que não conhecem o Deus de Jesus Cristo, do Evangelho e da Igreja, conhecem-n'O já na medida em que submetem a sua procura de felicidade ao critério dos valores. Na medida em que dizem: a felicidade, sim!, mas não qualquer uma! Não uma felicidade obtida contra os outros, em detrimento deles! É, pois, possível, sem crer em Deus, sem acreditar que Jesus Cristo é Deus, ler o Evangelho à luz dos valores. É só uma questão de verdade, de liberdade, de justiça e de amor fraterno. Nesse sentido, o Evangelho é para todos.

Na educação cristã das crianças, é essencial começar por aí. Se não, corremos o risco de falar de um Deus que nada tem a ver com os valores da justiça, liberdade e fraternidade; um Deus que seria simplesmente o Todopoderoso, quer dizer, o mais forte, e ao Qual é prudente obedecer. Imaginem as consequências... Seria abandonar a fé e atirar-se de cabeça na religião ². Essa criança dirá um dia: acredito no que se me ensinou. “Se”. Creio que Deus existe, creio também que Jesus Cristo é Deus, e creio ainda na autoridade da Igreja. Mas deixem-me em paz com a justiça, a fraternidade e a verdade! Não há outro remédio senão mentir e afastar os outros para triunfar na vida!...

Há pessoas que gostariam de dizer: a justiça social, a verdadeira fraternidade humana, isso não tem nada a ver com Deus! Os padres, que nos falem de Deus, mas não nos venham cá falar do nosso dever profissional! Enquanto outras, de coração bem formado, preferem dizer que acreditam na justiça e na fraternidade, mas que não acreditam nem em Deus nem em Jesus Cristo.

Recordo ter escrito, alguns meses depois da libertação de Lyon: “*Mais vale negar a Deus e ser capaz de sofrer e morrer pela Justiça, do que acreditar num Deus que não mandasse sofrer nem morrer pela Justiça*”.

² Para esta distinção, veja-se neste volume a conferência sobre a oração.

Quarto passo: passar dos valores impessoais a Alguém

Para sabermos o que é a fé cristã, temos dois passos a dar: em primeiro lugar, passar dos valores impessoais a Alguém, a uma Pessoa viva que estabelece esses valores e ela própria os vive. Neste mundo, ninguém pode afirmar: eu sou a Verdade, eu sou a Justiça, eu sou a Liberdade. Só Aquele a quem chamamos Deus pode dizer: a Verdade, sou Eu; a Justiça, sou Eu; a Liberdade, sou Eu.

Dir-me-ão: será necessária essa passagem? Respondo: não. Não é necessária: é livre. É, contudo, conforme à razão (a Igreja, no Concílio Vaticano I, diz que a fé é livre e conforme à razão): tenho, portanto, razões para crer. Quais são as nossas razões para crer? A minha razão mais profunda para crer que não há simplesmente valores impessoais, imperativos da consciência humana, mas que existe Alguém que vive esses valores e, ao mesmo tempo, os estabelece, é que, entre esses valores, há um que supera todos os outros: o amor. O amor não pode ser impessoal. O amor é necessariamente uma relação entre pessoas.

Compreende-se muito bem que o sábio procure a verdade sem fazer dela uma pessoa. Ele não dirá: a verdade é alguém. Também se compreende que não se faça da justiça uma pessoa. Mas o amor! Não posso, sem contradição, concebê-lo como impessoal.

Ao falar de amor, tenho de dizer: amo e sou amado. Sou amado por alguém. Amar é dar-se a alguém, não a uma coisa.

Karl Marx dizia, ao falar da sociedade futura: “Bastará ser um ser amante para fazer de si um ser amado”. A frase é admirável, mas eu não posso nem nunca poderei, em qualquer sociedade que seja, dizer de um ser humano que ele me ama e me amará para sempre, com todo o dom de si, até à morte que o amor autêntico implica. Ora eu posso dizê-lo de Deus. É isto a minha fé; é o núcleo do Credo cristão; é todo o Evangelho.

Quinto passo: esse Alguém não é senão Amor

Resta um último passo: quem me diz que Deus é Amor? Jesus Cristo e só Jesus Cristo. Diz-mo não só com palavras mas com a sua vida e morte. Daí a terceira característica da fé, segundo o Vaticano I: é sobrenatural, quer dizer, é um dom de Deus. Ao dar-Se ao homem em Jesus Cristo, Deus concede ao homem poder acolher e aderir ao dom que Ele faz.

E os dogmas, os sacramentos, a moral, a instituição eclesial? O conjunto de tudo isto é necessário para que nós não nos enganemos a respeito do

amor. Directa ou indirectamente, mediata ou imediatamente, não se trata nem pode tratar-se senão das condições e das consequências do amor.

A grande diferença entre o crente e o não-crente (para usar a “gíria”, como toda a gente) é que o não-crente obedece à sua consciência, e o crente, obedecendo à sua consciência, ama alguém. Porque sou cristão? Porque, obedecendo à minha consciência que me manda respeitar e promover os valores chamados Verdade, Beleza, Justiça e Liberdade, eu estou a amar Alguém que me ama.

Em tudo isto, guardemo-nos da tentação do imediato. É uma das tentações do mundo de hoje: ou tudo ou nada, e tudo imediatamente. Viver o Evangelho é entrar na lógica do amor ao longo de todo um processo. Convém sublinhar aqui a importância do tempo. Sem o tempo – o tempo de viver – a nossa Bem-Aventura eterna não seria obra nossa. Se Deus **não é senão Amor**, não pode deixar de querer que a nossa Bem-Aventura eterna seja toda ela uma construção de nós mesmos por nós mesmos ao longo de todo um processo.

Viver o Evangelho é escolher Cristo como educador da liberdade

Deste modo, o Evangelho resulta normativo. É uma das palavras essenciais para compreendê-lo. Uma norma não é um ditame, isto é, uma regra rígida, uma ordem que entre no pormenor das coisas. Existe, por exemplo, uma moda feminina para a nossa época: é normativa, não impõe a todas as mulheres o mesmo vestido. Cada mulher pode criar o seu mantendo-se, no entanto, fiel à norma da moda. Tomando outro exemplo, Bach, desde o princípio ao fim da sua obra, manteve-se fiel às normas da música do seu tempo sendo, contudo, um magnífico criador. A norma é criadora. O Evangelho não nos impede de ser criadores. Criadores da nossa vida sexual, da nossa vida sentimental, da nossa oração, da nossa vida económica, social e política. Deus não cria senão criaturas. O Evangelho é, portanto, uma luz necessária mas insuficiente para a nossa vida.

A decisão livre encontra-se na confluência do Evangelho e de uma análise

Antes de agir, antes de tomar uma dessas decisões que constroem o nosso ser, convém consultar o Evangelho, mas é preciso também analisar a situação em que nos encontramos. Se se trata de uma situação conjugal ou fami-

liar, será talvez já muito difícil; se de uma situação profissional, será mais difícil; e se de uma situação social, nacional ou internacional, será ainda mais complexo. Eu não creio, por exemplo, que se possa julgar a política francesa sem se ocupar dos países subdesenvolvidos, a que chamam recatadamente em vias de desenvolvimento.

Para o cristão, a decisão criadora é sempre tomada na confluência de duas luzes: uma que desce do Evangelho e que diz: justiça e amor; e outra que emerge da situação correctamente analisada. Se me contentar com o Evangelho, sem adquirir idoneidade ao nível da análise das situações, a minha moral não passará de uma moral de menino de coro. Imaginem o que aconteceria se houvesse alguém que só quisesse ser fiel à frase: “*Se te bate-rem na face direita, oferece também a esquerda*” (Mt 5, 42). Não se pode fundar uma sociedade sobre essas frases. O Evangelho não nos dá soluções absolutas, não nos indica nunca o comportamento a ter na prática. Não é um programa. Se me contento com analisar a situação, sem me referir ao Evangelho, a minha moral resulta uma moral pagã, o que se chama, em linguagem técnica, uma moral de situação. É necessário combinar estas duas luzes e é na sua confluência que eu devo tomar a minha decisão, com todos os riscos que ela implica. Isto quer dizer que, na prática, o amor ou a caridade que o Evangelho nos pede tem de ser eficaz. Vejamos isto, de acordo com a “Carta de Paulo VI ao cardeal Roy”, publicada em 1971:

1) A vida cristã é essencialmente uma vida consagrada à justiça e ao amor. Isto pode causar admiração, porque também se pode dizer que a vida cristã é uma vida consagrada a Deus. As duas afirmações não se opõem, visto que o próprio Cristo nos dá a fórmula do mandamento novo que contém todos os outros mandamentos: “*Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*”, isto é, com o próprio amor de Deus. Deus não está excluído. Mas Cristo, que nos dá o mandamento da caridade, deixa-nos o cuidado de aplicar a nossa inteligência em saber as condições em que a caridade é autêntica. É este o ponto de partida.

2) A justiça e o amor apontam evidentemente para as pessoas. Não se pode ser justo em relação às coisas ou amar as coisas; o que se tem em vista são os homens. Mas os homens encontram-se sempre comprometidos em situações e envolvidos em acontecimentos. Por isso, para viver de justiça e de amor, para ser fiel aos preceitos do Senhor, nunca devemos esquecer que as pessoas não flutuam no ar. O homem abstracto não existe: é jovem ou velho, homem ou mulher, casado ou solteiro, cidadão ou camponês, operário ou advogado, etc. Não conheço ninguém que não esteja comprometido numa situação real e concreta ou envolvido nalguns acontecimentos (que, aliás, modificam mais ou menos as situações: nascimento, falência, enfer-

midade, revolução, greve, etc.) Se a nossa justiça e caridade querem ser reais e não abstractas, é mesmo necessário que as pessoas sejam consideradas no seu contexto real, o seu contexto de vida.

3) Estas situações e acontecimentos põem geralmente em causa alguns valores. Não existem factos isolados: implicam sempre, mais ou menos, determinados valores, quer dizer, justiça ou injustiça, verdade ou mentira, liberdade ou escravidão, amor ou ódio, etc. Quando, na Inglaterra, há já uns anos, teve lugar um acidente provocado pelo desabar de uma escombreira, os sindicatos indagaram sobre as responsabilidades e interrogaram-se se haveria o direito de construir uma escola a algumas centenas de metros de uma escombreira, sobre um terreno que se sabia ser movediço.

Recordemos que Deus está presente nas nossas decisões e não em Saturno ou nas estrelas. Deus não é um Júpiter que paira nas nuvens, encontra-se no fundo da nossa liberdade, porque é a liberdade o âmago da nossa humanidade. Viver o Evangelho é encontrá-lo onde Ele está, isto é, na liberdade criadora e transformante dos homens, nas decisões que tomamos, pequenas ou grandes. Ora bem, as nossas decisões devem fazer triunfar os valores implicados nas situações e nos acontecimentos.

4) No mundo tão complexo em que vivemos e onde realmente tudo se mantém, as verdadeiras soluções capazes de fazer triunfar a justiça e a fraternidade são, em definitivo, as decisões políticas (em sentido lato, isto é, o que diz respeito à vida dos homens em sociedade). Como poderia ser de outro modo? Se não nos situarmos no plano político, não haverá eficácia. A nossa boa vontade não dará resultado. Vamos resignar-nos a uma generosidade talvez muito comovedora, que nos levará a acções individuais de autêntica dedicação, mas que não trará consigo as verdadeiras soluções? É este o plano fulcral. É impossível, para os cristãos, desinteressarem-se da vida pública, colectiva, comunitária, se, pelo menos, professam um interesse verdadeiro pela sorte dos seus irmãos comprometidos em situações de justiça ou de injustiça e envolvidos nos acontecimentos.

Cristo contou-nos a parábola do Bom Samaritano (Lc 10). Naquele tempo, as coisas eram relativamente fáceis: um pobre judeu atacado por bandidos e ferido na estrada. O samaritano compreendeu imediatamente o que se devia fazer: proporcionar àquele homem os cuidados mais urgentes, aplicar azeite e vinho nas feridas: azeite para aliviar e vinho para desinfectar; depois conduzi-lo à estalagem mais próxima, pedir ao estalajadeiro que fizesse o favor de tratar bem o pobre homem; dar-lhe, finalmente, algum dinheiro e prometer que, no dia seguinte, lhe daria mais dinheiro se o da véspera não tivesse chegado.

Se Cristo nos contasse hoje esta parábola, não iria pedir-nos que nos transportássemos em imaginação a um deserto com bandidos que frequentam essas paragens solitárias, como nos filmes de *gangsters*. Diria na linguagem actual: se quiserem ser meus discípulos, não se resignem a deixar sobre o passeio os que sofrem, os que têm fome, os que são torturados e massacrados. Devem ir até ao fim: encontrar as verdadeiras causas da miséria humana e da injustiça. Quem é hoje o judeu ferido à beira da estrada? Onde se encontra? Onde estão os bandidos? Que fazer, agora, para impedir que os bandidos assaltem? São estas as verdadeiras perguntas, dum realismo muito simples. Um cristão não se pode contentar com sentir pena das desgraças de um pobre homem ferido ou doente. Tem de trabalhar, directa ou indirectamente, para encontrar soluções que façam com que haja menos bandidos, não nos desertos, mas nas sociedades multinacionais, nos bancos, nas repartições públicas, nos grandes interesses financeiros, etc. Deve igualmente questionar-se a si mesmo profundamente, consentir em pôr em questão os seus preconceitos e a preocupação pelos seus privilégios.

Cristo acrescentaria, sem dúvida: não podem realizar sozinhos esse trabalho, tanto mais que não se faz por turnos. Quanto a mim, declaro-me radicalmente incapaz de chegar sozinho a um discernimento. Assim que tomo a sério o meu dever de levar as coisas até ao ponto onde devem ir, a fim de encontrar uma solução verdadeiramente eficaz para os problemas que fazem sofrer os meus irmãos, confesso que fico muito contente de poder trabalhar em grupo e acolho com reconhecimento todos aqueles que podem ajudar-me a reflectir. Não vão importar-me nada, certamente! Não compete aos padres nem aos movimentos de Igreja imporem-me uma opção temporária. O seu papel é ajudar-me a caminhar através de tudo quanto é terreno, isto é, o domínio familiar, económico e político, para que a minha vida não esteja em contradição com as exigências fundamentais do Evangelho, mas trabalhe por realizar a reconciliação dos homens expressa pela Eucaristia na qual eu participo. Tanto mais que se trata de uma reconciliação não só individual mas universal: como querem que o económico e o político não intervenham?

5) Penso que existe pecado em recusar sistematicamente a procura da eficácia em assuntos terrenos. Tenho o dever, não digo de encontrá-la, de tal modo ela é complexa, mas de procurá-la. Não procurar, cada um desde o seu lugar e de acordo com os seus meios, é demitir-se. Que pensaríamos do Evangelho, se o samaritano só se tivesse inclinado do seu cavalo sobre o ferido e lhe dissesse: pobre homem, como te lamento, sinto-me verdadeiramente cheio de pena de te ver assim; então, até logo, amigo, e boa sorte! Que pensaríamos dos cristãos que fossem visitar um pobre homem num tu-

gúrio e lhe dissessem: é, de facto, muito triste que ainda existam habitações tão miseráveis. Ah!, meu amigo, convence-te de que a Igreja te ama! Então, adeus! Espero que atitudes destas não existam tal como as descrevi: seria demasiado escandaloso!

O que eu quero evocar são certas mentalidades que se escondem detrás de uma pseudo-preocupação de pureza evangélica e de recusa de compromissos terrenos. Uma observação que tem o dom de me inquietar profundamente: “O senhor, ao menos, fala-nos de Deus e não de política!” Não estou aqui para os tranquilizar, para lhes falar de Deus de maneira a correr o risco de os deixar sem problemas de consciência, e para lhes propor um Deus que resultaria num alibi. Como diz Jean Guéhenno: “*O mundo rebenta de fome e as almas boas vão para o céu*”. Digo-lhes, simplesmente, que esse deus não é o verdadeiro.

Toda a gente faz política, saiba-o ou não. A questão não é fazer ou deixar de fazer, mas fazê-la conscientemente. O silêncio ou a abstenção em matéria política (entendo sempre esta palavra no seu sentido mais genérico e não no sentido estrito de compromisso num partido político) têm um peso político decisivo. Muitos pensam que não fazem política. No entanto, ao não fazê-la, fazem-na, porque o seu silêncio e abstenção fazem parte da relação de forças. Tudo é relação de forças no país e no mundo: forças morais, militares, económicas, etc. Não se deve dizer mal da força: a saúde, por exemplo, é uma força. Mas deve-se dizer mal da violência, que é uma questão completamente diferente. Porque a violência é uma força separada da razão e, por conseguinte, torna-se brutal. As soluções de violência, excepto as previstas de algum modo por Paulo VI na *Populoorum Progressio*, não são boas soluções. Não é pelo facto da sociedade ter uma ordem jurídica que as relações de força são por isso suprimidas: há-as em toda a parte.

Outrora, os cristãos tinham tendência a dizer que não era preciso misturar-se com a política, porque sempre se sujam as mãos. Um lema dos meios católicos era: sobretudo, conservar as mãos limpas. Se hoje ainda fosse assim, seria a própria Igreja a aparecer no país como uma força de inércia real, e toda a gente o saberia. A pior das impurezas consiste em não querer sujar as mãos, de acordo com a frase famosa: aquele que não faz nada, nunca comete erros, mas toda a sua vida é um erro. O pior está em exercer um peso político pretendendo que não se faz política.

Porque, nesse momento, é-se vítima da hereditariedade: o meu pai que... o meu avô que... em tal meio... em tal circunstância..., etc. A educação recebida pesa também sobre cada pessoa. Pensamos que somos livres e não o somos em absoluto: é a pressão do nosso meio que actua através de nós. A

nossa hereditariedade, a nossa educação, o nosso egoísmo, preconceitos, preferências sentimentais ou passionais nunca postas seriamente em questão, é tudo isso, finalmente, o que vai colocar um voto na urna eleitoral. Não somos livres, visto que nunca nos esforçamos por nos libertarmos. Nunca direi que o cristão é livre nas suas opções políticas ou económicas, sem antes explicar que deve trabalhar por se libertar, de tal maneira que venha a ser um homem livre, capaz de se pôr em questão, a fim de ter uma acção autêntica no domínio do terreno.

Tanto mais que a pessoa só se torna livre trabalhando por libertar os outros. A conquista da nossa liberdade pessoal passa pela acção, o trabalho, o cumprimento da tarefa humana pela liberdade de todos.

Jesus é homem livre com a liberdade eterna de Deus

Se me perguntarem porque sou cristão, responderei: escolhi o Evangelho como educador da minha liberdade. Se o Budismo ou o Islão educassem melhor a minha liberdade, tinha o dever de me tornar budista ou muçulmano. Todos conhecem aquela sentença: gosto muito de Platão, mas gosto ainda mais da verdade. Eu preferia traduzi-la assim: amo muito Jesus Cristo, mas prefiro ainda mais o nível de existência mais elevado, e se Jesus Cristo não educar a minha liberdade para atingir esse nível de existência mais elevado, vou procurar noutra parte. Se quem vos está a falar é cristão, é porque tem a certeza de que é impossível que o Corão, os Upanishad ou outros livros sagrados possam levar o homem tão alto como o Evangelho. Esta é a minha certeza, esta é a minha fé.

A liberdade não consiste em fazer o que se quer, mas em querer o que se faz, quer dizer, em ***assumir a responsabilidade dos seus actos***. Um homem não é autenticamente homem senão quando assume a responsabilidade da sua vida. A verdadeira liberdade consiste na capacidade de enfrentar a morte, não necessariamente a morte final, definitiva, mas essa morte quotidiana exigida pela justiça, a verdade, a liberdade. Não é possível, ao mesmo tempo, dar-se e reservar-se para si. Quando alguém se dá verdadeiramente, quando se compromete a fundo com os outros, é evidente que isso faz sofrer, pede verdadeiros sacrifícios. É preciso saber morrer em si mesmo, porque se é, sobretudo, escravo de si mesmo, desse ***“querer-viver”*** que levamos nas entranhas. ***Cristo é o modelo de homem livre: preferiu morrer a negar-Se. Ele é a testemunha da liberdade eterna de Deus.***

Compreendamos bem que a liberdade não é poder escolher ou optar entre o bem e o mal. Isso é o livre arbítrio, que não existe em Deus, pois Deus não

pode optar pela injustiça ou o ódio. Mas nós, criaturas, construímos a nossa liberdade através de escolhas. Jesus também teve que escolher, foi tentado.

A grande cena da tentação no deserto é absolutamente fundamental. É uma montagem literária de algo que foi, sem dúvida, permanente na vida de Jesus, que sentiu a tentação constante de utilizar o poder de Deus para dominar. Se Jesus tivesse escutado Satanás, teria tido uma vida respeitável, gloriosa. Satanás é, por outro lado, o porta-voz de Israel e de todos nós, na medida em que quereríamos que Deus fosse um Deus que nos dominasse e nos comandasse, tal é, no fundo, o medo que temos de ser homens livres.

Realmente, não é coisa de pouca importância ser homem livre e mulher livre. Se dissermos a Cristo: transforma pedras em pão!, a nossa fé já não será absolutamente livre, ficamos de facto obrigados a crer! Como não acreditar em quem transforma pedras em pão? Obrigá-nos, vamos! Jesus diz: não; não quero revelar um falso deus, um ídolo. Persuadamo-nos de que Deus não é glorificado se Lhe fizermos homenagem de não sei que demissão da nossa tarefa de homem, que é uma tarefa difícil. Não deixaria, mesmo assim, de ser um Deus engraçado! Um Deus que ficaria feliz com o facto de nós nos demitirmos pura e simplesmente em suas mãos! Péguy fá-l'O dizer: submissões de escravos não Me dizem nada!

Alguns pontos de meditação sobre a liberdade de Cristo

1) Jesus, no Templo, com 12 anos, deixa que seus pais O procurem durante três dias (cf. Lc 2). Quando O encontram, diz-lhes calmamente: “*Não sabíeis que tenho de ocupar-Me das coisas de Meu Pai?*” Liberdade em relação à família, sendo, aqui, o laço familiar sinal do familiar quotidiano: horizontes familiares, opiniões familiares, costume religioso familiar, língua litúrgica familiar, política familiar (na minha família – mas isso é compreensível!). O Evangelho em estado puro ainda não existe, temos de tender para ele.

A liberdade consiste em deixar-se expropriar, o que é muito duro, porque é a verdadeira pobreza. É o ponto em que a liberdade e pobreza significam exactamente a mesma coisa. Trata-se de uma atitude fundamental que não se confunde com o desenraizamento. Ter as duas raízes algures, faz parte da vida, do gosto de viver. O ideal é, ao mesmo tempo, o enraizamento (social e até geográfico) e a expropriação.

Quando se está totalmente expropriado, é horrroso. Milhares de pessoas são expropriadas pela Igreja do nosso tempo e não consentem na expropriação porque são proprietárias. De verdade! Uma religiosa sente-se proprietária

ria do seu hábito, outros do latim litúrgico, e outros ainda dum certo modo de formular os dogmas. Há quem seja proprietário e se mantenha assim. Há quem queira possuir a verdade e se esqueça de que é a verdade, pelo contrário, que nos possui. Recusa-se, pois, a expropriação e fica-se, sem se dar conta, no diametralmente oposto ao Evangelho.

2) Antes do nascer do sol, Jesus escapa-Se da casa onde passou a noite (Mc 1, 35-39). Os apóstolos, ao acordarem, põem-se a procurá-l'O. Encontram-n'O e dizem-lhe: volta para Cafarnaum; ali, estás bem, toda a gente Te conhece, bem sabes; as pessoas ouvem-Te, tens uns auditórios excelentes! Era preciso ver o rosto de Jesus, rosto de um homem livre: como se não houvesse mais do que Cafarnaum no mundo; tenho de ir por toda a Galileia; não vou deixar-Me monopolizar por uma classe social, raça, clã, igreja, nação. Sou livre, disponível para fazer a vontade do meu Pai. Essa é a liberdade!

3) Um dia de sábado, os apóstolos têm fome (Mc 2, 23-28). Colhem algumas espigas de trigo, debulham os grãos e comem-nos. Mas os fariseus, que andavam a espiá-los, aproximam-se e dizem a Jesus: como é isto, tu deixas fazer aos teus apóstolos o que não é permitido fazer em dia de sábado? Jesus olha para eles com um olhar circular e profundo e diz-lhes: eles têm fome e quereis que os impeça de comer? Existe, de facto, uma lei positiva, mas a caridade passa-lhe à frente. Liberdade de Cristo em relação ao “*que dirão?*”.

4) Pouco depois, um homem que tinha a mão seca desde há muito, pede a Jesus que o cure (Mc 3, 1-6). Os fariseus vigiam: vamos ver! Terá a ousadia de curar um homem em dia de sábado? O Evangelho nota que Jesus olha para eles com ira, depois diz ao homem: “*Estende a tua mão*” e cura-o. Os fariseus saem imediatamente e maquinam sobre a melhor maneira de fazer morrer Jesus. Isto, desde o começo do Evangelho de Marcos. Liberdade de Jesus em relação ao “*ao que me farão?*”. Façam-Me o que quiserem, sou um homem livre.

5) Seria bom trazer aqui a cena da multiplicação dos pães. Jesus é livre em relação à glória humana (Mc 6, 30-46). Poderia ter deixado que O coroassem rei, seria muito fácil. Em vez disso, pede aos apóstolos que entrem na barca e passem para a outra margem do lago. Depois, desaparece e vai orar para a montanha. Liberdade em relação à glória humana e a todas as pressões que O fariam desviar-Se.

6) Voltamos a vê-l'O durante o seu processo em que Se mantém calado. Há uma frase que se repete várias vezes: *Mas Jesus não dizia nada* (cf. Mc

14, 61; 15, 5). Suprema dignidade desse silêncio! É a liberdade de Jesus em relação às pessoas importantes, aos notáveis, aos poderosos. Ele é livre. A Igreja terá sido sempre livre? Seria bom que fizesse o seu exame de consciência. Conviria reler a Epístola de S. Tiago: encontraríamos nela coisas absolutamente terríveis sobre o que deve ser a verdadeira liberdade cristã.

7) Finalmente, temos a imagem de Cristo na cruz, o rosto coberto de escarros, de suor e de sangue, o rosto dum homem livre que preferiu morrer antes que renegar a sua razão de viver. A sua razão de viver era revelar o verdadeiro Deus. Se tivesse revelado uma onnipotência dominadora, ninguém O teria levado ao calvário. A sua vida teria sido poderosa e honorável. Teria podido viver tranquilamente durante longos anos e as multidões não teriam deixado de aplaudi-lo. Revelou o Deus que não é senão Amor e que não pode contrariar todas as falsas felicidades que o homem procura.

Porque é preciso que não tenhamos ilusões: o cristianismo contraria o homem. Aperfeiçoa-o e desenvolve-o, mas contrariando-o. Se em Caná, a água é transformada em vinho (símbolo de festa), na Ceia, o vinho será mudado em sangue. Há sempre os dois pólos: o pólo do humanismo e do amor de viver, e o pólo da necessidade de morrer para encontrar a Deus. O Evangelho é a transformação da ânsia de felicidade. Se o vosso cristianismo não impressiona aqueles que vivem à vossa volta, há razões fortes para desconfiar da sua autenticidade e profundidade.

Nós não impedimos que, no mundo actual, os homens andem numa roda viva nas actividades económicas, sociais e políticas. Queixamo-nos, dizemos a nós mesmos que o mundo vai mal e que não sabemos aonde irá parar. De quem é a culpa? Se, pelo menos, os cristãos fossem cristãos! Só que o desafio está na cruz! Quando o cristão faz o que tem a fazer, quando é livre com a liberdade de Cristo, a cruz é inevitável.

Em suma, o Evangelho é a revelação da **“liberdade libertadora”** de Deus. É a própria definição do amor. Amar os homens é desejar que eles sejam (no sentido pleno). Querer que o outro seja, é a justiça, portanto, o respeito que está no centro da justiça. Mas o outro não existe se não for livre, porque é pela liberdade que o homem é homem. Fora da liberdade, não existe humanidade verdadeira. Finalmente, não se é livre senão para amar, porque em tudo o que está fora do amor existe o poder de dominar que oprime e impede o homem de ser plenamente homem. *“Deus é amor”* (1 Jo 4, 8) e *“nós fomos chamados à liberdade”* (Gál 5, 13): quando se compreendeu a identidade ou a ligação íntima, estreita do amor e da liberdade, chegou-se à compreensão verdadeira do essencial da fé.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

Os artigos do Credo que nós recitamos todos os domingos, de uma maneira mecânica, parecem-nos à primeira vista evidentes. Esquecemo-nos que suscitaram durante os primeiros séculos numerosa polémica e estimularam numerosas heresias. Foram definitivamente fixados pelos Concílios de Nice-Constantinopla em 325.

Não podemos fugir do mesmo método que os apóstolos e os Padres da Igreja tiveram, e interrogar-nos sobre a nossa Fé em Cristo Filho do Deus Vivo.

Para isso, tentem reflectir sobre:

1. Para o Padre Varillon, a confissão de Pedro no capítulo 16 de São Mateus é da maior importância. No Evangelho, ele marca um avanço e um retrocesso; poderemos explicar as razões?
2. Em que momento preciso da nossa vida, poderemos dizer, em verdade, que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus? Poderemos partilhá-lo em equipa?
3. Dos cinco passos da Fé, segundo o Padre Varillon, quais nos parecem os mais importantes?
4. Que meios foram arrançados para a progressão da nossa fé em Cristo?
5. No Evangelho, Cristo aparece como um homem verdadeiramente livre. Para nós em que é que consiste a verdadeira liberdade cristã?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: Mt 16, 13-20

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

Chegado à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do homem?” Responderam: “Uns, que é João Baptista outros, que é Elias, e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas”: E vós quem dizeis que Eu sou?” Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”. Jesus disse-lhe em resposta: “És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o Meu Pai que está nos céus. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja e as portas do inferno nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo quanto ligares na terra ficará ligado nos céus, e tudo quanto desligares na terra será desligado nos céus”. Depois ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Cristo.

IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

* A leitura da Palavra de Deus é um ponto concreto de esforço. Como é que nós o vivemos? Que lugar ocupa na nossa vida? Em que é que transforma a nossa vida de casal?

* Podemos, com toda a simplicidade exprimir um ao outro, qual é a nossa fé em Cristo?



8.^a REUNIÃO

ALEGRIA DE CRER **A EUCARISTIA** ALEGRIA DE VIVER

I. TEMA DE ESTUDO ¹

O mistério da Eucaristia é de uma tal profundidade e os seus aspectos são tão diversos e complexos, que não pode esperar, numa conferência, esgotar-lhe o conteúdo. De facto, a Eucaristia é a recapitulação de todas as coisas, o ponto a partir do qual todas as linhas divergem e para o qual convergem. É a unidade de Deus e do homem em Cristo; do passado, do presente e do futuro; da natureza e da história; do acolhimento e do dom; da morte e da vida, etc. Não posso senão limitar-me a alguns aspectos, os que me são mais caros.

União com Cristo que se dá em alimento

A Eucaristia é o sacramento de Cristo que Se dá em alimento aos homens para os transformar em Si mesmo e, desse modo, construir o seu Corpo místico que é a Igreja (“místico” não se opõe a “real”). Para compreender isto, temos de voltar sempre ao que se disse na primeira conferência: o desígnio fundamental de Deus é unir-Se a todos os homens no amor e fazê-los participar na sua própria Vida ². Como não deixo de repetir-lhes, Deus veio partilhar a nossa humanidade para que nós partilhemos a sua divindade. Por outras palavras, a nossa humanidade é em vista à nossa divinização, a criação é para a Aliança.

A Aliança é, de facto, a maior realidade da Bíblia, com as suas diferentes etapas desde Noé até Jesus Cristo que consagra “o cálice da Nova e Eterna Aliança”. Não é uma união jurídica mas uma união de amor. É por isso que, de um extremo ao outro da Bíblia, circula o simbolismo do matrimónio. E a

¹ *Manuscrito* : composto de muitas notas com resumos de leituras de artigos de R. DIDIER, C. DUQUOC (*Lumière et Vie*, n.º 94); X. LA BONNARDIÈRE e M. MASCHINO (*Promesses*, Junho de 1970) e apontamentos do Padre E. POUSSET.

² O Padre VARILLON, nesta primeira parte, retoma, desenvolvendo-os, os apontamentos de curso do Padre POUSSET.

Tradição uniu sempre muito estreitamente o sacramento do matrimônio ao sacramento da Eucaristia.

Deus cria a humanidade para desposá-la e desposa-a ao encarnar-Se. Desposar no sentido mais genuíno, isto é, não ser senão uma só carne com ela. Deus quer ser uma só carne com toda a humanidade. É este o âmago das coisas. Sabemos que o desejo profundo do amor conjugal não se sujeita ao abraço de dois corpos que fiquem exteriores um ao outro. O desejo do amor é a fusão, sem confusão, na qual cada um já não quer subsistir senão para deixar-se consumir pelo outro, tornando-se, de certo modo, alimento seu, carne da sua carne.

O simbolismo do beijo é muito eloquente. É o começo do gesto de comer. As mães costumam dizer que os seus filhos “são de se comer”. Seria como querer comer o outro e deixar-se comer por ele para ser a carne da sua carne. Amo-te, quer dizer, quero deixar-me consumir e consumir por ti, és tu a minha razão de viver. O homem e a mulher nunca conseguem realizar o desejo do seu amor, porque os seus corpos, que são os instrumentos da sua união, são, ao mesmo tempo, obstáculos à união total. O seu desejo não se realiza porque implica uma morte à natureza e à história. É preciso morrer a esta natureza que faz com que fiquemos exteriores uns aos outros e que, mesmo os momentos de união muito íntima, não sejam a fusão verdadeiramente total e não durem senão um momento. Tornar-se verdadeiramente a carne da carne do outro, daquele que eu amo, exige a morte.

É o grande sonho do romantismo alemão: na ópera de Wagner, Tristão e Isolda cantam que não poderão conhecer a plenitude do amor senão pela morte. No segundo acto, o amor e a morte entrelaçam-se nos temas musicais admiráveis e acabam por ser indiscerníveis um do outro. É muito belo, mas acaba por ser absurdo, porque a morte não realiza o amor. Antes lhe põe um obstáculo brutal. É por isso que neste mundo, o desejo profundo do amor nunca se realiza em plenitude. Entrar no amor é entrar na alegria, mas é também entrar no sofrimento. É o inevitável sofrimento da limitação do amor. O desejo supremo do amor não pode ser cumulado no plano da existência natural, pois a natureza do homem opõe-se a isso.

Cristo, porque é Deus e sem pecado, pode renunciar ao seu ser natural e histórico imediato. Pode morrer para o mundo das limitações corporais sem deixar de ser, para a humanidade, o Esposo que Se dá. É por isso que, para além da morte, e só para além da morte, Cristo realiza o desejo supremo do amor. Cristo, que morre e ressuscita, faz-Se Ele mesmo alimento, a fim de se tornar verdadeiramente a carne da carne da humanidade muito mais radicalmente do que num abraço que aproxima dois corpos só por um instante.

Deus, na Eucaristia, desposa verdadeiramente o homem. Na base do mistério eucarístico, encontra-se esta ideia de alimento, absolutamente essencial.

A Eucaristia não é, pois, unicamente uma refeição que tomamos juntos e em que nos unimos uns aos outros. Esse aspecto é certamente importante mas insuficiente. A união, antes de ser a dos homens pela refeição partilhada, é, em primeiro lugar, a união de cada um com Cristo que se dá em alimento. Como consequência disto, Cristo une entre eles os que comungam. Se considerarmos o simbolismo simplesmente ao nível da refeição, como um estar-juntos, ele não exprime a realidade mais fundamental, que é a de uma fusão coroando o amor entre os esposos.

Para compreender isto, devemos estar persuadidos de que a Encarnação de Deus não se termina em Cristo mas em toda a humanidade. Enquanto imaginarmos que a Encarnação é Deus que Se une a um homem chamado Jesus, não compreenderemos nada. O âmago das coisas é que Deus Se une ou desposa toda a humanidade através de Cristo. Deus fez-Se homem para que todos os homens sejam divinizados. **A Eucaristia é a universalização da obra de Cristo.**

O que é primordial na Eucaristia, não é simplesmente a presença de Cristo. Cristo não está ali por estar: está ali para Se nos dar em alimento, a fim de que a nossa união com Ele seja a mais completa possível. A Eucaristia não é, em primeiro lugar, uma presença, mas uma união. E a união exige a presença.

Presença real

A presença de Cristo na Eucaristia é certamente uma presença real. É mesmo a mais real de todas as presenças, porque é uma presença realizante. A Eucaristia realiza a presença de Cristo nos nossos actos livres: *“Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue, tem a Vida eterna”* (Jo 6, 54). Isto é tudo quanto há de mais real! Recordo, uma vez mais, a distinção entre o plano do significado e o da explicação. A fé situa-se sempre ao nível do significado. O mistério eucarístico significa que Cristo Se dá em alimento para nos unir a Ele, unindo-nos uns aos outros, de uma tal maneira que, por nós mesmos, nunca poderíamos chegar a isso. Esta energia unificadora exige a sua presença real. Mas este significado não assenta no absurdo. A questão da explicação ou do “como” da presença real, depende da filosofia; para abordá-la, é necessário apelar para alguns conceitos filosóficos.

Contento-me em recordar que não existe oposição entre sinal ou símbolo e realidade. Experimentemo-lo fazendo a uma criança duas perguntas:

- O que é um aperto de mão? Não nos vai responder que é um determinado dispêndio de energia muscular provocado pela pressão de duas palmas uma contra a outra. Responderá: é o sinal do bom entendimento, da camaradagem, da amizade. A realidade dum aperto de mão é ser um sinal.
- O que é uma luz vermelha? A criança vai começar por se rir de nós. Depois não nos dirá que é uma lâmpada acesa dentro de um vidro colorido, mas uma proibição de passagem. A realidade da luz vermelha é ser sinal.

Com estes exemplos elementares, compreendemos que o sinal não é algo exterior à realidade, mas a própria realidade no que ela tem de mais profundo. Dizer que os sacramentos, começando pela Eucaristia, que é o Sacramento por excelência, são sinais, e “*sinais eficazes*”³, não quer dizer de maneira nenhuma que estejam fora da realidade, mas que são a realidade mais profunda.

Sinal eficaz do trabalho humano realizado

Diz-se, algumas vezes, que na hóstia consagrada, o Corpo de Cristo substitui o pão: é uma heresia, é preciso sabê-lo. Se procedêssemos, num laboratório, à análise química duma hóstia consagrada, não encontraríamos nela senão os elementos que compõem o pão. Esta observação é absolutamente elementar, mas dou conta de que não é evidente para todas as pessoas. Nunca, na Igreja, se levantou a questão de acreditar que as palavras da Consagração mudavam a estrutura físico-química do pão. É por isso que a expressão clássica, emitida no Concílio de Trento – “transubstanciação”, isto é, mudança da substância do pão na substância do Corpo de Cristo – já não se pode empregar sem ser longamente explicada. Porque o termo substância já não tem actualmente o sentido que tinha no século XVI.

Dizer que Cristo substitui o pão, equivalia a afirmar que Deus Se encarna para substituir o homem, como se Ele nos dissesse: tira-te daí, para que Eu me meta, porque tu não serves para nada! A tua vida, as tuas fadigas, a tua gravidez, a educação dos teus filhos, tudo isso é quase nada; mas Eu estou aqui para ocupar o teu lugar! Se Cristo ocupasse o lugar do pão, seria abominável. Um Deus assim, que se faria homem para substituir o homem, não

³ Para um desenvolvimento mais vasto sobre esta expressão, veja-se *Elementos de Doutrina Cristã*.

existe, e se eu tivesse que acreditar nesse Deus, fiquem sabendo que seria ateu. Os “mestres da dúvida”, Marx, Nietzsche, Freud, para falar como Ricoeur, teriam razão para desconfiar que a fé é uma vasta mistificação ou alienação. É a minha dignidade de homem que me proíbe de acreditar que Cristo vem substituir-me.

Cristo não substitui o pão, assim como a mulher não substitui a menina. É a menina que se torna mulher. Não é borboleta que substitui a lagarta: é a lagarta que se torna borboleta. Não é um outro que vem ocupar o meu lugar: é o mesmo que se torna outro. Quanto a mim, não gosto de ouvir falar de outro mundo, porque rigorosamente falando, não existe outro mundo. O mundo da nossa vida eterna é o mundo, sem mais, mas que se torna outro. Ser substituído por outro ou tornar-se outro diferente, são coisas distintas. Quando S. Paulo diz que somos “*membros de Cristo*” (1 Cor 12, 27), uma tal expressão não suprime a nossa qualidade de homem, a nossa personalidade humana. Não é o membro de Cristo que vem substituir o homem: é o homem que se torna membro de Cristo. Ou, referindo-nos ao nosso vocabulário, é precisamente quando o homem é divinizado que ele fica plenamente humanizado, se é verdade que Cristo é, ao mesmo tempo, plenamente homem e plenamente Deus. Ele não pode fazer com que nos tornemos no que Ele é sem, ao mesmo tempo, nos humanizar e nos divinizar.

Para escapar à abstracção e, ao mesmo tempo, à mitologia, temos de considerar o homem na sua realidade. Ora o homem não se compreende na sua realidade senão quando se compreende na sua história. O homem abstracto não existe. O homem real, o homem que Jesus Cristo assumiu, para o transformar, é o homem que vive uma história: homem ou mulher, solteiro ou casado, com ou sem filhos, desempregado ou no trabalho, etc.

Por minha parte, quando tenho um bocadinho de tempo, antes de celebrar a missa, gosto muito de pegar numa hóstia não consagrada e, com ela na mão, meditar diante desse pedaço de pão. Existem, aliás, duas expressões sinónimas: ganhar a vida e ganhar o pão. O pão é a vida. E pergunto-me: Como é que Deus vê este pedaço de pão? Não o vê como veria uma pedra. Porque este pão é o resultado de toda uma história. Para que eu possa tê-lo nas minhas mãos, foi preciso o trabalho do lavrador, do sementeiro, sem falar de todos os que fabricaram a charrua; depois, foi necessário o trabalho dos ceifeiros e dos fabricantes da segadora, a seguir o trabalho do moleiro, do padeiro, portanto, de todos os conjuntos de ofícios que fabricaram o amassadouro do padeiro, etc. Este pão é o fruto da transformação da natureza. A nossa obra, a nossa tarefa humana é a humanização da natureza, a transformação do mundo para que ele seja mais humano. É por isso que temos de ser muito severos para com o trabalho que não humanize verdadeiramente. Se a

matéria sai da oficina enobrecida e o homem envilecido, é um verdadeiro escândalo. Há nisto um começo de diálogo com o marxismo, visto que essa ideia de que o homem se faz homem no e pelo trabalho está na base do marxismo.

Se ficamos por aí, acabou-se. A história do homem continuará puramente humana, girando sobre si mesma: vai-se comer este pão e, depois, continua-se a trabalhar, a transformar a natureza e a produzir pão, sem qualquer projecção para além da história. Mas, se eu colocar este pão sobre o altar, Cristo faz dele o seu próprio Corpo, diviniza-o ou cristifica o que eu mesmo humanizei. A oração de apresentação do pão e do vinho é maravilhosa: *“Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos e que para nós se vai tornar Pão da vida”, “... pelo vinho... fruto da videira e do trabalho do homem... que para nós se vai tornar Vinho da salvação”*.

Se o pedaço de pão que eu levo ao altar não for o homem, a Eucaristia não tem grande significado, a não ser o de um Cristo que cai do céu num pedaço de pão para se tornar nosso alimento, no sentido em que isso nos consola, nos fortalece, nos permite lutar contra as tentações: voltamos a cair num moralismo absolutamente infantil, que os nossos contemporâneos não poderão aceitar. A verdade é que toda a história do homem se converte no corpo de Cristo. Nem por isso ela deixa de ser uma história humana, mas desemboca num mais além do homem, que é a sua verdadeira vocação. E é quando o homem se converte verdadeiramente no Corpo de Cristo que ele se torna plenamente homem.

Não poderíamos, para educar as crianças, realizar filmes de curta metragem em que se mostrasse toda a história da hóstia, desde a lavoura até ao altar? A hóstia não existe senão ao cabo de toda uma transformação da natureza pelo homem, e Cristo diviniza, cristifica o que o homem já transformou, realizando a sua tarefa humana. A Eucaristia é o sinal eficaz do trabalho humano realizado.

Aconteceu que, numa sacristia de Leninegrado, saqueada durante a revolução de 1917, os comunistas tiraram todos os vasos sagrados e puseram simbolicamente no seu lugar os instrumentos de trabalho. Fizeram bem em levar os seus instrumentos de trabalho, mas teria sido melhor metê-los nos vasos sagrados em vez de os terem arremessado. Se esta história é verdadeira, é um exemplo típico do enorme mal-entendido que existe actualmente e do qual nós, os cristãos, somos parcialmente responsáveis, porque esquecemos que Jesus Cristo é homem. Se Deus Se fez homem, não foi, de modo algum, para pôr o homem de parte!

Recordo a observação duma rapariga comprometida em relação à guerra do Vietnam, de um modo, aliás, muito inteligente:

- A missa, estou farta! Os meus pais querem obrigar-me a ir lá!
- Vejamos, digo-lhe eu, nunca percebeu o laço que possa existir entre a Eucaristia e o seu compromisso político?

Olhou para mim julgando que eu estava louco:

- De maneira nenhuma!
- Oh!, então, se não percebe essa ligação, compreendo muito bem que já não vá mais à missa. Que iria lá fazer? De facto, se vai à missa é porque Cristo diviniza toda a sua actividade comprometida e dá uma dimensão de Reino eterno a toda a sua tarefa humana. O seu trabalho pessoal não consiste em fazer pão, mas em estabelecer a paz entre os homens. É uma actividade transformante. Toda a actividade humana humanizante é transformante, quer se trate do nível modesto das relações entre esposos, entre pais e filhos, professores e alunos, etc., quer das instituições. Na comunhão, Cristo dá-Se-nos em alimento para que tenhamos não só força humana, mas uma energia verdadeiramente divina para trabalharmos na construção da comunidade humana fraterna. Porque, sem Cristo, nada podemos fazer (Jo 15, 5).

Portanto, Cristo está presente não como alguém que cai do céu, mas como o fruto da transformação divinizante que Ele opera nesse mistério mais central da nossa fé, a Eucaristia. A hóstia consagrada não é só Cristo, mas também o homem cristificado.

Sacrifício

Isto deve ajudar-nos a compreender como a Eucaristia é o sacramento dum Sacrifício. Esta palavra está desvalorizada, desviada do seu sentido original na linguagem corrente: fazer o sacrifício dum situação ou dum parte de prazer; costuma-se dizer às crianças: faz o sacrifício dum bocadinho de chocolate! Habitúamo-nos a identificar sacrifício e privação, e deixamos de ir à raiz das coisas.

Torna-se muito difícil compreender que o acto sacrificial é o acto pelo qual nos referimos a Deus (etimologicamente, sacrifício significa: tornar sagrado, divino). É o que há de mais alto na existência humana. É aquilo pelo qual nós ratificamos a nossa vocação profunda, a de nos expandirmos em Deus, no Absoluto. O sacrifício não é, antes de mais, uma privação, mas a

orientação positiva de todo o nosso ser, de toda a nossa vida para Deus. E dar-se a Deus é a única maneira de sermos nós próprios. Deus é Amor. O homem não é plenamente homem senão quando existe para Deus.

Isto implica, evidentemente, uma privação, porque, num mundo de pecado, não se pode viver, ao mesmo tempo, para Deus e para si, estar referido a Outro e a si mesmo. Ser pura referência a Deus, é renunciar a ser o seu próprio centro. Conhecemos o nosso egoísmo, sabemos muito bem que, nos nossos actos mais generosos, fechamo-nos em nós próprios. Quem, de entre nós, se atreveria a afirmar: quanto a mim, não existo senão para Deus e para os meus irmãos?

Na história do mundo, sem falarmos do caso particular da Virgem Maria, há apenas um homem de quem afirmar que toda a sua actividade, toda a sua vida foi um sacrifício. A vida de Jesus Cristo é uma referência contínua a Deus. No seu ser profundo – é por isso que nós acreditamos n’Ele e sabemos que Ele é o centro de tudo – Ele é o único que nunca realizou um acto livre por Si mesmo, mas qualquer um dos seus actos livres foi Amor. Toda a sua vida não foi senão Caridade. Nem o mínimo indício de fechar-Se em Si mesmo, de vontade própria, de olhar para Si, de movimento egoísta. Todo o ser de Cristo é um ser sacrificial. Cristo é o Homem perfeito, na medida em que Ele é pura, absoluta referência a Deus e aos outros. Eu digo: aos outros, porque – volto a repetir – não existe oposição entre o homem e Deus. Deus só nos pede que trabalhemos pela verdadeira felicidade dos nossos irmãos, os homens. Se aquilo que fizermos pelo homem é verdadeiramente para o bem profundo do homem, resulta, ao mesmo tempo, para Deus.

O Sacrifício de Cristo culmina na sua morte na cruz. Porque só a morte pode ser a prova de que não se vive para si. Sabemos bem que é sempre mais ou menos por cobardia que tratamos de escapar à morte. Mesmo que não se trate da morte definitiva, total, trata-se, sim, da morte parcial, que é redução do conforto, a renúncia a determinados privilégios, em suma, tudo o que nos arranca ao nosso egoísmo e à nossa preguiça. Daí, a frase admirável de Péguy: *“A vida não existe senão para ser dada”*.

A Eucaristia é o sacrifício de Cristo, o Amor que não é senão Amor e, portanto, vai até à morte, e do qual emerge o novo nascimento, a Ressurreição. Uma de duas: ou o amor é mais forte do que a morte, ou a morte é mais forte do que o amor. O mistério pascal significa que o amor é mais forte do que a morte. É verdade para Cristo e para nós, se é verdade que Cristo não é um estranho, se nos mantemos n’Ele como os membros do corpo. Basta ter o coração bem centrado para compreender que a vida não é autêntica se não for uma vida sacrificada, isto é, com passagem até Deus. A Eucaristia é sinal desta realidade.

Acção de graças

Etimologicamente, Eucaristia significa acção de graças. Não é por acaso. O sentido original de “graça” é “beleza”. Daí se passa à ideia de gratuidade, portanto, de dom. O verdadeiro dom é gratuito. O dom supremo é o perdão, isto é, o dom perfeito. Daí a expressão “conceder graça”. Dar graças é reconhecer que tudo é graça, daí o reconhecimento no sentido de gratidão. Se tudo é graça, tudo deve ser retribuição de graças. É pena que não usemos o substantivo “redição” de graças.

No Evangelho, Cristo mostra-nos como toda a natureza deve ser recebida das mãos do Pai, como um dom do Pai. O Evangelho ensina-nos que devemos, antes de mais, viver o amor como acolhimento. **Acolher**. Tudo é dado. O mundo é-nos dado e posto em nossas mãos. “*Não vos inquieteis, dizendo: “Que vamos comer? Que vamos beber? Que vamos vestir?” As pagãos é que procuram essas coisas. O vosso Pai que está no Céu, sabe que precisais de tudo isso*” (Mt 6, 31-31). Os pagãos são proprietários das coisas: adquirem-nas e possuem-nas. Os cristãos são administradores das coisas: recebem-nas e acolhem-nas. É por isso que os pagãos são inquietos. Os cristãos são ou deveriam ser calmos. O mundo actual é agitado na medida em que a sua fé não é viva, ou esquece que tudo vem de Deus e que, se Deus é verdadeiramente nosso Pai, todos nós devemos ser tranquilos como o são todos os que têm confiança.

Jesus olha a natureza com um olhar límpido, sereno. Mesmo perante a fome e a morte, que são situações extremas. Para Ele, pedir e dar graças são a mesma coisa. Ele pede com palavras de acção de graças, tão certo está que o Pai Se ocupa de seus filhos! Desde que eles se preocupem com o Reino de Deus: “*Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e Deus vos dará, em acréscimo, todas essas coisas*” (Mt 6, 33). Todas essas coisas, quer dizer, o pão quotidiano: “*Pai, venha a nós o vosso Reino, dai-nos o nosso pão*”, isto é, tudo aquilo que necessitamos para viver – o que condiciona a nossa vida.

Vejamos bem o que Jesus diz sobre esta situação extrema, a fome. Ele não diz: “*Pai, peço-Te que multipliques os pães nas minhas mãos*”, mas “*Pai, dou-Te graças*” (Jo 6, 11). Antes da multiplicação dos pães, Jesus agradece, tão certo está que vai ser escutado. E face à outra situação extrema, que é a morte, junto ao sepulcro de Lázaro, Jesus diz: “*Pai, Eu Te dou graças porque Me ouviste*”. Parece que ainda não é verdade, Lázaro continua cadáver, não voltou à vida, mas Jesus diz: “*Pai, eu Te dou graças*” (Jo 11, 41).

Se, no deserto, Jesus recusa o alimento, é porque este não Lhe é dado pelo Pai. É o sentimento profundo da sua recusa a transformar as pedras em pão. Ele não quer comer senão Lhe é possível dar graças. Não se arroga o direito de usar o que quer que seja da natureza se não é o Pai quem Lho dá. Ora, se Ele transformasse as pedras em pães por magia, seria um alimento não recebido do Pai. Bastaria que, no Evangelho, Jesus tivesse feito, não este milagre, porque não seria um milagre, mas este prodígio, para que nós tivéssemos o direito de desconfiar de todo o Evangelho.

S. Paulo respira acção de graças. Poderíamos dizer que a respiração de Paulo é uma respiração de agradecimento: *“Damos continuamente graças a Deus; não deixamos... de dar graças incessantemente...”* (1 Ts 1, 2; Fl 1, 3; 1 Cor 1, 4; Ef 1, 15-16, etc.). O enorme coração de Paulo! Para ele, aliás, a acção de graças vai sempre ligada à graça ou à fé. A graça é o que Deus dá ao homem. A fé, o acolhimento do dom de Deus. Por isso: *“Agradeço a Deus por vossa causa, pela graça que vos foi concedida”* (1 Cor 1, 4) ou: *“Damos graças a Deus ... tendo ouvido falar da fé que tendes em Jesus Cristo”* (Cl 1, 3).

É preciso compreender a ligação entre a Eucaristia-acção de graças e a Eucaristia-alimento: o alimento é a nossa relação mais essencial com a natureza. Temos necessidade de comer para viver; mas que comemos nós? Carne, fruta, legumes – tudo isso nos vem da natureza, na qual não estamos isolados. Claudel diz que “o mais pequenino verme da terra precisa, para viver, de toda a organização dos planetas” e que “para o voo duma borboleta, necessita-se todo o universo”. Também eu, para viver, preciso todo o universo, o sol e o mar incluídos.

O pão é o símbolo de tudo o que Deus dá para viver. O pão e o vinho são o alimento básico dos países mediterrânicos, também do país de Jesus. Ao tirar ao meu alimento um pouco de pão e algumas gotas de vinho, quero significar que toda a natureza deve ser devolvida ao Pai. A Eucaristia é, pois, a acção de graças sob as espécies do alimento. Se tudo é graça, tudo deve ser acção de graças. Para significar este tudo, nada melhor do que o pão e o vinho, sem ao quais nada é possível. São os elementos da própria vida. Deus dá para que nós devolvamos o que é dado. *“Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, por este pão que recebemos da vossa bondade...”*

Vejam bem que nós não temos de dar, mas devolver, voltar a dar, porque o que nós temos já é dom. Dar, é fazer um acto de propriedade. Damos o que possuímos. E, por isso, a frase de Pascal: *“Meu Deus, eu Vos dou tudo”* não é totalmente cristã. A frase cristã é a de Santo Inácio de Loiola no fim dos seus *Exercícios Espirituais*: *“Tudo o que tenho... a Vós, Senhor, o restituo”*.

— | |
—

Não somos proprietários de nada, somos administradores. A caridade sem acção de graças não seria uma verdadeira caridade cristã. Seria uma prodigalidade de proprietário.

O pão e o vinho eucarísticos são a restituição a Deus de toda esta natureza que Deus dá ao homem para viver. Para o marxista, a relação do homem com a natureza é o trabalho; para o cristão também, bem entendido, mas é, com base na acção de graças, uma disposição profunda, absolutamente diferente de uma mentalidade de proprietários. Sem a Eucaristia, a nossa vida fica falseada; é vida de proprietário. Ora, a Vida eterna é a ausência total de propriedade. Deus não é proprietário, de modo algum. Com a Eucaristia, a nossa vida é verdadeira, é uma vida de reconhecimento, isto é, de conhecimento reflectido do verdadeiro.

Sacramento da comunidade humana a construir

Sublinhemos, finalmente, que, se Cristo Se nos dá em alimento, é para nos reunir em comunidade fraterna. Não é pelo facto de eu ter insistido muito sobre Cristo tornando-se alimento de cada um, que vamos negligenciar o simbolismo da refeição, isto é, um alimento que comemos juntos e não cada um no seu cantinho, separadamente. O aspecto pessoal e o aspecto comunitário são ambos essenciais. Cristo instituiu a Eucaristia, sinal da Nova Aliança, no mesmo momento em que promulga a única cláusula da Nova Aliança: *“Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”*. A cláusula da união com Deus é a união fraterna dos homens entre si, isto é, a construção da comunidade humana. Não há aliança com Deus sem aliança dos homens entre si.

O simbolismo do pão e do vinho aparece explicado desde os primeiros séculos, como o testemunham alguns trechos de certas orações eucarísticas: “Da mesma maneira que os grãos de trigo estiveram espalhados pelos campos e foram moídos numa única farinha, assim como os cachos de uva estiveram espalhados pelas colinas e foram esmagados num único vinho, que todos nós sejamos, ó Deus, reunidos numa única comunidade fraterna”. Santo Agostinho dizia: *“Sempre que comemos o Corpo de Cristo, incorporamos a nós toda a humanidade”*.

Quando compreendemos que o pedaço de pão consagrado que recebemos é uma parcela desse pão imenso que é toda a humanidade divinizada por Cristo, não há razão para sentir aborrecimento. Por isso, pode revestir-se a celebração eucarística de elementos culturais: A Eucaristia deve ser uma festa, mas nunca um *music-hall*! A Eucaristia é antes a condição de toda a

festa porque, se não houvesse eucaristia, não haveria esperança de ressurreição e a festa humana ficaria encerrada no círculo da morte.

Uma comunidade não é unicamente uma colectividade. Só existe quando se dão laços recíprocos de amor ou amizade, se cada um é para os outros mais do que para si próprio. Aquele que nos faz “**um**”, é Cristo. É por essa razão que Ele nos dá o seu Corpo sempre que é partilhado. O pão eucarístico é o pão partido, a “*missa*” é a “*fracção do pão*”, isto é, construção da comunidade. Quando digo a oração antes de comer, tenho muito cuidado em não dizer: “*Abençoaí, Senhor, este alimento que vamos comer e dá pão aos que o não têm*”. Tenho demasiado receio de que Deus me responda: “*És tu quem deve dar-lho*”. Digo sempre: “*Ajuda-me a partilhar*”.

A partilha do mesmo Pão significa que devemos partilhar com os outros tudo o que nos é possível partilhar: dinheiro, tempo, cultura, etc. Acontece, porém, que, tendo partilhado o mesmo pão, se fala mal do vizinho, ou se recusa um serviço, etc., mas isso é pecado. “Aquele – escreve Bossuet – que recebe a Eucaristia sentindo ódio no coração contra o seu irmão, violenta o Corpo do Salvador”. “*Se, ao apresentares a tua oferta no altar, o teu irmão tiver alguma coisa contra ti, deixa a oferta no altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão*” (Mt 5,23), caso contrário ela não significa absolutamente nada. Sempre imaginei que, ao chegar para celebrar missa às onze horas, alguém, saindo da igreja, me detivesse: “estou-me a lembrar que estou de mal com uma pessoa da minha família; vou-me reconciliar; espero ter ainda tempo de voltar para a missa”. Se nós tivéssemos verdadeiramente consciência de que esta partilha do pão é sinal de que devemos partilhar tudo, passaria a haver na civilização uma base sólida. A Eucaristia é o sacramento da unidade humana.

Uma coisa importa compreender: as nossas refeições humanas são impotentes para exprimir uma unidade totalmente reconciliada no amor. As refeições que nós tomamos em nossas casas, com as nossas famílias e amigos, não podem significar senão uma fraternidade muito parcial: somos oito ou doze a partilhar a mesma comida, nada mais! Aliás, nunca se vê convidar inimigos para a mesa. Não há reunião humana sem *exclusão*. Podemos ir até mais longe e dizer que, na refeição humana, o pedaço que eu como, tu não o comes. Esta observação pode parecer infantil, mas não é. Porque, enquanto na França estamos numa economia de abundância, existem, noutros continentes, povos inteiros que não têm com que matar a fome. Não há dúvida de que estes problemas são múltiplos e complexos: é a economia, são os mercados, é o egoísmo das nações ricas, mas é a partir daí que se trata de reflectir para compreender que a humanidade ainda não é fraternal.

Gosto muito de celebrar eucaristias “domésticas”, na sala de jantar duma família: começa-se pela refeição amigável, continua-se com uma reflexão sobre o Evangelho e termina-se com a celebração. Há nisto qualquer coisa de emocionante, pois apalpa-se verdadeiramente uma relação real entre o sinal eucarístico e a vivência da fraternidade humana.

Uma das melhores recordações da minha vida é aquele encontro dum grupo de patrões, engenheiros, empregados e trabalhadores da mesma empresa, todos cristãos. Durante duas horas, a reunião foi muito dura: os pontos de vista dos patrões, dos engenheiros e dos trabalhadores eram opostos. No fim, já nos íamos separar quando um trabalhador se levanta e diz: “*Somos cristãos, não vamos separar-nos sem rezar o Pai-nosso*”. Aqueles homens que durante duas horas se tinham enfrentado duramente, rezam juntos o Pai-nosso. Poderíamos ter celebrado a Eucaristia: nessa altura, teria assumido todo o seu sentido. Porque ela não é o coroamento duma fraternidade já realizada, mas a exigência duma fraternidade que se trata de construir arregaçando as mangas, cada um segundo a sua vocação e possibilidades. É toda a dialéctica do “já”, mas “ainda não”.

A Eucaristia é a crítica das nossas refeições humanas, que são certamente legítimas, mas que excluem muito mais do que reúnem. Apropria-se o alimento. **Só o Corpo de Cristo ressuscitado não pode ser apropriado**, porque está para além dos limites da natureza e da história. Ele mesmo é a Desapropriação absoluta, a Caridade, Aquele que é sem qualquer espécie de propriedade. Não se pode apropriar nenhuma desapropriação, isso não tem qualquer significado. Toda a refeição humana não passa de uma vitória provisória⁴ sobre a agressividade, o ódio, o egoísmo; nenhuma se pode vangloriar de ser uma vitória definitiva. A única refeição que significa a reconciliação universal é a partilha do Corpo de Cristo. A Eucaristia recorda-nos, dia a dia, que, fora da morte e da ressurreição de Cristo, não existe fraternidade universal possível.

Não tem sido sem razão que a Igreja, ao longo dos séculos, impôs aos cristãos o dever de participar na assembleia eucarística, pelo menos, uma vez por semana. Actualmente, ela insiste muito menos nisso, porque há uma repugnância às demonstrações demasiado extrínsecas de autoridade. O que a Igreja espera é que o progresso dos anos vindouros seja tal que os cristãos já não precisem dum mandamento explícito para participar na missa.

Porque a Eucaristia é o Sacramento por excelência. É Cristo crucificado que, enquanto homem, está todo voltado para Deus e, enquanto Deus, todo

⁴ C. DUQUOC, “A Eucaristia sacramento da existência reconciliadora Luz e Vida”, n.º 94.

voltado para o homem. Cristo é o abraço, atrevo-me a dizer, a cristalização destes dois impulsos. *O Beijo* de Rodin é só um bloco de mármore; a mulher é toda movimento para o homem, o homem todo movimento para a mulher. Isto não passa duma imagem, mas pode ajudar-nos a compreender a realidade do amor entre Deus e o homem. A hóstia consagrada é, ao mesmo tempo, o dom do homem a Deus (isto é, o Sacrifício) e o dom de Deus ao homem (isto é, o Sacramento). No fim de tudo isto, dá-se o que me obstino em chamar a nossa definitiva divinização, quer dizer, o objecto da nossa esperança: a nossa plena e total liberdade na alegria. *"Quero que, onde Eu estiver, estejais vós também"* (cf. Jo 17, 24). *"Nós O veremos tal qual é"* (cf. 1 Jo 3, 2). É o que Jesus Cristo nos traz de insubstituível.

II. PISTAS DE REFLEXÃO

1. Em muitas recomendações, o Padre Varillon emprega a palavra *"cristificado"*. Como é que entendemos pessoalmente esta palavra?

2. Quando participamos numa Eucaristia, temos consciência de assistir a uma transformação e a uma divinização das nossas marcas humanas em Cristo?

3. Qual é a nossa oferta na Eucaristia?

4. Como é que, concretamente, vivemos no quotidiano as realidades de *"sacrifício"*, *"de acção de graças"* tal como são apresentadas pelo Padre Varillon?

III. TEXTO DE MEDITAÇÃO: 1 Cor 11, 23-29

Este texto deve ser utilizado na oração da reunião de Equipa.

Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue tomou o pão, e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o Meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em Minha memória”. Do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a Nova Aliança no Meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em Minha memória”. Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha. E, assim, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor.

Examine-se cada qual a si mesmo e, então, coma desse pão e beba desse cálice. Aquele que come e bebe, sem distinguir o corpo do Senhor, come e bebe sua própria condenação.

IV. SUGESTÕES PARA DEVER DE SE SENTAR EM CASAL

* O que representa para cada um de nós a EUCARISTIA?

* Que ligações fazemos entre a eucaristia e o nosso sacramento do matrimónio?



EPÍLOGO

Quero terminar com uma nota de optimismo e de esperança. Se compreenderam bem os sub-temas apresentados, o que deve dominar em cada um é a esperança e a alegria. Seja qual for o peso da vida, seja qual for o sofrimento que não podemos deixar de sentir perante a divisão dos cristãos, a Igreja encontra-se em plena renovação. Mas nós todos devemos contribuir para ela e isto não pode fazer-se sem esforço.

Tal como o exprimem as últimas palavras de Joana d'Arc na fogueira (de Claudel):

EXISTE A ESPERANÇA QUE É A MAIS FORTE!

EXISTE A ALEGRIA QUE É A MAIS FORTE!

EXISTE O AMOR QUE É O MAIS FORTE!

